



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Guilherme Santos Gomes

**“Política também se aprende na escola”: a luta da E. M. Friedenreich pela
sua permanência no Maracanã, Rio de Janeiro**

Duque de Caxias

2022

Guilherme Santos Gomes

“Política também se aprende na escola”: a luta da E. M. Friedenreich pela sua permanência no Maracanã, Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leticia de Luna Freire

Duque de Caxias

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

G633 Tese	Gomes, Guilherme Santos “Política também se aprende na escola”: a luta da E. M. Friedenreich pela sua permanência no Maracanã, Rio de Janeiro / Guilherme Santos Gomes- 2022. 128 f. Orientadora: Leticia Luna Freire Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1. Escolas públicas – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 2. Eventos esportivos - Teses. I. Freire, Leticia Luna. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título. CDU 37(815.3)
--------------	--

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Guilherme Santos Gomes

“Política também se aprende na escola”: a luta da E. M. Friedenreich pela sua permanência no Maracanã, Rio de Janeiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Comunicação e Cultura.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Leticia de Luna Freire (Orientadora)

Faculdade de Educação – UERJ

Prof. Dr. Mario Sergio Ignácio Brum

Departamento de História – UERJ

Prof.^a Dra. Priscila Ribeiro Gomes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação às pessoas que me completam como ser humano: vó Valdete, meu maior bem; irmã Jaqueline, meu alicerce; Iara, minha companheira e confidente. Aos meus heróis, mãe, pai e tia, que agora me acompanham dentro do coração: Marta, José Luiz e Vânia (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Listar as pessoas que participaram de uma pesquisa de dois anos, é no mínimo um desafio. Corro o risco de ser até injusto de não citar alguém, mas não posso deixar de nomear algumas, já que essa jornada é bastante longa e permeada por afetos.

Agradeço primeiramente à espiritualidade por me manter firme diante de todos os contratempos surgidos durante o curso.

À minha família por me completar e me incentivar a buscar cada vez mais meus objetivos. Vocês são fundamentais para mim, são a base, o início dessa jornada.

À minha querida orientadora, professora Leticia de Luna Freire, pela sua imensa sensibilidade, que me acolheu em 2019 no Núcleo de Pesquisa Educação e Cidade (NUPEC/EDU-UERJ) e por guiar-me diante dos desafios da pós-graduação.

Aos colegas dos grupos de pesquisa NUPEC/EDU-UERJ e EducAr/UNIRIO pela parceria em nossas reuniões, pelas divertidas conversas e oportunidades vivenciadas.

À minha professora, amiga e membro da banca examinadora da qualificação e defesa desta dissertação, Priscila Ribeiro Gomes, por me apresentar o mundo acadêmico e as incontáveis possibilidades de pesquisas entre Arquivologia e educação.

Ao professor Mário Brum pelas contribuições para o enriquecimento do meu trabalho, além da gentileza em participar das bancas de qualificação e defesa.

À comunidade da Escola Municipal Friedenreich, que me ensinou que política também se aprende na escola, aqui representadas por algumas pessoas: Aline Mora, Ana Carolina Latsch, Andrea Buna, Andrea Filardi, Andrea Neves, Aurea Xavier, Bruna de Carvalho, Carlos Ehlers, Carolina Martins, Claudia Mesquita, Fatima Couto, Felipe Rothier, Ilza Rothier, Jonas Xavier, Juliana Araújo, Kate Lane, Lian Maia, Luiz Fabio, Marcia Cristina, Mariana Thuller, Monica Martins, Randolpho Ferreira, Renata Correa, Rodrigo Maia, Rosangela Passos, Sandra Malias, Rita Rogato, Sheyla Vivório, Simone de Oliveira, Sonia Cunha, Tania Luz, Tania Muniz, Terezinha de Jesus, Thaissa Rothier e Vanja Carneiro.

Ao Programa De Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC), em especial ao Leonardo, secretário do Programa pela prontidão na solução de nossas demandas e ao incrível amigo Reginaldo, o melhor representante de turma de todos os tempos.

Por fim, à UERJ pela incrível experiência que me proporcionou, nunca esquecerei!

RESUMO

GOMES, Guilherme Santos. *“Política também se aprende na escola”*: a luta da E. M. Friedenreich pela sua permanência no maracanã, Rio de Janeiro. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

Esta dissertação tem como objetivo analisar o processo de mobilização coletiva da Escola Municipal Friedenreich para permanecer em seu local de origem, no bairro do Maracanã, Rio de Janeiro, entre os anos 2009 e 2013. Inaugurada em 1965, a unidade de ensino, situada entre os estádios do Maracanã e do Maracanãzinho, tornou-se alvo dos projetos de remoções no contexto dos megaeventos esportivos na cidade nos anos 2000, em particular a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Dessa forma, buscamos compreender como a comunidade escolar conseguiu articular-se politicamente e construir um contradiscurso frente à ameaça de demolição e transferência da instituição para outro bairro, envolvendo sociedade civil, organizações não-governamentais e outros movimentos sociais, até obter um resultado exitoso no conflito. Para o desenvolvimento deste trabalho, realizou-se levantamento bibliográfico, jornalístico, audiovisual e documental, usando principalmente os arquivos da própria escola. A pesquisa nas redes sociais também contribuiu com imagens que ajudaram a materializar no texto o longo caminho de resistência da escola. Além disso, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com 20 atores que participaram ativamente do processo, possibilitando o reconhecimento de fatos e detalhes que permanecem ativos na memória coletiva dos sujeitos que frequentam e frequentaram a E. M. Friedenreich. Analisando este vasto e diverso material, concluímos que a mobilização coletiva advinda do conflito com o Estado consistiu em um importante processo de aprendizagem e socialização política da comunidade escolar, repercutindo até hoje na construção da memória e da identidade da instituição e dos sujeitos.

Palavras-chave: Escola Municipal Friedenreich; Megaeventos esportivos; Memória coletiva; Mobilização coletiva; Socialização política

ABSTRACT

GOMES, Guilherme Santos. *“Politics can also be learned at school”*: the E.M. Friedenreich struggle for its permanence in Maracanã. Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado em educação, cultura e comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

This dissertation aims to analyze the process of Friedenreich Municipal School's collective mobilization to stay at its place of origin, located at Maracanã neighborhood. Opened in 1965, this teaching institution, located between the Maracanã and Maracanãzinho stadiums, was the target of a demolition plan in the context of 2000s mega-sporting events in Rio de Janeiro, in particular the 2014 World Cup and the 2016 Olympic Games. Thus, we seek to understand how the school's community was able to articulate itself politically and build a counter discourse in facing the threat of demolition and its transfer to another neighborhood, involving civil society, non-governmental organizations and other social movements, until it obtained a successful resolution to the conflict. Methodologically, this research conducted bibliographical survey, social media, audiovisual and document analysis, mainly using the archives of the school itself. Through analysis of social platforms, its images helped to transpose onto paper the long journey of resistance endured by the school. In addition, semi-structured interviews were conducted with 20 individuals whom actively participated in the process, enabling us to recognize the facts and details that still remain active in the collective memory of each individual about the specific struggle. Examining this large and varied material, we conclude that the collective mobilization, due to the conflict with the State, consisted of an important learning process and political socialization inside the school's community. This learning process and political socialization has had continual consequences in the construction of its memory and identity.

Keywords: Friedenreich Municipal School, Sports mega-events, Collective memory,
Collective mobilization, Political socialization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Complexo Esportivo do Maracanã e seu entorno.....	21
Figura 2	Presença de Arthur Friedenreich na inauguração de escola com seu nome ...	22
Figura 3	El Tigre a favor do profissionalismo no futebol	29
Figura 4	Leônidas, Friedenreich e Pelé, conhecidos como A Santíssima Trindade, em 1961.....	30
Figura 5	Entrada da E. M. Friedenreich com a Estátua do Bellini ao fundo.....	35
Figura 6	Pátio da E. M. Friedenreich com o parquinho e a quadra ao fundo.....	36
Figura 7	Corredor da E. M. Friedenreich.....	37
Figura 8	Placa de inauguração da escola.....	38
Figura 9	Quadra de esportes coberta e o parque infantil.....	41
Figura 10	Moção de congratulações e reconhecimento recebida em 2008.....	42
Figura 11	Volta olímpica dos alunos na cerimônia de abertura dos jogos de 1996.....	43
Figura 12	Primeira manifestação realizada no entorno da escola.....	50
Figura 13	Primeira notícia em um veículo de grande circulação sobre a demolição....	52
Figura 14	Linha do tempo com alguns eventos com números expressivos de público...	57
Figura 15	Ilza Rothier e Felipe Rothier no dia da gravação do vídeo “Escola não se destrói - Para onde vamos?”	59
Figura 16	Convite para Audiência Pública sobre a E. M. Friedenreich.....	63
Figura 17	Protesto realizado em 01 de dezembro de 2012.....	64
Figura 18	Alunos no ato contra a demolição de sua escola.....	65
Figura 19	Crianças cantando “não deixe a escola morrer”	67
Figura 20	Carta do aluno Felipe agradecendo o apoio à escola.....	68
Figura 21	Live promovida pelo Meu Rio para alertar apoiadores sobre possível invasão	71
Figura 22	Professora Andrea Filardi no ato de 16/03/2013.....	72
Figura 23	Presença da comunidade escolar no primeiro evento-teste do Maracanã....	73
Figura 24	Professora Aline Mora lendo para as crianças nas dependências do CASS...	74
Figura 25	Sérgio Cabral anuncia a permanência da E. M. Friedenreich.....	76
Figura 26	Figura solicitando apoio nas redes sociais.....	85
Figura 27	Carlos ao lado de sua esposa Ana Paula representando a comunidade Friedenreich.....	86

Figura 28	Figura de lançamento da ferramenta Painela de Pressão.....	88
Figura 29	Manifestação de apoio do Centro Educacional Católica de Brasília.....	89
Figura 30	Oficina em parceria com a Aldeia Maracanã, liderada pelo indígena Dauá Puri	90
Figura 31	Página de financiamento coletivo para levar as crianças à audiência pública.....	92
Figura 32	Reunião dos representantes do Meu Rio com a comunidade da E. M. Friedenreich antes da audiência pública.....	93
Figura 33	Audiência pública no Galpão da Cidadania.....	93
Figura 34	Parte da comunidade escolar com o vereador Carlo Caiado, autor da proposta.....	95
Figura 35	Comunidade da E. M. Friedenreich na galeria da CMRJ.....	97
Figura 36	Entrega da carta e presentes à moradora que cedeu sua varanda para o movimento “De Guarda.....	98
Figura 37	Vídeo ao vivo com atualizações.....	99
Figura 38	Aluno Jonas Xavier sendo pintado por um indígena da Aldeia Maracanã...	100
Figura 39	Desenho elaborado pelo aluno Lian.....	102
Figura 40	Charge Latuff para o aluno Lian.....	103
Figura 41	Alunos Luiz Fábio e Jonas na Culminância do 1º bimestre de 2013.....	106
Figura 42	Desenho da aluna Julia Alves de cinco anos.....	108
Figura 43	Entrega da carta elaborada por alunos à SME/RJ.....	111
Figura 44	Parte dos participantes da aula pública na Prefeitura do RJ.....	112
Figura 45	Aurea Xavier falando sobre a causa da escola em um protesto contra a privatização do Maracanã.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAEE	Agente de Apoio à Educação Especial
AEE	Atendimento Educacional Especializado
ALERJ	Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
CASS	Centro Administrativo São Sebastião
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEC	Conselho Escola Comunidade
CEFET-RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CMRJ	Câmara Municipal do Rio de Janeiro
COC	Conselho de Classe
COI	Comitê Olímpico Internacional
CPCORJ	Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DPU	Defensoria Pública da União
FIFA	Federação Internacional de Futebol
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MP	Ministério Público
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
ODEPA	Organização Desportiva Pan-Americana
ONGs	Organizações não governamentais
PEI	Plano Educacional Individualizado
PL	Projeto de Lei
PM	Polícia Militar
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEPE-RJ	Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro
SME	Secretaria Municipal de Educação
SUDERJ	Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UVA	Universidade Veiga de Almeida

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	JOGADOR, ESTÁDIO E EDUCAÇÃO: AS RESISTÊNCIAS QUE CONSTITUEM A E.M. FRIEDENREICH	20
1.1	Arthur Friedenreich.....	22
1.2	Maracanã: o estádio monumental.....	32
1.3	Escola Municipal Friedenreich.....	35
2	OS GRANDES LEGADOS DE UMA PEQUENA ESCOLA E OS PEQUENOS LEGADOS DOS MEGAEVENTOS.....	44
2.1	Copa do Mundo e Olimpíadas: benefícios para quem?.....	45
2.2	Resistir no lugar: momento de educar.....	48
3	LUGAR COLETIVO, LUGAR DE MEMÓRIAS.....	77
3.1	O vínculo dos sujeitos com a escola	77
3.2	A construção de um contradiscurso, um trabalho de convencimento....	81
3.3	O combate em coletivo.....	90
3.3.1	<u>Audiência Pública.....</u>	91
3.3.2	<u>Luta pelo tombamento da escola na Câmara Municipal.....</u>	94
3.3.3	<u>O medo da demolição nas férias.....</u>	97
3.3.4	<u>O ataque diante de seu portão.....</u>	99
3.4	Socialização política para além dos muros escolares.....	104
3.5	Lugar de memórias.....	113
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	123
	APÊNDICE – Roteiro das entrevistas	128

INTRODUÇÃO

Segunda-feira, dia 05 de agosto de 2013, mais um dia em que alunos, responsáveis e educadores amanheceram com a agonia, o medo e a incerteza de perder sua escola. Todavia, exatamente às 16h44min, o então governador Sérgio Cabral anunciou em seu perfil em uma rede social na internet que a Escola Municipal Friedenreich não seria mais demolida, uma sensação de alívio inexplicável para os que lutavam incansavelmente pela sua permanência.

De início, para a compreensão desta data tão significativa para os sujeitos escolares, é importante compreender sua localização no espaço geográfico no contexto dos megaeventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro. A E. M. Friedenreich fica localizada na Avenida Maracanã, 350, no bairro Maracanã, Zona Norte da capital fluminense¹. Foi inaugurada em 28 de setembro de 1965 pelo governador Carlos Lacerda, recebendo esse nome em homenagem ao jogador de futebol Arthur Friedenreich, um dos principais jogadores da seleção brasileira de futebol no início do século XX.

Tombada provisoriamente em âmbito municipal pelo Decreto nº 37530 de 09 de agosto de 2013 e posteriormente tombada pela Lei nº 5638 de 06 de dezembro do mesmo ano – a qual foi promulgada pela Câmara de Vereadores – a E. M. Friedenreich possui um público diverso, composto principalmente por crianças dos bairros da Mangueira, Vila Isabel, Rio Comprido, Tijuca, Grajaú e do próprio Maracanã. Acomoda em dois turnos cerca de 360 alunos da Educação Infantil (pré-escola) ao 5º ano do Ensino Fundamental. Atualmente, além da quadra de esportes coberta, secretaria, refeitório e sala dos professores, a escola possui 10 salas de aula, incluindo sala de leitura, informática e sala de recursos multifuncionais. Até o ano de 1999, a unidade escolar atendia da pré-escola ao 9º ano do Ensino Fundamental. A partir de 2000, passou a funcionar da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Situada em uma localização bastante valorizada, principalmente a partir da eleição da cidade como uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol, uma vez que a escola se situa no entorno imediato do Estádio Jornalista Mário Filho (vulgo Maracanã), tornou-se um espaço estrategicamente interessante para a realização de obras. Havia a intenção de demolir seu prédio para a construção de equipamentos que apoiassem os eventos no estádio a fim de satisfazer

¹ Além do Estádio do Maracanã, compõem o complexo esportivo o Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), o Estádio de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare. Já a E. M. Friedenreich e o antigo prédio do Museu do Índio – que já estava naquela localidade anteriormente à formação do estádio – também são construídos no mesmo terreno, mas não encontramos publicações que cite essas duas instituições integrantes do complexo esportivo, como os demais citados acima.

exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e, posteriormente, do Comitê Olímpico Internacional (COI), sendo esses os responsáveis, respectivamente, pela Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de verão de 2016, também sediada na cidade.

Em 2007, a partir da notícia de que 12 cidades brasileiras sediariam a Copa do Mundo de 2014 e o Rio de Janeiro seria uma das principais bases no país, instaurou-se na cidade um premeditado processo de reconfiguração de seu tecido urbano, no qual estaria “acompanhado de um novo padrão de governança empreendedorista neoliberal, fundada no estabelecimento de parcerias público-privadas, que transfere para o setor privado a gestão de equipamentos e espaços públicos” (SANTOS JUNIOR; NOVAES, 2015, p. 41).

Muitas especulações foram iniciadas a respeito das transformações do Complexo Esportivo do Maracanã, incluindo a escola municipal que ocupa uma pequena parte do terreno no entorno do estádio. O medo se justificava pelas excludentes transformações vividas por outros países-sede, as quais foram respaldadas por organismos internacionais que visavam principalmente o lucro.

Todavia, por dois anos não se observou uma abertura de diálogo do governo com os demais setores da sociedade possivelmente atingidos. Somente em 2009, com a divulgação do projeto das obras, foi constatado que a escola não permaneceria nas suas atuais instalações e, segundo a própria Secretaria Municipal de Educação, seria transferida temporariamente para uma outra escola no bairro de Vila Isabel². O governo estadual somente confirmou o projeto de demolição dias após a validação da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016. Foi nesse contexto que começaram as movimentações dos educadores, responsáveis e estudantes para garantirem a permanência da E. M. Friedenreich no Maracanã.

Possuir uma educação de qualidade em um lugar emblemático como o Maracanã deveria ser um orgulho para o Estado. A E. M. Friedenreich já oferecia um atendimento de qualidade à população e, em 2009, apresentou nota 7.0 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) ficando entre as 10 melhores escolas municipais da cidade³. Além disso, sua localização facilitava o deslocamento de grande parte das famílias dos estudantes matriculados, já que estava próximo a diversas linhas de ônibus e às estações de metrô e trem.

A comunidade escolar, compreendendo a necessidade de resistir à intenção dos governantes em demolir o prédio e remover todos os agentes escolares, articulou-se com outros

² ‘Projeto do Maracanã para a Copa prevê destruição de escola-modelo’. Folha de São Paulo, 04 nov. 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0411200928.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

³ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – Resultados e Metas. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=5734345>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

movimentos sociais e lutou bravamente para ser ouvida e permanecer em seu local de origem. Seus sujeitos foram para fora dos muros escolares em busca de seus direitos, inclusive fazendo-se presente na maioria das manifestações ocorridas principalmente nos anos de 2012 e 2013, nas quais buscavam denunciar os grandes desvios de recursos públicos e desejos obscuros nas remoções de favelas e nas obras superfaturadas em prol dos megaeventos planejados para a cidade.

Em nome do desenvolvimento do capital, a unidade de ensino daria lugar a algo significativamente lucrativo, como um shopping center, um estacionamento ou qualquer novo empreendimento que pudesse dar retorno financeiro. Como ressalta Freire (2013), o neoliberalismo utiliza dos grandes projetos urbanísticos e eventos internacionais como forma de aquecimento do mercado urbano, gerando, todavia, o acirramento de muitos conflitos. Dessa maneira, a Friedenreich foi uma pequena semente que germinou e lutou bravamente contra as remoções lucrativas para alguns e impiedosas para a coletividade.

Durante várias reuniões promovidas pelos responsáveis dos estudantes, foi possível perceber a força de vontade e a esperança na vitória. Um dos pontos mais citados era que os sujeitos escolares tinham o direito de debater sobre o futuro da sua própria escola. Um governante não deveria ter o poder de demolir um prédio inaugurado na década de 1960 repleto de significados para milhares de famílias que relacionam naquele ambiente reflexões que remetem a uma construção ao longo de sua história, carregada de vivências, experiências e emoções.

Ocupar o cargo de secretário escolar na E. M. Friedenreich e ter participado intimamente desse processo foram, sem dúvida, determinantes na escolha do tema da pesquisa e tal papel me permitiu tanto “falar de dentro” quanto adquirir um grande aprendizado sobre o real significado de luta pela educação pública. Fazer parte do corpo escolar em um dos momentos mais tensos de sua história proporcionou sensações que nunca haviam sido manifestadas anteriormente, pois somente quem vive aquele momento sente verdadeiramente as angústias que não nos abandonava nem mesmo nas práticas pedagógicas. A presente sensação de que os tratores seriam acionados a qualquer momento para a demolição da nossa escola era uma realidade dolorida.

A minha preocupação em preservar e acumular os documentos relacionados à tentativa de demolição da escola não possuía inicialmente a finalidade de produzir um trabalho acadêmico. Esta possibilidade surgiu ao ingressar, em 2016, no curso de graduação em Arquivologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e posteriormente ao frequentar o projeto de extensão "Ensinar e aprender nos/com arquivos: (re)viendo as práticas

pedagógicas", e o projeto de pesquisa "Educação e Arquivos: experiências e contexto plurais", ambos coordenados pela professora Priscila Ribeiro Gomes, na mesma instituição. A aquisição de um olhar mais crítico para as documentações produzidas na e sobre a instituição foi essencial para perceber a importância de sistematizar as informações que tratam sobre um processo tão significativo para a comunidade escolar, culminando na construção da minha monografia de conclusão de curso com o título "A importância dos registros documentais para a (re)construção da identidade dos sujeitos da Escola Municipal Friedenreich" (GOMES, 2019).

O ingresso, em 2019, no Núcleo de Pesquisa Educação e Cidade (NUPEC), coordenado pela professora Leticia de Luna Freire, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi bastante importante para compreender a relação entre os estudos urbanos e a educação. Desta forma, perceber um pouco mais sobre as intensas relações cotidianas que as escolas e seus sujeitos vivem na cidade fortaleceu ainda mais o desejo em aprofundar analiticamente a pesquisa sobre a E. M. Friedenreich, culminando no ingresso, no ano seguinte, no Curso de Mestrado Acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/FEBF-UERJ). O ingresso neste programa também possibilitou a minha vinculação ao projeto de pesquisa intitulado "A cidade, o bairro e a escola: sociabilidades, conflitos e experiências cidadinas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro", coordenado pela professora Leticia de Luna Freire, que também orientou a construção desta dissertação.

Como pesquisador e educador, a escrita é uma das possibilidades de continuar resistindo. É a consequência de um longo aprendizado que obtive indo além dos muros escolares defender o direito à educação, à história e à memória a milhares de pessoas que passaram ou mesmo passarão por aquele lugar.

Assim, trabalhar academicamente este processo pode colaborar para a reflexão sobre as relações entre a dinâmica urbana e o cotidiano escolar e com o surgimento de mais uma ferramenta contra o esquecimento de um momento tão significativo para a história da instituição. A partir deste trabalho, alunos, responsáveis, educadores e pesquisadores conhecerão melhor este importante período de resistência da Escola Municipal Friedenreich contra as ganâncias do capital e, de modo geral, da história da educação pública na cidade.

Desse modo, nos debruçamos sobre a seguinte pergunta básica: diante da ameaça de demolição e deslocamento da Escola Municipal Friedenreich, promovida no contexto dos megaeventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, como a comunidade escolar se articulou para resistir e garantir sua permanência no Maracanã? De maneira complementar, busquei também responder: o que a mobilização coletiva decorrente deste conflito nos ensina sobre as

possibilidades no uso dos documentos como instrumentos de fortalecimento identitário? Como práticas memorialísticas e patrimoniais podem contribuir para tecer diálogos permanentes sobre mobilização coletiva e sociabilidade política na comunidade escolar?

Levando em consideração as disputas territoriais que giravam em torno dos megaeventos ocorridos na cidade, este trabalho buscou investigar, analisar e sistematizar os registros e as narrativas acerca do processo de luta pela permanência da Escola Municipal Friedenreich no Maracanã. Procurando contextualizar e mapear o processo ocorrido entre o ano de 2009 e 2013, em que surgem diversos interesses e alianças em disputa, tanto pelo Estado, quanto pela comunidade escolar, foi possível estudar como a escola e seus sujeitos enfrentaram este processo em sua própria prática pedagógica, construindo um contradiscurso que justificava sua permanência à sociedade, favorecendo o sentimento de coletividade e pertencimento social a uma instituição pública de qualidade. Compreendendo que essas ações culminaram na permanência do prédio em seu local de origem, analisamos como este conflito e seus desdobramentos contribuíram para a formação crítica dos atores envolvidos em busca pelo direito à educação e à cidadania. Proporcionando, assim, a materialidade de uma ação pedagógica que refletiu diretamente na prática social dos indivíduos.

Consideramos que o movimento pela proteção da Escola Municipal Friedenreich, apesar de se configurar em nível local, se engloba no caso dos movimentos sociais que, através do mundo, incorporaram a “pauta da preservação de prédios históricos devido à sua importância histórica-cultural e transformando-os em símbolos da luta contra a visão de cidades-negócio [...]” (DODEBEI; WERNECK, 2014, p. 56). Dessa maneira, há uma grande importância social e científica em compreender, de dentro, o longo processo de resistência e mobilização de uma comunidade escolar em defesa de sua instituição de ensino na capital fluminense, mesmo que a vitória da E. M. Friedenreich em 2013 não signifique sua permanência no local eternamente.

Em nosso levantamento bibliográfico, constatamos que o conflito envolvendo a E. M. Friedenreich ainda não foi analisado diretamente em outros trabalhos na pós-graduação e acreditamos que ter construído uma dissertação sobre o tema contribui para elucidar este capítulo importante da história da instituição e da própria cidade e colabora com o compartilhamento de experiências, inspirando outros movimentos de resistências. É possível perceber que outras unidades de ensino sofreram ou ainda sofrem com a especulação imobiliária e correm o risco de remoção, como é o caso recente da Escola Municipal Doutor Cícero Penna,

em Copacabana⁴. Esta unidade escolar sofreu com a ameaça de ter seu prédio de origem demolido para a construção de uma edificação de 12 andares, gerando grande lucratividade para a própria Prefeitura do Rio de Janeiro e para o mercado imobiliário. Rapidamente a sua comunidade escolar se articulou e elaborou um abaixo-assinado contra o projeto⁵, mobilizando redes sociais, imprensa, setores da sociedade civil e parlamentares. Rapidamente o tombamento da Escola Municipal Doutor Cícero Penna foi aprovado na Assembleia Legislativa e sancionado pelo governador⁶, seguindo os mesmos passos posteriormente em âmbito municipal.

Além disso, os documentos acumulados ao longo deste processo podem tornar-se instrumentos que colaboram para o fazer pedagógico, situando o aluno em uma dinâmica social. O arquivo se torna “vivo” e fomenta a projeção da história da instituição como um espaço dialético, contribuindo para que o(a) estudante (re)signifique sua condição enquanto sujeito, não só no espaço micro do cotidiano escolar, mas também em um espaço macro, voltado para a sociedade.

A metodologia desenvolvida foi, em um primeiro momento, o levantamento bibliográfico, tanto de material jornalístico (fontes digitais e impressas), quanto de trabalhos científicos (teses, dissertações, artigos e livros) relacionados ao caso. Além disso, foram analisados materiais audiovisuais produzidos por diversos atores e organizações, documentos do Ministério Público, eventos e mobilizações coletivas, além da integração com organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Cabe salientar que realizamos uma análise qualitativa das fontes consultadas através de registros documentais internos à escola e demais documentos pertencentes ao arquivo pessoal do autor e de outros sujeitos da comunidade escolar, além de publicações em redes sociais e artigos acadêmicos que estudam todo o processo e a mobilização

⁴ Em 30/04/2021 a Prefeitura do Rio de Janeiro enviou à Câmara Municipal um projeto que visava autorizar a alienação de imóveis pertencente à Administração Pública, incluindo terreno da escola com mais de 900m², localizado na Avenida Atlântica 1.976, no bairro de Copacabana-RJ. ‘Prefeitura do Rio quer vender um imóvel na Avenida Atlântica hoje ocupado por escola municipal’. O Globo, 02 maio 2021. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/prefeitura-do-rio-que-vender-imovel-na-av-atlantica-hoje-ocupado-por-escola-municipal.html>>. Acesso em: 08 maio 2021.

⁵ Este abaixo-assinado foi uma iniciativa da própria comunidade escolar como um dos meios de divulgar o projeto de demolição da escola, alcançando mais de 8 mil assinaturas. ‘CONTRA A VENDA DO TERRRENO DA E.M. MUNICIPAL DR. CÍCERO PENNA (COPACABANA)’. Avaaz - Petições da Comunidade, 03 maio 2021. Disponível em: <https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/prefeitura_do_rio_de_janeiro_profissionais_de_educ_contra_a_venda_do_terreno_da_em_municipal_dr_cicero_penna_copacabana/?zUUjYib>. Acesso em 27 maio 2021.

⁶ ‘Castro sanciona tombamento do prédio da Escola Municipal Doutor Cícero Penna, em Copacabana’. O Globo, 14 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/castro-sanciona-tombamento-do-predio-da-escola-municipal-doutor-cicero-penna-em-copacabana-25017659?utm_source=Whatsapp&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar>. Acesso em: 27 maio 2021.

coletiva contra as violações de direitos, as obras faraônicas e as demolições que ocorriam no Rio de Janeiro como justificativas para Copa do Mundo e Olimpíadas.

Durante os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022, entrevistamos – de forma semi-dirigida – 20 pessoas que estavam vinculadas à E. M. Friedenreich durante o processo de luta, entre ex-alunos, pais, mães, avós, professores e funcionários de apoio que autorizaram a divulgação de seus nomes durante o decorrer do trabalho⁷. Considerando os cuidados relativos à pandemia da COVID-19, os encontros desenvolveram-se individualmente de forma presencial com 6 entrevistados e os demais remotamente, variando entre 30 minutos a 2 horas, por meio dos aplicativos Zoom, Microsoft Teams e WhatsApp, que possibilitaram apresentar aos leitores alguns dos sujeitos que contribuíram e deixaram suas marcas.

A vitória da E. M. Friedenreich não foi divulgada nos veículos oficiais de comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro ou do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Observamos apenas o compartilhamento das constantes notas altas que a escola alcançou e manteve durante os anos no IDEB e visitas de autoridades, como do ministro da Educação Primária e Alfabetização de Bangladesh⁸. É claro que ter uma boa instituição de ensino é orgulho para qualquer país, todavia, precisamos divulgar o contexto daquele sucesso, o qual foi construído a partir de muita resistência.

Caso somente os registros oficiais e os testemunhos dos representantes do Estado à época colhidos pela imprensa fossem levados em consideração, entenderíamos que comunidade escolar apresentou apenas negativa de ir para um lugar melhor, livre de obras e barulhos causados pelas obras em seu entorno. Paul Ricoeur deixa claro que testemunhos falsos são desmascarados somente com uma instância crítica “cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis” (2007, p. 40-41).

O ciclo entre o início e o fim da passagem dos sujeitos escolares naquela determinada unidade é normal e faz parte da dialética do tempo, por isso, sistematizar os registros também é um ato de resistência. Da mesma maneira que “o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida” (ARTIÈRES, 1998, p. 14), a escola, reconhecendo a coletividade que a constitui, também necessita garantir às gerações um arquivo que cumpra seu papel em compartilhar a formação identitária da instituição. As experiências de resistências

⁷ Disponibilizamos o roteiro de entrevistas no apêndice desta dissertação.

⁸ Nesta publicação no próprio site da Prefeitura, por exemplo, a E. M. Friedenreich foi selecionada para receber uma visita diplomática da comitiva Ministério da Educação de Bangladesh, no qual o próprio ministro estava presente. ‘Escola da Prefeitura do Rio é selecionada como exemplo nacional para receber visita do Ministro da Educação de Bangladesh’. Prefeitura do Rio de Janeiro, 15 jul. 2019. Disponível em: <<https://prefeitura.rio/educacao/escola-da-prefeitura-recebe-ministro-da-educacao-de-bangladesh/>>. Acesso em 22 maio 2021.

anteriores podem significar possibilidades de futuras conquistas, pois a compreensão dos feitos passados pelos novos sujeitos do presente os instrumentaliza para contratempos que possam surgir.

Tornar o prédio da escola um lugar de memória é garantir a socialização das sensações inerentes àquele espaço democraticamente. Há vários fatores que levam os membros do corpo escolar a deixarem de fazer parte daquele meio, como os estudantes que concluem os anos iniciais do ensino fundamental e os educadores que cumprem os requisitos para aposentadoria, por exemplo. Considerando esta inevitável renovação, não há a intenção de restringir o compartilhamento das memórias somente às pessoas que frequentaram a escola naquele período determinado, sim a todo corpo escolar que se renova organicamente com o tempo, pois “menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória” (NORA, 1993, p. 18)”.

O caso relativo ao período de luta pela não demolição da escola está registrado na memória coletiva, sendo repassado por meio da oralidade, todavia, é necessário garantir que haja uma escrita sobre este conjunto, facilitando e resguardando o direito de apropriação das memórias às futuras gerações que irão frequentar aquele espaço. É uma herança do passado, pois “[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2013, p. 435).

Considerando a não espontaneidade da memória, como afirma Nora (1993), a documentação acumulada pode contribuir para o fortalecimento e o enriquecimento do próprio arquivo escolar. Seu uso – para além de um olhar voltado às necessidades administrativas – amplia o valor social junto aos cidadãos que frequentam o espaço, estimulando sentidos patrimoniais, culturais, identitários e memoriais (RODRIGUES; GOMES, 2021). Desta maneira, o espaço físico fornece possibilidades de identificação do sujeito a partir na formação de algum tipo de memória, mesmo que residual.

Além desta introdução e das considerações finais, optamos por construir esta dissertação em três capítulos que foram estruturados da seguinte forma:

No primeiro, apresentamos ao leitor as resistências que constituem a E. M. Friedenreich: jogador, estádio de futebol e educação. Buscamos compreender a ligação da unidade escolar com o seu patrono, Arthur Friedenreich, e apresentamos o vizinho estádio do Maracanã como um fator determinante para a tentativa de remoção da escola. Além disso, localizamos geograficamente a instituição e descrevemos alguns aspectos de seu funcionamento e de sua estrutura.

No segundo problematizamos parte dos impactos causados pelas Olimpíadas e Copa do Mundo no Rio de Janeiro, como as diversas remoções de favelas e os desvios de verbas públicas que aos poucos foram revelados. Também analisamos como uma pequena escola conseguiu conquistar tanta visibilidade e, com o apoio dos demais setores da sociedade civil, conquistou a permanência em seu lugar de origem até a atualidade.

Já no último, analisamos – a partir das narrativas dos sujeitos escolares – o processo da luta da E. M. Friedenreich para compreender os diversos laços, sentimentos e aprendizagens produzidos durante os quatro anos de resistência. Nesse sentido, reconhecendo a importância da educação para além dos muros da escola e de sua dialética temporal, abordamos como essa luta colaborou para a (re)construção da identidade da escola a partir de uma análise da memória coletiva e das documentações produzidas, assim como para promover um processo de socialização política até então inédito entre os participantes.

1 JOGADOR, ESTÁDIO E EDUCAÇÃO: AS RESISTÊNCIAS QUE CONSTITUEM A E.M. FRIEDENREICH

O processo de resistência da Escola Municipal Friedenreich é mais um retrato das milhares de lutas travadas pela sociedade na busca por educação. Os sujeitos que compõem a formação da escola deverão estar atentos às políticas públicas, principalmente quando envolvem educação, pois é comum perceber o surgimento mascarado de projetos que prejudicam o contexto educacional. Ao dar a voz aos seus sujeitos, a Friedenreich fez o que toda instituição de ensino deveria exercer: a decisão final partirá da própria comunidade escolar, que escolheu lutar contra o grande capital, mesmo sabendo das pequenas possibilidades de vitória.

A formação da escola já possui uma ligação histórica com resistências. Seu patrono, Arthur Friedenreich foi um dos principais jogadores de futebol no Brasil na primeira metade do século XX, época na qual o esporte era declaradamente racista e elitista. Duarte (2012) diz que no início de sua carreira, pobres e negros não tinham a possibilidade de assistirem aos jogos das arquibancadas e muito menos exercerem uma posição em campo.

O Estádio Jornalista Mário Filho, o famoso “Maracanã”, também possui uma história de resistências. O “maior do mundo” foi construído para abrigar mais de 150 mil torcedores, uma ligação com o povo que se transformou em uma cultura compartilhada entre avós, pais e filhos, fortalecendo ainda mais os laços do carioca com o futebol. Sua importância nacional foi materializada oficialmente após um longo processo no livro do tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O bairro Maracanã foi criado oficialmente em 1981, 16 anos após a construção da escola, seguindo o apelido do próprio estádio e o nome do rio que corta a região. É vizinho dos bairros da Mangueira, São Francisco Xavier, Vila Isabel, Tijuca, Rio Comprido, Praça da Bandeira e São Cristóvão. Além do famoso complexo esportivo – composto pelo estádio de futebol Maracanã, Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), o Centro de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare –, a localidade abriga diversas instituições de grande importância para a cidade, como a E. M. Friedenreich, o antigo Museu do Índio, o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), a Universidade Veiga de Almeida (UVA) e o principal campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). As estações de trem, metrô e diversas linhas de ônibus reforçam a importância do bairro para a dinâmica urbana de passageiros, ligando as principais regiões da cidade.

Figura 1 – Complexo Esportivo do Maracanã e seu entorno



Fonte: Google Earth, com intervenções do autor, 2021

28 de setembro de 1965 foi a inesquecível data em que foi celebrada a união entre o craque, a escola e o estádio. Arthur Friedenreich foi à inauguração de uma instituição escolar que levaria seu nome junto a um complexo esportivo tão importante. Este fato foi materializado por uma reportagem publicada no Jornal do Brasil de 29 de setembro de 1965 (figura 2). A publicação registra as presenças do governador Carlos Lacerda, da secretária de educação Maria Teresinha Saraiva e do deputado Gama, mas enfatiza o comparecimento de Arthur Friedenreich, o “[...] famoso jogador de futebol, considerado o Pelé de 1920 [...]” à inauguração da escola a qual seria patrono. O jornal destaca a fotografia do ex-atleta com crianças ao seu redor com o título “Pelé dos bons tempos” e a descrição “Friedenreich, ás do futebol de 1920, ficou cercado de jovens estudantes, curiosas por ver ‘um craque antigo’”.

Figura 2 - Presença de Arthur Friedenreich na inauguração de escola com seu nome



Fonte: FRIEDENREICH, 1965.

O nome dado à nova escola não poderia ser mais bem escolhido, pois o tempo mostra como uma unidade escolar localizada no Maracanã e Arthur Friedenreich podem ser parecidos no campo da resistência. A Instituição aprendeu com seu patrono como é complicado lutar e confrontar imposições surgidas a partir de um sistema desigual, mas a vitória é possível.

1.1 Arthur Friedenreich

Filho de Mathilde, negra, descendente de escravos e Oscar Friedenreich, comerciante, branco e descendente de alemães. Casaram-se contrariando os preconceitos da época e, como fruto deste relacionamento, nasceu na Cidade de São Paulo, seu filho Arthur Friedenreich, de pele parda e olhos verdes, em 18 de julho de 1892 (DUARTE, 2012).

Arthur Friedenreich, embora não muito conhecido na atualidade, se destacou em sua época por ser considerado um dos melhores jogadores no futebol brasileiro, todavia, sofreu para ser aceito em sua especialidade justamente pelo racismo. Sendo resistência em uma cultura considerada elitizada e praticada apenas por homens brancos, o jogador possui uma luta reconhecida, inclusive com diversas homenagens, como no Museu Afro Brasil de São Paulo,

sobre a contribuição negra para o futebol brasileiro⁹. Como diz Costa (1999, p. 13) “a cor da pele definia as classes sociais no Brasil República no início do século XX. Não ser branco era uma barreira quase intransponível para se conseguir algum bem ou sucesso na vida.

O futebol, como é conhecido atualmente, foi sistematizado na Europa no século XIX e chegou ao Brasil com Charles Miller em 1894¹⁰, apenas dois anos após o nascimento de Friedenreich. Esse fato marcou o início de grandes transformações de um esporte que se popularizou fortemente e hoje é praticado em nível mundial. Responsável pela movimentação de bilhões de reais em transações que envolvem jogadores e propagandas, esse esporte chegou ao Brasil como uma consequência da modernização, em que a cultura dita “refinada” europeia necessitava ultrapassar as barreiras continentais e ser praticada também pelas elites em ascensão, não abandonando o rigor nos modos impostos pelas etiquetas modernizadoras.

Práticas que pudessem ser comparadas com agressão, confusão, brigas ou desordem eram vigorosamente repudiadas pela alta sociedade, assim, o futebol deveria seguir os bons costumes aristocráticas, compondo um espaço geográfico por meio de elegantes maneiras e disciplinas exemplares. Seguindo este raciocínio, todos os povos considerados marginalizados, principalmente os negros, não teriam o direito de acesso a essa cultura, já que a prática futebolística deveria ser destinada a um segmento minoritário e civilizado. Duarte ressalta que nos primeiros anos do século XX os “pobres e negros não tinham vez nas arquibancadas, tampouco no gramado” (DUARTE, 2012, p. 24)

Nesta época, cabe ressaltar que a economia brasileira era essencialmente rural, possuindo uma indústria pouco desenvolvida. Havia, de fato, uma clara hierarquia entre pobres, ricos, brancos e negros. O compartilhamento entre práticas culturais era minimamente difundido, possuindo uma classificação inflexível entre os sujeitos da sociedade. No esporte, percebia-se uma rigidez na definição do público-alvo: jovens de classe alta e com instrução superior. Gonçalves Junior relata em sua dissertação que “era preciso manter o esporte dentro de certos parâmetros sociais, alicerçando-se na ampla valorização daquilo que era tido como boa educação e no fato de ser uma prática exclusiva das elites” (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 23).

⁹ ‘Contribuição negra para o futebol brasileiro é tema de mostra em São Paulo’. UOL, 23 jun. 2010. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/06/23/contribuicao-negra-para-o-futebol-brasileiro-e-tema-de-exposicao-em-sao-paulo.jhtm>> Acesso em 23 mar. 2020.

¹⁰ Charles Miller, filho da elite brasileira que estudou na Europa, é considerado oficialmente pela historiografia como o introdutor do futebol no Brasil, todavia, há registros anteriores de duelos entre marinheiros na zona portuária, colégios da elite carioca e clubes da colônia inglesa (CASTRO, 2016).

Esta prática não foi observada em alguns países sul-americanos. Máximo (1999) apresenta que a burguesia da Argentina e Uruguai, por exemplo, utilizava o futebol para estimular o operariado a ocupar seu pouco tempo vago jogando bola. Havia o propósito de consumir a energia de seus trabalhadores, evitando assuntos que abordassem política, direitos trabalhistas ou ações subversivas que contrariassem o sistema vigente. Assim, é possível observar que já naquela época, times eram formados por jogadores de origem mais humilde.

Em seu livro, “O Tigre do futebol”, Costa (1999) apresenta as memórias de Geraldo Lunardelli, amigo de Friedenreich nos tempos de infância. Em contato com estes registros, compreende-se que o futuro atleta já manifestava, desde bem jovem, um grande impulso pelo futebol, principalmente com as bolas feitas de meias de seda que brincava com seus companheiros. O autor conta que o pai do sportista apresentava o desejo que seu filho concluísse os estudos e ingressasse em uma faculdade. Estudava no Colégio Mackenzie, e como suas notas não o ajudavam, passava constantemente por repreensões e cobranças de seu pai, que inclusive chegou a proibir de ir a jogos, furando até uma de suas bolas. Seu foco realmente estava relacionado ao futebol e a prova disso, ainda criança, com apenas 10 anos de idade tornara-se jogador do São Paulo do Bexiga, time de várzea paulistana, que somente permitia a participação de brancos em sua equipe, ele era uma exceção dos diretores (COSTA, 1999).

Os jogos de várzea eram conhecidos por não possuírem uma estrutura adequada, sem regras fixas, com partidas não sistematizadas. Este espaço não era reconhecido pela elite dominante, já que era composto majoritariamente pela classe operária. A várzea foi o espaço responsável por ancorar o futebol como um desenvolvimento de práticas culturais nos centros urbanos, fornecendo significações para aquela sociedade, primeiramente por sua estética que era bastante singular, e por seu desenvolvimento simbólico de identidade e memória que aquele espaço proporcionava (SANTOS, 2007). Clubes de origem popular em São Paulo, como o Corinthians, eram chamados de clubes de várzea, justamente por serem compostos por operários. Estes, no pensamento da alta aristocracia, não eram dignos de participar dos times considerados nobres. Assim, jogar contra clubes que se intitulavam representantes da nobreza significava sofrer com as constantes humilhações e provocações. Para a alta sociedade burguesa, a boa conduta era medida pela disciplina exemplar da torcida, por isso, trabalhadores não deveriam formar torcidas, já que estavam fora destes padrões.

Aspecto altamente relevante presente no discurso elitista da modernidade paulistana – a se mostrar também no futebol – é a questão da boa-educação como elemento fundamental da civilidade. Havia um ideal de respeito e “conduta exemplar” esperado dos atletas, da arbitragem e da torcida. Não se via com bons olhos a violência, o jogo

brusco, a deslealdade, tampouco a torcida ruidosa e pouco disciplinada (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 22).

O reconhecimento do futebol como profissão foi uma realidade somente a partir de 1933 em alguns clubes do Rio de Janeiro e São Paulo (DAMO, 2005). Portanto, no início da década de XX, o esporte era considerado como um lazer, sendo os times formados por pessoas ligadas a outras profissões como médicos, engenheiros e advogados.

Desta maneira, os homens marginalizados desta prática “oficial” realizavam suas partidas em terrenos baldios e locais não apropriados. Este exercício causou forte repreensão pelo próprio Estado, sendo constantemente denunciado por alguns cidadãos que justificavam suas ações pelas possíveis brigas, alvoroço, e quebradeiras praticadas por vadios e desempregados. Certamente, ver outras classes sociais praticando o esporte não representava a boa reputação dos valores do ocidente europeu, sendo veemente reprimidos pela polícia.

Sabe-se que os times de futebol eram compostos, principalmente até a década de 1930, por homens brancos e Friedenreich foi uma exceção naquele cenário, pois na década de 1910 – período em que estava buscando entrar em times de elite – a participação de pretos nem sequer era cogitada. Pode-se afirmar, que seu pai (comerciante alemão) contribuiu para sua inserção no esporte, levando-o para reuniões futebolísticas mais elitizadas. Todavia, a cor de Friedenreich não deixava de ser um aspecto que o deixava mais distante de seu sonho em compor equipes reconhecidas nacionalmente. Costa (1999) destaca que para ter menos dificuldades em ser aceito, Friedenreich utilizou alguns artifícios para esconder suas características físicas, como o alisamento de seus cabelos e uso de gorros.

Aos dezessete anos, o jogador sofreu com uma de suas primeiras barreiras no esporte ao tentar integrar um time vinculado à colônia alemã de São Paulo, o Germânia. Mesmo com a tentativa de intervenção de seu pai no processo, o clube rejeitou o jogador com a justificativa de que ele não se adequava ao jogo, se comparado aos outros colegas (GONÇALVES JUNIOR, 2008). Logo em seguida começou a atuar no Ipiranga – um clube novo que começava a fazer peso no cenário paulista –, iniciando na reserva, e graças ao seu talento, elevou-se rapidamente a atacante titular (COSTA, 1999).

Sua carreira começou a decolar quando, em 1912, tornando-se artilheiro do campeonato paulista pelo Mackenzie, fazendo 18 gols em 15 partidas, participando no ano seguinte, para a primeira excursão de um time brasileiro ao exterior (COSTA, 1999). Como consequência de seu desempenho, foi convocado para as seleções paulista e brasileira. Em 21 de julho de 1914, participou do primeiro jogo da Seleção Brasileira contra o Exeter City da Inglaterra, com relatos

de uma partida muito agressiva, fazendo Friedenreich resistir até o fim com menos dois dentes e blusa manchada de sangue (COSTA, 1999).

Há registros de sua presença não ser bem-vinda e repudiada em alguns casos nas coletivas de imprensa, pois sua figura não era comum e trazia estranheza. O futebol não era exceção das práticas racistas. O jornal Estado de São Paulo, publicou em 29/06/1914 a seguinte análise sobre Friedenreich “Jogador medíocre e que não está à altura de representar nossa terra” (apud GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 59).

A data de 29 de maio de 1919 é marcada pela disputada final do campeonato Sul-Americano – atualmente Copa América – no estádio do Fluminense, bairro nobre de Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Nesta partida, Friedenreich foi um jogador de destaque, marcando o gol da vitória, Brasil 1 e Uruguai 0. Importante salientar que neste ano, ele já havia se consagrado no futebol paulista com sua forma singular de jogo e agora era o responsável por marcar o único gol da vitória, ensejando um título de bastante peso para o país.

Considerando a tamanha projeção do título, os campeões foram levados em clima de festa e recebidos como heróis pelo presidente Arthur Bernardes no Palácio do Catete. Já Friedenreich, o autor do gol, foi homenageado com uma foto de sua perna esquerda estampada na primeira página do jornal A Noite, além da exposição de sua chuteira em uma vitrine de uma famosa joalheria na região central da capital (DUARTE, 2012). Pelo seu desempenho durante o campeonato, foi considerado o melhor jogador da Seleção Brasileira no Sul-Americano e conquistou dos uruguaios o apelido que levava orgulhosamente até o fim de sua vida: El Tigre. (GONÇALVES JUNIOR, 2008).

O nome de Friedenreich, agora já conhecido como El Tigre circulava pelos principais jornais do Brasil. Duarte (2012) destaca algumas páginas publicadas no dia 30 de maio de 1919 pelos seguintes jornais: Correio da Manhã, Correio Paulistano, O Estado de São Paulo, Gazeta de Notícias, O Imparcial, Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, A noite e O Paiz.

O nome de Friedenreich atravessa as grandes cidades e se espalha pela rede de telégrafos e telefones. Seu gol é estampado em jornais ou narrado de boca por viajantes, marinheiros e tropeiros, percorrendo rios, sertões e mares pelo Brasil afora. O gol recebe uma homenagem de Pixinguinha, que compõe um chorinho imortal batizado de “1 a 0” (DUARTE, 2012, p. 98).

Assim, esse esporte aos poucos ganhava uma projeção popular, “o futebol nunca estivera tão na alma do povo. Dali em diante a paixão só cresceria. Torcer tornar-se-ia quase uma religião” (MÁXIMO, 1999, p. 184), O protagonismo de um jogador pardo em uma partida tão importante contribuiu para a ressignificação do operariado diante da possibilidade de

alcançar este prestígio, pois anteriormente um fato como esse nunca havia ocorrido em um esporte oficial com uma proporção gigantesca no Brasil¹¹.

Todavia, o preconceito ainda se mostrava muito presente fora e dentro dos campos. Em 1921, Duarte (2012) sinaliza que o próprio presidente Epiácio Pessoa, impulsionado para proporcionar uma “boa imagem” do país no exterior, recomendou que negros não fossem incluídos na Seleção que iria disputar o Campeonato Sul-Americano, em Buenos Aires. Cabe ressaltar que nesta pesquisa não foi encontrada qualquer determinação publicada pelo poder executivo à época, entendendo que certamente houve uma recomendação direta entre o chefe do executivo e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF)¹². Para Máximo (1999) o nosso país era declaradamente racista. O autor sinaliza que clubes como o Grêmio Porto-alegrense materializaram em seus estatutos a proibição de pessoas pretas vestirem a camisa oficial do time, sendo esta vedação extinguida somente na década de 1950, duas décadas após a profissionalização do futebol.

Após a consolidação de seu reconhecimento nacional, o jogador e o time do Paulistano embarcaram para estreiar em 1925 pela primeira vez na Europa. Sua primeira partida foi com a seleção francesa e findou com a vitória do Paulistano por incríveis 7 x 2, promovendo um verdadeiro estardalhaço no mundo do futebol. No total da viagem, foram oito vitórias, uma derrota, trinta e um gols do time, sendo onze de autoria do El Tigre (COSTA, 1999). O autor ainda afirma que “o artilheiro brasileiro, que fez onze gols na excursão, foi considerado o mais fantástico atleta que o mundo jamais vira” (*ibid*, p. 40).

Sua carreira é bastante extensa, atuando como jogador de 1909 a 1935. É conhecido como um homem com personalidade forte, praticando o que acreditava, pois não era somente a bola que o fascinava, o futebol era muito além da partida. Já abandonou o campo em 1921, em Buenos Aires, interrompendo uma partida para apagar um incêndio provocado na bandeira do Brasil por torcedores argentinos inconformados com a derrota em curso (COSTA, 1999).

¹¹ "O autor do gol da primeira conquista da seleção foi Friedenreich, filho de um alemão com uma negra [...] Os torcedores nas arquibancadas e no alto dos morros que circundavam o palco da partida ainda não sabiam que aquela vitória sobre a seleção uruguaia seria o passo inicial para miscigenação do futebol nacional". 'Conquista da primeira Copa América pela seleção brasileira completa 100 anos'. TERRA, 29 maio 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/conquista-da-primeira-copa-america-pela-selecao-brasileira-completa-100-anos.bb02ccadacb448ef5fc71bcbb7db047sldqat0.html>> Acesso em: 29 mar. 2020.

¹² “Para entender melhor, é preciso voltar um pouco no tempo: em 1916, a Seleção Brasileira fez sua segunda viagem à Argentina e um dos jornais do país retrataram os brasileiros como macacos. A partir desse acontecimento, popularizou-se chamar os brasileiros de ‘macaquitos’”. 'Copa América de 1921: a mancha do racismo'. TERRA, 22 maio 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/internacional/argentina/copa-america-de-1921-a-mancha-do-racismo.26ce48bd334416341ab943c8d5baf30frbp70roy.html>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

Houve muitos atritos com a imprensa esportiva. Publicada em 24 de abril de 1931 no jornal *A Noite*¹³, uma carta entregue pessoalmente por ele ilustra um pouco do temperamento do atleta. El Tigre desabafou direcionando-se para a *Gazetta de São Paulo* sobre críticas de um jogo em que o time, no qual foi escalado pela APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), não foi vitorioso:

“Ilmo Sr. Redactor sportivo da *Gazetta – Capital –* Permita-me V. S. um desabafo! [...] Felizmente, digo eu, estes são os mesmos homens que amanhã se a sorte me favorecesse mais um pouco, voltariam a chamar-me de astro, de rei, e até de santo... Mas, assim sendo, meu prezado redactor, eu tomei uma deliberação: medalhão, bananeira que já deu cacho, e como não quero acabar espetado na ponteira de uma bengala após um jogo de football, delibero, desta data em diante, não fazer mais parte de seleccionado algum. Jogarei para o meu club, até que me dêem substituto, e assim fazendo, satisfarei, estou certo, os desejos da maioria da imprensa sportiva que não quero ver minha inimiga. Com prazer e estima, Arthur Friedenreich.” (*A NOITE*, 24 abr. 1931).

Na Revolução Constitucionalista de 1932, Friedenreich vendeu seus maiores troféus e medalhas para arrecadar fundos em favor de seu Estado, lutando inicialmente como sargento e retornando como tenente, com mais de 800 homens sob seu comando (COSTA, 1999).

Atuou politicamente para a profissionalização do jogador de futebol no Brasil, sendo um dos criadores, em 1933, da *Associação Paulista dos Jogadores de Football*¹⁴. A maioria dos clubes já remuneravam seus atletas não oficialmente, mas eles ainda eram tratados como amadores, não possuindo direitos e garantias. Inclusive El Tigre consagra mais um fato para lacrar seu esforço pelo reconhecimento do profissional de futebol: foi o autor primeiro gol remunerado oficial do país em apenas oito minutos de jogo, representando seu time São Paulo. (DUARTE, 2012).

¹³ Acervo da Biblioteca Nacional: *Jornal A Noite*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970_03&pesq=friedenreich&pasta=ano%201931\edic_ao%2006971>. Acesso em 09 abr. 2020.

¹⁴ Acervo da Biblioteca Nacional: *Jornal A Noite*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970_03&pesq=friedenreich&pasta=ano%201933\edic_ao%2007608>. Acesso em 09 abr. 2020.

Figura 3 - El Tigre a favor do profissionalismo no futebol

Fundou-se, em São Paulo, uma associação de defesa dos jogadores de football

Arthur Friedenreich, á frente do grande movimento, concita seus companheiros a adherirem á "campanha moralisadora do profissionalismo"

alguns dirigentes, que, encobertamente, vivem dos productos dos esforços dos jogadores. Além disso, cuidará de fornecer-lhes assistência medica, odontologica e judiciaria, etc."

Pelo profissionalismo

Adeante, Friedenreich, completa: "Pelos motivos que mais ou menos já expuzemos, somos francamente contrarios á actual condição de nosso



"El Tigre", Friedenreich, com o homonymo que lhe foi offercido em Buenos Aires

Fonte: ARTHUR FRIEDENREICH, 1933.

El Tigre, já com mais de 40 anos, sabia que as limitações físicas iriam afastá-lo como jogador, e por isso, também começou a atuar como árbitro em alguns jogos. Em 1934, Duarte (2012) apresenta grandes festas em homenagem ao craque que completava 42 anos de idade e 25 de carreira, entre elas quando apitou duas importantes partidas entre as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo. Na primeira, no Rio de Janeiro, foi recepcionado na Central do Brasil por torcedores, convidado para um banquete em sua homenagem oferecido pela Federação Brasileira de Futebol e ovacionado no Theatro Carlos Gomes pelo diretor da companhia e pelo público presente. Na segunda, em São Paulo, foi aplaudido de pé pela torcida e autoridades do futebol no Parque Antártica, seguido de uma parada esportiva ao som da Guarda Civil.

O último ano como jogador foi em 1935, onde atuou pela última vez na Seleção e finalizou o campeonato estadual no Flamengo aos 43 anos de idade, encerrando sua longa carreira (DUARTE, 2012). Após sua aposentadoria como jogador, ainda continuou como juiz

e técnico de futebol em alguns clubes por um curto período. Seguiu sua vida longe da fama, entretanto ainda era possível vê-lo em eventos e festividades esportivas, como na figura abaixo, no qual compareceu ao lançamento do livro de Edson Arantes do Nascimento, *Eu Sou Pelé*, já em 1961.

Figura 4 - Leônidas, Friedenreich e Pelé, conhecidos como A Santíssima Trindade, em 1961



Fonte: Arquivo Milton Neves (apud DUARTE, 2012, p. 136)

Arthur Friedenreich atuou três décadas como jogador, fazendo supostamente 1329 gols ainda lembrados pela imprensa, mas não possuem comprovação devido à ausência de mecanismos de registro¹⁵. A quantidade é motivo de discordância para muitos autores. Costa (1999), por exemplo, cita 554 gols em 561 partidas, já Duarte (2012) apresenta 595 gols em 605 jogos. Todavia, todos concordam que sua atuação contribuiu para a conquista de dezenas de títulos nos clubes que defendeu, inclusive a Seleção Brasileira.

Já na década de 1960, última de sua vida, Friedenreich se aposenta em março de 1963, já passando por inúmeras enfermidades, como arteriosclerose, sofrendo com constantes crises de esquecimento (DUARTE, 2012). Apenas quatro anos antes de sua morte, mais um reconhecimento surgiu: uma instituição de ensino seria inaugurada em 1965 com seu nome,

¹⁵ Seus gols foram reconhecidos pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no ano de sua aposentadoria em 1935. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/friedenreich-654>> Acesso em: 12 abr. 2020.

localizada ao lado do Complexo Esportivo do Maracanã, a Escola Friedenreich. Faleceu em 06 de setembro de 1969 e sepultado em São Paulo, lugar que sua paixão era platônica. Com certeza, sua marca será inesquecível para a história do Brasil e do futebol brasileiro.

Há o registro de um texto elaborado pela diretora Alcione Guimarães que não possui data, mas certamente foi durante sua gestão ocorrida entre 1994 e 2003. É importante ressaltar que esse texto colabora para compreender um pouco de como a figura de seu patrono era abordada pela escola.

Reverenciando-te
 Arthur Friedenreich, herói, brasileiro!
 Mistura de raças, que o fez tão capaz.
 Mistura de sangue, de raça, de força.
 Mistura de sonhos em ser o primeiro!
 No campo, na bola, embora mulato!
 Enfrenta o racismo, de pobre rapaz!
 No verde gramado não há quem não torça!
 Nos gritos do povo, concretiza no ato!
 Seu título de herói, com 1329 gols reais;
 Real de fato, com lágrimas e suor.
 Na corrida do campo, não há quem não cante.
 Não se escolhe um qualquer!
 Entre os jogadores, que vença o melhor!
 Franzino, mulato, de mãe lavadeira.
 Herdando a coragem, da simples mulher!
 Rasgando a grama, se torna gigante.
 Trazendo pra nós o orgulho de ter o patrono da escola.
 Um craque de bola.
 O grande esportista, seu nome é quem faz...
 Orgulho da raça, gente brasileira.
 Que luta, sonhando, seu grito de paz.
 Que soube brigar por um lugar na vida.
 Driblar preconceitos... discriminação.
 Com máscara cobre a raça escondida.
 Se chove retira-se com alma ferida.
 Lavando seu rosto, a água da chuva.
 E as lágrimas de herói, que o tempo consagra.
 Arthur Friedenreich... heróis nunca morrem.
 Permanecem mais vivos através dos exemplos.
 Lembrados, sonhados, em pura emoção.
 Transformam-se em mitos erguidos nos templos.
 Em templos sagrados, jamais esquecidos.
 Com amor construídos, em cada coração!
 (Alcione Guimarães, sem data)

A atuação do jogador dentro e fora dos campos foi de grande importância para a história do futebol brasileiro e a escola, a partir dos seus registros, faz questão de apresentar com muito orgulho seu patrono. Arthur Friedenreich certamente sentiria bastante gratidão com as diversas homenagens que recebe pela instituição que honra seu nome.

1.2 Maracanã: o estádio monumental

O nome Maracanã foi dado ao estádio em referência ao rio que corre ao seu lado, dando origem posteriormente ao novo bairro, o qual também levava este nome (CASTRO, 2016). O autor ainda explica a origem da palavra:

A palavra maracanã tem origem no vocábulo tupi-guarani maraka'nã, maracá (chocalho) e nã (semelhante), utilizada para designar uma ave semelhante a um papagaio, que emite sons parecidos com o chocalho, ou maracá, ao raspar com o seu bico as cascas de frutas para se alimentar. Acredita-se que havia muitas maracanãs na área onde o estádio foi construído (CASTRO, 2016, p.86).

Localizado em uma área de grande capilaridade para a cidade, o terreno do Derby Clube era de propriedade do Jockey Clube Brasileiro e foi adquirido para a edificação do maior estádio do mundo à época (SERGIO, 2000). Iniciada oficialmente em 21 de julho de 1948, a construção do Estádio do Maracanã – nomeado carinhosamente como “Maior do Mundo”, “Colosso do Derby” e “Gigante de Concreto” – visava oferecer ao público 183.354 lugares para assistir aos espetáculos. (CASTRO, 2016). Este foi o principal monumento inaugurado em 17 de junho de 1950 com a finalidade de receber a Copa do Mundo FIFA que ocorrera no mesmo ano no Brasil. “O Maracanã nasce sob uma ideologia nacionalista e que deveria mostrar a força do desenvolvimento do Brasil” (GOMES, 2015, p. 5)

Durante o decorrer dos anos, o fortalecimento de um vínculo identitário com os cariocas fez o estádio abrigar milhões de torcedores que iam com suas famílias para assistir um dos mais queridos espetáculos esportivos: o futebol.

A construção do Maracanã no espaço geográfico ressignificou as práticas futebolísticas no Rio de Janeiro. Castro (2016) coloca que o gigantismo do estádio provocou uma nova maneira do público acompanhar o futebol como testemunha, já que agora havia a possibilidade em um maior número de torcedores presentes. As capacidades de São Januário, Laranjeiras, Gávea ou General Severiano não eram comparáveis com o “Maior do Mundo”. Para muitos cariocas, agora não havia somente a opção de assistir pelo rádio, mas a chance de acompanhar com sua família um show do esporte com sensações muito mais intensas.

As diversas representatividades proporcionadas pelas manifestações das torcidas geraram uma “cultura de arquibancadas”, levando uma relação singular do espaço com a grande massa que o frequenta (CASTRO, 2016). O mesmo autor, considerando as variações ao tempo, caracteriza a “territorialidade torcedora” pela forma de apropriação dos diversos espaços utilizados, como a própria arquibancada.

Além da competição tradicional em campo, havia uma disputa entre as próprias torcidas na arquibancada – influenciado pelo jornalista Mário Filho que relançou o Duelo das Torcidas¹⁶. Castro coloca que diversos prêmios eram oferecidos para os torcedores que buscassem maior desempenho no espetáculo, promovendo uma espécie de “carnavalização da arquibancada” (2016, p. 94).

Seu tombamento pelo IPHAN foi proposto em 1983 por Marcos Vilaça – Secretário de Cultura do Ministério da Educação – após acompanhar uma partida entre Brasil e Argentina. O futuro presidente da Academia Brasileira de Letras alegou que o estádio não era somente um patrimônio do Rio de Janeiro, mas de todo o Brasil (CASTRO, 2016). Cabe ressaltar que a indicação perdurou ao todo 17 anos para a conclusão do processo, em 26 de dezembro de 2000.

Apesar de sua importância cultural e histórica ser reconhecida por grande parte da sociedade, o Estádio do Maracanã sofre com constantes abandonos do poder público, inclusive culminando com uma tragédia na final do Brasileirão de 1992. A data de 19 de julho foi marcada por momentos anteriores do que seria o jogo decisivo entre Flamengo e Botafogo. O monumento, que já apresentava uma série de falhas graves na execução de uma reforma realizada em 1979, teve o rompimento de quase 13 metros de grades pressionadas pelos torcedores, deixando 3 mortos e os 82 feridos que caíram de uma altura de 7,5 metros¹⁷.

Em 1995 o estádio enfrentou uma grande onda de privatização no contexto da prática de políticas neoliberais dos governos federais e estaduais. A transferência da gestão para a iniciativa privada era justificada pelo excessivo sucateamento, com o excesso de burocracia, a corrupção e a falta de estrutura para atender aos torcedores, transformando o Maracanã no grande prejudicado pela falta de recursos do governo. A proposta considerava a construção de um shopping no próprio estádio, desfigurando sua capacidade e a dimensão do campo, além da demolição do Estádio de Atletismo Célio de Barros para dar lugar a um estacionamento, gerando várias insatisfações e posterior desistência do Estado (CASTRO, 2016).

Após a polêmica tentativa de privatização, o processo de tombamento pelo IPHAN foi retomado com o intuito de evitar que outra ideia de demolição ou descaracterização fosse retomada, já que a efetivação do tombamento protegeria, em tese, o estádio. Ser tombado pelo IPHAN não garante que o monumento sofra modificações, todavia, há a necessidade de uma

¹⁶ Castro sinaliza que “a concepção do Duelo era inspirada na avaliação dos Desfiles das Escolas de Samba, que também foram uma invenção de Mario Filho, contando com o apoio do Prefeito Pedro Ernesto, em 1935” (2016, p. 94).

¹⁷ POMBO, B.; GOMES, F.; VERISSIMO, P.; A queda, 25 anos depois. Globo Esporte, Rio de Janeiro, 19 jul. 2017. Flamengo. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/a-queda-25-anos-depois.ghml>>. Acesso em 03 mar. 2021.

profunda análise e posteriormente uma autorização da autarquia federal. Este processo fornece garantias para uma futura tentativa contra o estádio. Sua preservação é a permanência de uma memória coletiva pertencente aos diversos grupos que criaram uma relação com o lugar e, ainda, garantir às futuras gerações essas sensações.

As reformas no Maracanã eram pontuais. Até então, a mudança mais significativa fora realizada somente em 2000, no I Mundial de Clubes da FIFA. Já a segunda ocorreu para a adequação do espaço para os Jogos Pan-americanos de 2007. Estas alterações, além de gastarem aproximadamente 410 milhões de reais, proporcionaram uma descaracterização do estádio, sendo a primeira com a adição de cadeiras nas arquibancadas sem encosto e a segunda o fim da famosa arquibancada geral. Até então, os elevados custos da última reforma realizada em 2007 visavam, nas alegações do governo, uma adequação às exigências da ODEPA (Organização Desportiva Pan-Americana) e da própria FIFA, deixando o estádio pronto para a Copa do Mundo – no qual o Brasil já estava lançando sua candidatura (CASTRO, 2016).

Já no contexto das intervenções realizadas para a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o Maracanã passou pela sua maior descaracterização, na qual houve a demolição de sua marquise e arquibancada – ambientes bastante tradicionais e reconhecidos pelas torcidas – além diversas reformas que garantiram somente a manutenção de sua estrutura externa. Estas remodelações foram aprovadas pela Superintendência do Rio de Janeiro do IPHAN, que não considerou as obras prejudiciais para o monumento tombado. Segundo Castro, as intervenções citadas, “além de destruir uma marca da paisagem urbana do Rio de Janeiro, definiram barreiras físicas, econômicas e simbólicas aos tradicionais torcedores” (2016, p. 17). As obras orçadas inicialmente em 705 milhões tiveram seu custo aumentado para 1,2 bilhões até o final das intervenções, com uma série de aditivos suspeitos e gastos duplicados, segundo o próprio Tribunal de Contas do Estado¹⁸.

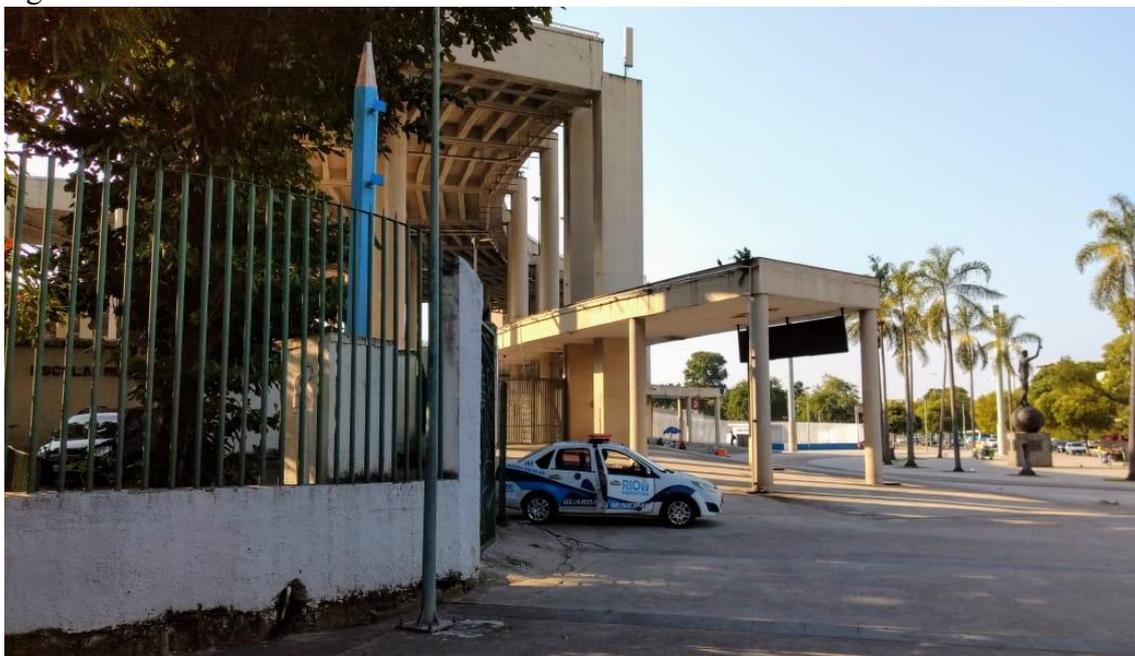
Infelizmente, os preços dos ingressos aumentaram assustadoramente com todas as adaptações requeridas pelo “padrão-FIFA”, proporcionando, de forma intencional, o afastamento dos torcedores de classes populares – padrão dos frequentadores mais assíduos nas partidas de futebol no estádio.

¹⁸ ‘Reforma do Maracanã teve aditivos suspeitos e gastos em duplicidade, diz TCE-RJ’. G1, 12 mar. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/reforma-do-maracana-teve-aditivos-suspeitos-e-gastos-em-duplicidade-diz-tce-rj.ghtml>>. Acesso em 16 mar. 2021.

1.3 Escola Municipal Friedenreich

Como indicação para encontrar a escola mais facilmente, basta dizer que está entre o Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã) e o Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho). Também citamos a Estátua do Bellini como referência, já que está situada a aproximadamente 50 metros da entrada da escola. Apesar disso, muitas pessoas transitam pelo espaço e não reconhecem a presença de uma escola naquele local. Sua área externa pouco difere do restante do estádio e durante o processo de tentativa de demolição, com o maior compartilhamento sofre o caso, a Escola Municipal Friedenreich passou a ser reconhecida com maior frequência, inclusive por turistas que costumam registrar fotografias durante suas visitas.

Figura 5 - Entrada da E. M. Friedenreich com a Estátua do Bellini ao fundo



Fonte: O autor, 2021.

Seu portão verde é razoavelmente grande, sendo dividido em duas partes. Geralmente apenas um fica aberto nos horários de entrada e saída dos alunos. Há grades altas que acompanham o portão em toda a área externa. Logo ao entrar, há de um lado, o estacionamento com quatro árvores e um letreiro com o nome da escola colado no muro branco que a separa do Maracanã. Do outro há duas mesas interligadas com quatro bancos e mais dois logo atrás, todos de madeira e pintados na cor verde. Este espaço é cercado por grades.

Depois do estacionamento e dos bancos, ao lado esquerdo, estamos na grade da quadra coberta, na qual há um portão que comumente é utilizado todos os dias no horário da entrada

dos alunos. Já ao lado direito, há um portão verde em um corredor que separa a quadra do parquinho, sendo utilizado para a saída dos alunos.

A quadra de esportes possui 23,2 x 14m de medida, é coberta, sinalizada no chão e possui traves. Ao lado de um dos gols, no canto, há uma porta com grades que dá acesso diretamente a outra quadra de aquecimento do Maracanãzinho, mas está coberta desde os ensaios realizados para a Copa do Mundo e Olimpíadas, não possibilitando mais nenhum tipo de contato entre os atletas e os alunos.

Figura 6 - Pátio da E. M. Friedenreich com o parquinho e a quadra ao fundo



Fonte: O autor, 2021.

No sentido oposto à quadra, há um parquinho infantil com alguns brinquedos, como trepa-trepa, balanço e escorregador. Na frente da escola, há um espaço ao lado esquerdo, bem em frente à quadra com lixeiras grandes para recicláveis e mastro para três bandeiras. Ao fundo há um portão azul que dá passagem para uma área razoavelmente curta que circunda o prédio escolar, com um quarto que atualmente é utilizado para depósito e espaço para o armazenamento de gás de cozinha. Ao lado direito, em frente ao parquinho há duas mesas com quatro bancos a sua volta e outros três bancos coletivos grandes próximos, colados à parede, todos de concreto.

A entrada do prédio escolar fica praticamente na metade do terreno. Há dois portões: o primeiro é azul escuro com grades seguido por outro azul claro totalmente fechado. Nos horários em que a escola funciona normalmente o primeiro portão fica trancado e o segundo aberto, possibilitando ampla visão. Antes do primeiro portão, ainda do lado externo havia um bebedouro coletivo de ferro para as crianças que estavam em seus horários de recreio e nas aulas de Educação Física utilizarem, todavia, foi retirado seguindo as medidas de segurança ocasionada pela pandemia da COVID-19 em 2020 e 2021.

Passando para a área interna, encontra-se, ao lado esquerdo, a porta da secretaria que também acessa o gabinete da direção. Nesta entrada há um aquário de 200 litros que possui um suporte de concreto azul. A data da inauguração deste não foi encontrada nos documentos pesquisados, mas professores que chegaram à escola na década de 1980 já o encontraram naquele espaço. Ao lado do aquário, encontramos dois banheiros, um masculino e um feminino. Em seguida há duas portas, uma ao lado da outra, uma com alguns materiais de manutenção e bomba d'água e outra com materiais utilizados pelos professores de Educação Física, como bolas, cones, cordas e bambolês.

Figura 7 - Corredor da E. M. Friedenreich



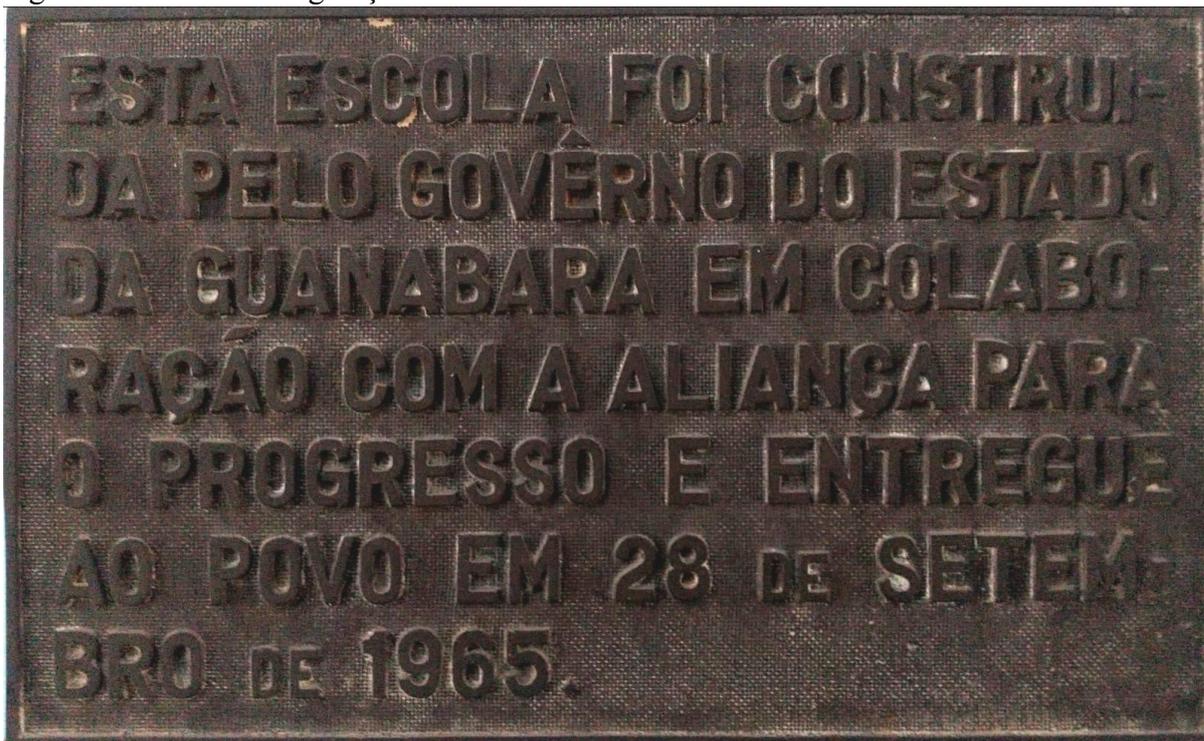
Fonte: O autor, 2021.

Após seguir, estamos no refeitório com aproximadamente 60 lugares. Neste espaço são servidas as refeições diárias, café da manhã, almoço e lanche. A cozinha é dividida por uma parede com porta e abertura para a distribuição diária dos alimentos. As paredes são azuis com algumas pinturas. Saindo do refeitório e continuando, encontramos as salas 10 e 9 respectivamente.

Já pelo lado direito, antes da primeira porta, nos deparamos com dois quadros e uma placa de inauguração, sendo o primeiro, apresentando a página 3 do Diário Oficial da Câmara

Municipal do Rio de Janeiro, de 7 de novembro de 2013, informando a aprovação do tombamento da escola. O segundo quadro é a própria lei promulgada. Já placa de inauguração diz o seguinte “esta escola foi construída pelo governo do Estado da Guanabara em colaboração com a aliança para o progresso e entregue ao povo em 28 de setembro de 1965” (figura 8). Logo em seguida está a Sala de Leitura Monteiro Lobato, nome em homenagem ao famoso escritor do século passado, com mais de 7 mil livros em seu acervo. Em seguida há a Sala de Informática, com 12 computadores que estão à disposição dos alunos e docentes para atividades pedagógicas. Depois encontramos as salas 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Na linha de fundo há uma pequena sala destinada aos professores e ao arquivo. O espaço construído é plano, com acessibilidade, possuindo cerca de 45 metros de comprimento por 20 metros de largura, além do espaço destinado à quadra, parquinho e estacionamento.

Figura 8 - Placa de inauguração da escola



Fonte: O autor, 2021.

O prédio possui sinal de internet por wi-fi com acesso gratuito. Suas salas possuem pelo menos um ar-condicionado, projetor, ventilador, tanque para a higienização das mãos e iluminação natural por claraboias, aumentando significativamente a luminosidade do ambiente. São atendidos cerca de 360 alunos da Pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental. Além dos professores generalistas, há aulas de Educação Física, Inglês e Música, também há durante o

ano letivo alguns projetos que são realizados em parcerias com universidades públicas, como UERJ e UFRJ.

A escola atende cerca de 30 alunos com deficiência que estão matriculados em turmas regulares, possuindo no contraturno escolar atendimento especializado na Sala de Recursos Multifuncionais, com uma professora responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE). Como apoio, há um Agente de Apoio à Educação Especial (AAEE), servidor que trabalha para fornecer auxílio aos alunos com deficiência nas atividades rotineiras, como alimentação e banheiro. Dependendo da necessidade, há participação de Mediadores de Aprendizagem na escola, alunos de licenciatura de instituições de ensino superior que atuam nas salas de aula mediante as orientações do professor regente no acompanhamento das crianças que demandem este auxílio. A participação do bolsista está vinculada à necessidade apresentada no Plano Educacional Individualizado (PEI) de cada estudante.

A primeira diretora foi a professora Laís Martins, que ocupou o cargo durante 26 anos até o seu falecimento em 1991. A diretora adjunta Elisabete do Souto assumiu interinamente o cargo até sua aposentadoria que ocorreu em menos de um ano. Em 1992, a professora Regina Fortes tornou-se diretora por dois anos. Em 1994, a direção da escola foi conduzida pela professora Alcione Guimarães e, como adjunta, a professora Sandra Malias por 10 anos. Com a aposentadoria da professora Alcione, sua adjunta Sandra assumiu a gestão com a professora Sheyla Vivório como adjunta. Cabe salientar que esta equipe quem irá enfrentar a luta contra demolição da escola durante a Copa do Mundo e as Olimpíadas. No ano de 2018, Sheyla Vivório assumiu a gestão da unidade escolar em conjunto com a professora Renata Correa como adjunta e em 2022 houve uma inversão nos cargos, com a Renata Correa assumindo a direção e a Sheyla retornando à função de adjunta.

A escola possui um hino escrito em 2001, com a letra criada pelos professores Sebastião Anselmo de Oliveira e Alcione Guimarães, todavia, não é mais cantado. Com o passar dos anos, essa prática deixou de ocorrer e agora somente o seu registro está disponível no arquivo da escola.

Friedenreich, escola querida
Berço amigo, de luz e paz
Grande exemplo de amor e de vida
Que ternura e bondade nos traz
Friedenreich nós te amamos tanto
E felizes nos damos as mãos
Exaltamos também neste canto
Nossos mestres, amigos e irmãos
Exaltamos também nesse canto
Nossos mestres, amigos e irmãos.

Ó cantinho bem aconchegante!
Onde o ensino tem grande valor
E o aluno aprende confiantes
Que a essência da vida é o amor
A escola é o lugar onde vamos
Estudar, progredir e vencer
E honrar o Brasil que amamos
Para em Ordem e Progresso viver.
(2001)

A única grande obra após sua inauguração ocorreu em 2005, obtendo um investimento de R\$ 273.387,89 pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Esta execução demandou a autorização do IPHAN, já que no projeto havia algumas sugestões de mudança do muro da escola, o qual faz parte do conjunto do Maracanã- o qual é tombado pelo órgão. A aprovação ocorreu em 23 de agosto do mesmo ano com algumas vedações, dentre elas: proibição da instalação de um portão para acesso exclusivo de pedestres e a necessidade de manter a pintura do único portão de acesso à escola com as mesmas características dos portões 20 e 21 do estádio.

Dentre as transformações descritas no projeto, destacam-se: construção da quadra coberta; instalação e fornecimento de bebedouros; construção de parque de brinquedo e recuperação dos existentes com aplicação de grama sintética – esta atualmente não existe mais, em função da deterioração pelo tempo e pelo uso; instalação de bancos de madeira e mesas ao lado do estacionamento; construção de rampa de acesso à quadra e à escola; construção de um novo portão de acesso a partir da quadra; novas mesas e bancos de concreto ao lado do parque de brinquedos; colocação de tela em todo o espaço, dividindo a área externa em estacionamento e pátio para os alunos com duas entradas – uma pela quadra outra em um corredor entre o parque de brinquedos e a quadra.

A instalação destes equipamentos na escola foi fruto de um engajamento da comunidade escolar. No ano anterior às obras, o jornal O Globo publicou em 14/10/2004 a denúncia de algumas mães sobre transtornos causados por reformas no estádio do Maracanãzinho, como queda de pedras, barulhos e poeiras. As próprias mães sugeriram, como solução para o problema, a construção de uma cobertura para a quadra, protegendo os estudantes de possíveis acidentes. Esta reportagem mostra como os sujeitos escolares já se organizavam para buscar melhorias antes mesmo da ameaça de demolição.

Figura 9 - Quadra de esportes coberta e o parque infantil



Fonte: O autor, 2021.

É possível encontrar informações sobre a escola em dois endereços eletrônicos distintos. No Facebook, as atualizações acerca das atividades ocorrem atualmente no jornal da escola “Aconteceu, a gente escreve - E. M. Friedenreich”¹⁹. Nesta plataforma todos os educadores possuem acesso e postam o que ocorre com suas turmas, além de avisos como reuniões. Há outros registros mais antigos no blog da escola, o qual possui menos atualizações, entretanto ainda é bastante utilizado para consultas por interessados em conhecer a rotina da instituição, recebendo, desde sua criação, mais de 66 mil visitas²⁰. Há a preferência da comunidade em utilizar a primeira opção, já que é mais atual e possui maior possibilidade de interação.

Uma das primeiras homenagens recebidas pela escola, relacionada ao seu desempenho no IDEB, foi na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, por meio do Requerimento 3275/2008. Em 05 de agosto de 2008, a E. M. Friedenreich e outras catorze escolas municipais foram homenageadas pelo desempenho na avaliação nacional. A moção de congratulações e reconhecimento está disponibilizada em moldura na secretaria (figura abaixo).

¹⁹ Disponível em: <<https://web.facebook.com/E.M.Friedenreich/>>. Acesso em 07 jun. 2021.

²⁰ Disponível em: <<http://escolamunicipalfriedenreich.blogspot.com/>>. Acesso em 07 jun. 2021.

Figura 10 - Moção de congratulações e reconhecimento recebida em 2008



Fonte: O autor, 2021.

Vários projetos em andamento na escola são iniciativas do Grêmio Estudantil, que é composto por seis alunos eleitos para um mandato de três anos. Dentre as atividades realizadas, há articulações de tarefas sobre a conscientização dos estudantes acerca do cuidado com o patrimônio escolar e a campanha do Lacre Amigo, a qual visa arrecadar em torno de 140 garrafas pet cheias de lacres de latinhas, trocando-as por uma cadeira de rodas.

O Troca-troca e o Show de Talentos são duas atividades anuais que possuem grande adesão da comunidade. O primeiro propõe que cada criança leve à escola um brinquedo e um livro para trocar com seus colegas. Já o segundo é um evento que convida aos alunos a apresentarem seus talentos, podendo ser uma comida, dança, desenho ou qualquer outra habilidade que julgue interessante para compartilhar. Há a possibilidade de crianças de diferentes turmas se juntarem para uma apresentação em conjunto, incentivando a troca de experiências com seus pares.

Na secretaria da escola é possível observar muitos troféus. Estes costumam despertar a curiosidade dos alunos, inclusive do próprio pesquisador. Como aqueles objetos foram acumulados? Há um contexto? Nas consultas ao arquivo, essas perguntas começam a serem respondidas com o surgimento de fotografias (como na abaixo) que registram competições e

premiações com o mesmo modelo de troféus expostos. Desta maneira, percebemos que o esporte é bastante valorizado no projeto pedagógico até a atualidade, com a realização das “Olimpíadas Friedenreich”, as quais acontecem anualmente e possuem grande participação dos alunos.

Figura 11 - Volta olímpica dos alunos na cerimônia de abertura dos jogos de 1996



Fonte: Acervo da E. M. Friedenreich, 1996.

Desde sua inauguração, o funcionamento da escola ocorreu regularmente, sem grandes incidentes. No entanto, sua realidade começou a mudar a partir do ano letivo de 2009, no instante em que suas instalações começaram a ser alvos das especulações dos grandes empresários, empreiteiros e políticos. A análise desse processo será desenvolvida no capítulo seguinte.

2 OS GRANDES LEGADOS DE UMA PEQUENA ESCOLA E OS PEQUENOS LEGADOS DOS MEGAEVENTOS

A presença do COI e da FIFA, criados respectivamente em 1884 e 1904, é praticamente permanente quando o assunto tratado é o esporte. Essas organizações são proprietárias e promotoras dos principais eventos mundiais – os Jogos Olímpicos, Paralímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, que representam uma cobertura midiática significativa, alcançando bilhões de pessoas por meio de revistas, livros, jornais, televisão, rádio, cinema e internet.

Por esse incrível alcance, empresas dos mais variados tipos buscam o COI e a FIFA para promover no espetáculo suas mercadorias, acompanhadas por governos que se candidatam a sediar os megaeventos. Essa ação possui o intuito de gerar *marketing* para os demais países do mundo, abrindo maiores possibilidades de inserção e fortalecimento do capital internacional no território.

O poder desses megaeventos na mobilização das nações é elevado, já que há um vínculo muito forte com o patriotismo. Castro compara que no campo esportivo, o megaevento “mobiliza um referencial simbólico reforçando um sentimento de nação, devido à verossimilhança com a guerra, pois as seleções vestem as cores da bandeira nacional e seus atletas são cidadãos natos (ou naturalizados)” (2016, p. 161). Um dos momentos mais marcantes, por exemplo, é a própria abertura das Olimpíadas, marcada pela entrada ufanista dos esportistas que desfilam como guerreiros junto aos seus estandartes e uniformes dos países representados.

A estrutura teatral montada com o suposto legado social busca levar à população uma tranquilidade acerca das consequências dos eventos. Na cidade do Rio de Janeiro, inclusive, houve uma intensa disseminação fantasiosa para os seus mais de seis milhões de habitantes que relacionavam muitos benefícios oriundos dos megaeventos, o que era uma grande falácia (FREIRE, 2016). Todavia, instituições de pesquisa, Organizações não Governamentais (ONGs) e demais setores da sociedade civil buscaram desmascarar e denunciar a verdadeira ideia de mercantilização por trás deste processo.

No desafio de “promover a maior mudança social e urbana dos últimos cem anos”, o poder público municipal apostava que a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão na cidade incidiria na recuperação de áreas consideradas degradadas, na melhoria da estrutura viária e da rede de transporte e na atração de capitais proporcionada pela exposição mundial (FREIRE, 2019a, p. 73).

Um dos grandes efeitos colaterais desse processo, contudo, foi o aumento considerável das remoções de favelas e a consequente exclusão de certos grupos sociais do espetáculo

esportivo, sobretudo nos arredores das áreas de interesse. Do lado dos atingidos pelas remoções na cidade, encontramos a Escola Municipal Friedenreich com sua pequena comunidade. A maioria dos seus sujeitos não entendiam sobre processos de mobilização política, muito menos sobre protestos. O início do movimento não foi inspirado em determinado autor ou teoria das Ciências Sociais, mas apenas em pessoas enfurecidas com a injustiça de perder uma instituição que atendia muito bem suas demandas. As táticas foram testadas e, aos poucos, ganhando visibilidade na sociedade.

Dessa maneira, pretendemos descrever neste capítulo o conflito suscitado pela ameaça de demolição da Escola Municipal Friedenreich e o longo processo de resistência e a defesa de sua permanência em seu local de origem. Esta sistematização buscará representar a luta dos educadores, alunos e seus responsáveis pela preservação de seu patrimônio frente ao apetite por lucros e uma oposição à educação meramente técnica e alienada.

2.1 Copa do Mundo e Olimpíadas: benefícios para quem?

O processo de neoliberalização costuma utilizar os megaeventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíadas são exemplos – como instrumentos para grandes reformas que favoreçam o capital nacional e internacional. Estes funcionam como aceleradores de um processo de privatização e não o início deles. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, Castro (2016) coloca que essa atividade se inicia em 1993 na gestão do então prefeito César Maia, em que o governante permite uma apropriação explícita da cidade por uma coalizão hegemônica de agentes econômicos. Esta concepção foi inaugurada nos anos de 1993 e 1994 com o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. Todavia:

Nos últimos anos, o Rio de Janeiro tornou-se foco da atenção mundial diante da quantidade e da diversidade de megaeventos internacionais que sediou: Jogos Pan-americanos em 2007, Jogos Mundiais Militares em 2011, Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável em 2012, Jornada Mundial da Juventude Católica e Copa das Confederações de Futebol em 2013, Copa do Mundo da Fifa em 2014, e Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão em 2016 (FREIRE, 2021, p. 233).

A chegada dos eventos de proporções internacionais acelera de forma abrupta as mudanças de relações no espaço urbano. A venda das cidades-sede principalmente para o setor imobiliário e das empreiteiras é notória a partir de grandes transformações que se iniciam anos antes da própria chegada do evento. O famoso “padrão-FIFA”, por exemplo, foi bastante repetido, tanto pelo governo, quanto pelos movimentos sociais, surge a partir do compromisso do país ao se tornar sede da Copa do Mundo, em apresentar estádios e outras estruturas que

cumpram exatamente as determinações da Federação Internacional de Futebol, denominado “padrão-FIFA” (CASTRO, 2016)

A esperada data de confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo chegou em 30 de outubro de 2007 transmitida com bastante entusiasmo pela grande mídia. A partir deste instante o país seria oficialmente o responsável por organizar um evento bastante custoso, repercutindo nacionalmente grandes debates de opiniões.

Já a confirmação da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão de 2016 ocorreu em 02 de outubro de 2009, fruto de uma intensa articulação internacional e intimidade política entre os governos municipal, estadual e federal. Esta postulação já estava em discussão nos anos anteriores, pois havia um antigo interesse na candidatura da cidade. A Olimpíada, mais especificamente, intensificava a reestruturação do tecido urbano para além do entorno do Estádio do Maracanã, possibilitando maiores transformações no território (FREIRE, 2021).

Muitos empresários e governantes – apoiados pelos maiores veículos de comunicação – colocavam a Copa e a Olimpíada como a salvação da nação, pois a imagem do país no exterior alavancaria, havendo um exponencial aumento no setor turístico proporcionando a melhoria da segurança pública, da mobilidade urbana e o avanço dos equipamentos esportivos existentes.

Estes benefícios prometidos eram contrabalançados com os questionamentos promovidos pelos atingidos diretamente pelas remoções planejadas. Apoiados pelos movimentos sociais, acadêmicos e organizações não-governamentais, articularam diversos estudos comprovando os elevados prejuízos causados pelos megaeventos, divulgando-os pelas ferramentas alternativas da internet que alcançavam diversos tipos de usuários. Apresentaram, inclusive, a impossibilidade dos mais pobres assistirem presencialmente os jogos, pois o custo era bastante elevado e mesmo assim foram desconsiderados pelos "engravatados tecnocratas do governo" (SIMAS, 2012).

Os prejuízos são cruéis com os grupos sociais mais vulneráveis da cidade. O processo de valorização imobiliária e exploração midiática despejou premeditadamente aproximadamente 77 mil moradores de suas casas durante os anos de 2009 e 2015²¹. As políticas governamentais não consideraram efetivamente os prejuízos causados, configurando graves violações dos direitos humanos. Independentemente dos possíveis legados gerados com a Copa e as Olimpíadas, nada pode substituir o direito fundamental à moradia, o que foi ceifado pelo

²¹ ‘77 mil moradores foram removidos por conta da Copa e das Olimpíadas’. TV Brasil, 18 abr. 2018. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2018/04/77-mil-moradores-foram-removidos-por-conta-da-copa-e-das-olimpiadas?page=21>>. Acesso em 19 mar. 2021.

Estado. Este, principalmente por meio das parcerias público-privadas, conservava um papel central e favorável para os grandes empresários de setores pré-determinados, como empreiteiras, construtoras, comunicações e turístico.

Nesse sentido, percebe-se que estes eventos não foram pensados para o trabalhador assalariado, pois os custos fogem à capacidade de consumo dos pobres. Para Castro (2016, p. 187) “o torcedor é transformado em consumidor, o que ocasiona uma mudança do perfil social e também racial na composição do público presente nos estádios”. O tradicional grupo que marcava sua presença nas competições esportivas antes das transformações dos estádios deixou de ser o público-alvo por não conseguir mais se sustentar naquele espaço.

As transformações do Maracanã e a entrega de sua gestão para a iniciativa privada colocaram-no em uma situação extremamente visada e lucrativa, era a “mina de ouro” de grandes empresas e agentes públicos a partir da possibilidade em tornar o processo ainda mais lucrativo. O “Gigante” não estava sozinho, mas sim acompanhado pelas instituições que fazem parte de seu entorno. Inclusive, o edital de concessão à iniciativa privada utilizou um estudo de viabilidade econômica da empresa IMX, no qual transformava o local “em um complexo de entretenimento com lojas, bares, restaurantes e estacionamento” (CASTRO, 2016, p. 19)

Como características marcantes da neoliberalização, é possível perceber a transferência de recursos públicos, serviços e equipamentos da gestão do Estado para a iniciativa privada. Esta procura incentivar, em um contexto de mercado global, maior participação de investidores, gerando um modelo lucrativo para o setor privado (CASTRO, 2016). Os verdadeiros dirigentes destas intervenções centradas na exceção são os grandes grupos econômicos e financeiros que agem discricionariamente respaldados em uma onda neoliberal que determinam quem permanece e quem será removido (CASTRO *et al.*, 2015).

As resistências desenvolvidas na cidade tinham o intuito de revelar para o mundo as verdadeiras ações excludentes feitas pelo governo, as quais eram justificadas pelo “legado” que a cidade usufruiria após estas transformações. Diversas entidades ligadas a movimentos sociais começaram a se articular com o objetivo de pressionar o poder público a fomentar um diálogo amplo e justo que garantisse o direito à sociedade em participar destas transformações. Dentre as principais articulações formadas estava o Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (CPCORJ), que surgiu como resistência à mercantilização da cidade. Freire (2019a) destaca que o CPCORJ foi um coletivo que atuou fortemente durante os anos que antecederam os megaeventos esportivos, questionando principalmente o modelo de gestão pública que afetava (de forma negativa) as populações mais vulneráveis.

Apesar de ser um coletivo relativamente pequeno, o comitê realizava ações (produção de dossiês; organização de debates; protestos etc.) que ecoavam e incomodavam politicamente o governo local, produzindo dissensos no discurso público sobre a aclamada transformação da cidade (FREIRE, 2019a, p. 77).

O próprio MP-RJ sinalizou, em muitas ações na justiça, o perigo da privatização do Maracanã e suas consequentes demolições. O pouco acesso à informação e a tendência ao beneficiamento da empresa IMX, propriedade do bilionário Eike Batista, geravam suspeitas que desmascaravam as verdadeiras intenções do governo estadual em transferir a gestão do complexo esportivo à iniciativa privada. Todavia, mesmo após diversas tentativas, as instâncias superiores do judiciário referendaram – na época – a legalidade do processo.

2.2 Resistir no lugar: momento de educar

Como citado, em 30 de outubro de 2007, o Brasil foi escolhido pela FIFA para sediar, em 2014, o maior evento futebolístico: a Copa do Mundo. Esse foi o início para o conflito em torno do Complexo do Maracanã. Uma data marcada por alegrias e aflições para a comunidade escolar que se afogava em perguntas: Será que a escola localizada no ponto mais simbólico para o futebol brasileiro seria beneficiada com as transformações advindas desta nova escolha? O Estado seria capaz de enxergar a importância de educação e esporte caminharem juntos? Inicialmente, apenas os questionamentos percorriam entre os sujeitos escolares, pois não houve nenhuma comunicação sobre o futuro daquele espaço.

Para uma parte dos membros da escola, a confirmação da Copa do Mundo foi muito bem aceita. A Friedenreich fora inaugurada onze anos após a primeira Copa do Mundo no país, motivo que justificou a construção do estádio do Maracanã, portanto, a instituição de ensino localizada naquele espaço testemunharia pela primeira vez um evento bastante significativo para a história. Não haveria resistência para ceder o espaço durante o evento, já que o mesmo aconteceria nas férias escolares e não impediria o seu uso posteriormente.

Assistir aos jogos e treinos das diversas seleções seria um espetáculo inesquecível para todos da escola. O legado do evento também poderia proporcionar benefícios, como bolas novas, redes para a quadra, uniformes e diversos acessórios, o que era apenas uma expectativa da comunidade.

Todavia, outra parte dos membros escolares temia bastante a chegada do evento. Será que a instituição não seria bem-vinda naquele espaço? Questionavam-se em debates sobre as possíveis transformações no prédio. Não era habitual haver parcerias entre o estádio e a escola,

por que agora isso aconteceria? Esses debates perduraram por um longo período, todavia, nenhuma informação circulava a respeito do futuro do entorno do Maracanã.

Somente no dia 06 de outubro de 2009, quatro dias após a oficialização da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos, é que a direção da unidade escolar tomou conhecimento por meio da Secretaria Municipal de Educação (SME) e compartilhou com a comunidade a intenção do governo estadual em demolir o prédio no final do ano letivo. Cabe salientar que, de forma inicial, a intenção de demolição surgiu através do governo do estado, todavia, por conta do alinhamento político dos gestores – Eduardo Paes e Sérgio Cabal – ambos do PMDB, a Prefeitura do Rio de Janeiro rapidamente aderiu a ideia mobilizou-se para informar a direção da escola sobre os últimos dois meses naquele espaço. Foi uma notícia que pegou todos de surpresa e reforçou as intensas sensações sentidas de que aquele era o momento em que necessitavam iniciar uma longa luta para permanecer em seu local de origem.

A proposta de demolição partiu de uma pessoa, todavia, nunca se descobriu o autor da ideia, na qual foi muito bem aceita pelos empresários gestores públicos. Carlos Vainer, quando afirma que a cidade da exceção é a democracia direta do capital, consegue ilustrar muito bem a interrogação acerca do ponto de partida sobre essa ausência de autoria: “não se sabe onde, como, quem e quando se tomam as decisões – certamente não nas instâncias formais em que elas deveriam ocorrer nos marcos republicanos” (VAINER, 2011, p. 12)

Rapidamente, em menos de 24 horas, na manhã do dia 07 de outubro de 2009 foi organizada a primeira manifestação em frente à escola. Cerca de 50 pessoas expressavam sua insatisfação quanto a incompreensível decisão em acabar com aquela instituição de qualidade que fora inaugurada na década de 1960 e que nunca atrapalhou ou gerou prejuízos ao Estádio do Maracanã por causa de sua existência. Na entrevista publicada pelo jornal SRZD, Jorge, pai de um aluno, externa sua indignação com a decisão monocrática do governo sem nenhum diálogo com os membros escolares: “é um absurdo porque a escola funciona, tem até sala de informática e tudo mais. E eles nem deram outra opção de colégio para as crianças irem”²².

O primeiro desafio para os sujeitos escolares era adquirir a consciência dos riscos do fracasso. O planejamento das ações considerou as derrotas pontuais e até mesmo totais. Somente continuaram no movimento as pessoas que realmente acreditaram nas possibilidades de sucesso, mesmo pequenas.

²² ‘Protesto contra demolição de escola municipal por causa da Copa de 2014’, SRZD, 07 out. 2009. Disponível em: <<https://www.srzd.com/brasil/protesto-contrademolicao-de-escola-municipal-por-causa-da-copa-de-2014/>>. Acesso em: 13 maio 2021.

Corremos um risco ao falar tanto sobre os manifestantes e suas ações, decisões e visões: pode parecer que é fácil para eles fazer o que desejam. A verdade é o oposto: *a maioria dos protestos fracassa*. Estudiosos dos movimentos sociais nem sempre gostam de admiti-lo, visto que, na maioria das vezes, estudam movimentos que admiram. (JASPER, 2016, p. 31, grifos originais)

Figura 12 - Primeira manifestação realizada no entorno da escola

Protesto contra demolição de escola municipal por causa da Copa de 2014

07/10/2009 às 8h08 - Por Redação SRzd



Fonte: PROTESTO, 2009.

A primeira reunião entre representantes da SME e a escola aconteceu em 08 de outubro de 2009 para comunicar oficialmente sobre a “continuidade” da escola em outro local e disponibilizar as opções de alocação provisória do corpo escolar durante as obras do novo prédio ainda indefinido.

Como primeira estratégia os responsáveis se reuniram para formar uma comissão no dia 15 de outubro de 2009, na própria escola. Sua constituição tinha a função de concentrar e realizar articulações, buscando parcerias de divulgação e maior controle das ações contra a demolição. Carlos Sandes, pai de duas alunas e futura liderança que iria representar a escola em vários protestos e eventos futuros, já abriu a reunião falando sobre a importância da mobilização de todos para o fortalecimento do movimento. Em seguida explicou aos demais as funções do MP-RJ e o impacto positivo na inserção deste no caso da escola, justificando a necessidade na elaboração e formalização de uma denúncia. A responsável Rosangela Passos, outra futura liderança, também pontuou sobre a divulgação do caso nos veículos de imprensa e que não deveria ser aceito pela comunidade nenhuma promessa que não fosse apresentada com datas e garantias.

Na mesma reunião foi colocada a preocupação em manter a escola ocupada mesmo nos meses de férias, com projetos para toda a comunidade, evitando que o governo aproveitasse o esvaziamento do espaço para sua demolição. Por fim, antes da concretização da formação da comissão, Carlos colocou que compreende a luta das pessoas que buscam reformas em escolas que estão sem condições mínimas para seu funcionamento, como falta de professores e problemas de infraestrutura, mas que esse não era o caso da Friedenreich. Segundo ele, a

instituição era muito boa, possuía profissionais e equipe competentes, além de uma estrutura adequada, porém, ameaçada pela demolição²³.

Seguindo as próprias deliberações da Comissão de Responsáveis recém-formada, o MPRJ foi acionado por meio de sua ouvidoria (número 80121), transformando-se, posteriormente, no processo nº 2009.00435932. A atuação deste órgão fortaleceria substancialmente o movimento, pois traria legitimidade e maior segurança jurídica ao defender o direito ao não cerceamento de uma educação de qualidade.

No dia 22 de outubro de 2009 houve a segunda manifestação pública, conseguindo inicialmente o dobro de pessoas. Segundo o jornal SRZD, o ato reuniu cerca de cem participantes com cartazes como “escola no chão” e “Olimpíadas sim e demolição não”, que foram expostos para todos que transitavam pela Avenida Maracanã²⁴. Com o objetivo de gerar mais visibilidade e buscar mais adeptos, o movimento realizou a primeira “volta olímpica” no Maracanã, levando cada vez mais pessoas durante os 1800 metros de trajeto.

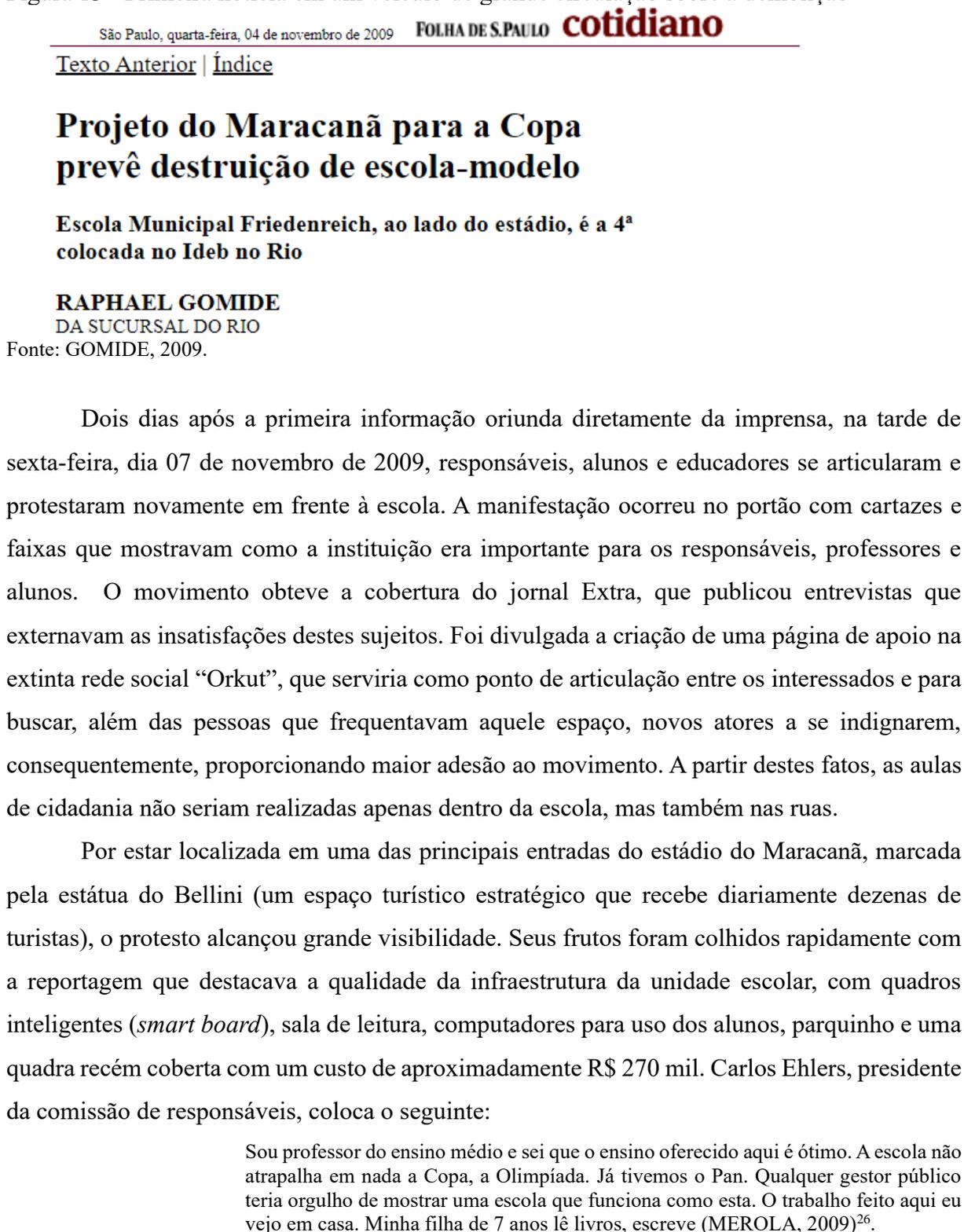
A primeira notícia de grande impacto foi publicada no dia 04 de novembro de 2009, no jornal Folha de São Paulo, noticiando que a quarta colocada no IDEB seria demolida e, segundo a Secretaria Municipal de Educação, ficaria provisoriamente alocada em outra escola da região que atende alunos mais velhos. O próprio prefeito Eduardo Paes (2009 - 2016) declarou que outro prédio seria construído em um local e data ainda não definidos. A Secretaria Estadual de Turismo, Esporte e Lazer corroborou, informando que a E.M. Friedenreich faria parte das demolições planejadas para a Copa de 2014 e que não havia previsão para a realocação da escola²⁵.

²³ Informações obtidas por meio de cópia da ATA de reunião de responsáveis, ocorrida em 15 de outubro de 2009.

²⁴ ‘Protesto contra demolição de Escola Municipal no Maracanã’, SRZD, 22 out. 2009. Disponível em: <<https://www.srzd.com/brasil/protesto-contrademolicao-de-escola-municipal-no-maracana/>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

²⁵ ‘Projeto do Maracanã para a Copa prevê destruição de escola-modelo’, FOLHA DE SÃO PAULO, 04 nov. 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0411200928.htm>>. Acesso em 11 maio 2020.

Figura 13 - Primeira notícia em um veículo de grande circulação sobre a demolição



²⁶ Entrevista do presidente da Comissão de Responsáveis da E. M. Friedenreich, Carlos Sandes Ehlers, concedida à jornalista Ediane Merola em 06/11/2009.

Além da fala de Carlos, a reportagem do jornal Extra ainda publicou depoimentos importantíssimos para mostrar como a articulação dos agentes escolares estava bem delineada. Uma criança de apenas sete anos chamada Bárbara, disse que “a Copa acaba. A escola não”. Sheyla Vivório, diretora adjunta na época, afirmou que não havia nenhuma comunicação oficial acerca do futuro da comunidade. A própria secretária municipal de educação, Cláudia Costin, manifestou o apoio à causa da Friedenreich por uma rede social, afirmando que "escola não se destrói, se constrói! Apoio à E. M. Friedenreich!", entretanto, seu cargo parecia não ter condições de veto às decisões superiores. Em resposta aos questionamentos da repórter, a secretária afirmou que o ano letivo de 2010 estava garantido e ainda informou que estava em conversa com o governo estadual para a inclusão da escola no projeto do novo Complexo do Maracanã, o que não ocorreu²⁷.

Não era compreensível que um espaço tão pequeno diante da monumentalidade do Maracanã pudesse atrapalhar as adaptações necessárias para os megaeventos esportivos. Ao manifestar suas insatisfações, a comunidade buscava denunciar à sociedade o surgimento de um projeto bastante lucrativo para as grandes empresas que eram beneficiadas pelos atos do estado. Não houve a mínima preocupação em elaborar ações transparentes que pudessem fornecer ares de legitimidade às suas imposições, agiram somente com soluções elaboradas individualmente que eram respaldadas pelas “irrevogáveis” imposições da FIFA.

Todavia, não havia registros das supostas exigências apresentadas como justificativa do governo para a demolição. Em 26 de fevereiro de 2013, em depoimento ao MP, Carlos de La Corte, um dos representantes do COI, chegou a negar essas determinações, complementando ainda que a FIFA não pediu os referidos espaços para outras construções, como estacionamentos e áreas de circulação²⁸.

Foi providenciada a construção de um abaixo-assinado pela Comissão de Responsáveis apoiada por moradores do próprio bairro. É interessante destacar que é possível perceber no texto que a própria instituição já passou por outras grandes obras, como no contexto dos Jogos Pan-Americanos de 2007, e que estava disposta a continuar em seu espaço mesmo com todos os ônus que as novas mudanças na estrutura do Maracanã pudessem proporcionar. Também expressam a insegurança da provável destruição do prédio e a extinção da escola, exigindo uma

²⁷ ‘Pais e alunos protestam contra a demolição de colégio no Maracanã’. Extra Digital, 06 de nov. de 2009. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/pais-alunos-protestam-contrademolicao-de-colegio-nomaraacana-194282.html>>. Acesso em 11 maio 2020.

²⁸ ‘Maracanã que ninguém pediu’. Veja, 06 abr. 2013. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/radar/maracana-que-ninguem-pediu/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

definição de um outro local apropriado caso as demolições fossem postas em prática. O abaixo-assinado promovido, mesmo articulando cerca de 3500 assinaturas, não conseguiu uma resposta definitiva por parte dos representantes do Estado.

Às Autoridades Competentes

Como é de conhecimento de toda comunidade escolar, **a Escola Municipal Friedenreich, situada na Avenida Maracanã nº 350, Maracanã – SUDERJ, Rio de Janeiro, será demolida para virar um espaço vazio, área livre.**

Esta escola tem 44 anos de existência e já passou por vários eventos e obras tanto do Maracanã quanto do Maracanãzinho, inclusive pelos Jogos Pan-Americanos de 2007, sem nunca ter prejudicado o desenvolvimento dos mesmos.

A Escola Municipal Friedenreich proporciona um excelente ensino (IDEB: 6,3) para alunos desta região, atendendo à expectativa da comunidade que necessita de um ensino público e de qualidade.

A demolição da escola é um fato absurdo. Desta forma, resistindo a tal atitude e buscando garantir o direito fundamental à educação de centenas de crianças, contamos com ajuda para exigirmos **uma definição urgente de um local apropriado para o funcionamento desta escola** e a intervenção das autoridades competentes para agir de acordo com ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO, DA SOLIDARIEDADE SOCIAL E, ACIMA DE TUDO, DO DEVER DO ESTADO EM ZELAR PELA EDUCAÇÃO.

Assim sendo, nós, abaixo-assinados, nos solidarizamos com a causa acima citada e solicitamos que a Prefeitura do Rio de Janeiro tome providências para que a demolição só aconteça após a transferência da E.M. Friedenreich para um local definitivo. (Abaixo-assinado contra a demolição da E.M. Friedenreich, 2009, grifos originais).

Todavia, estas notícias deixaram de alarmar, já que nada mais se falava a respeito. Os anos de 2010 e 2011 foram mais tranquilos, o estado não se pronunciava a respeito de possíveis propostas que colocassem em risco o prédio da escola. A comunidade escolar frequentava aquele ambiente não mais preocupada como antes. O alvo, naquele momento, parecia ser a favela Metrô-Mangueira, situada a poucos metros da escola, nas margens da Avenida Radial Oeste, que sofria as primeiras remoções também justificadas pelas intervenções no entorno do estádio com vistas à realização dos megaeventos esportivos.

A atuação do MEPRJ fora provocada pela protocolização da Peça de Informação (ouvidoria) realizada por mães, pais e responsáveis de alunos da Friedenreich. No processo consta a possível demolição do prédio da E. M. Friedenreich e o receio do encerramento do serviço educacional de qualidade prestado à comunidade. Durante esses três anos de silêncio do Poder Público, a 1ª Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Proteção à Educação da Capital, representada pela Promotora de Justiça Bianca Mota de Moraes, enviou questionamentos aos representantes municipais e estaduais, os quais responderam que não havia o interesse na remoção da instituição.

Nesta documentação disponibilizada à comissão de responsáveis, o MPRJ detalhava de forma cronológica as informações colhidas. Primeiramente, ao ser questionada, a Secretaria

Municipal de Educação afirmou que o prédio era propriedade do governo estadual e que, sobre a demolição, a decisão estava pautada “em face da necessidade de adequar o espaço do Complexo do Maracanã para os jogos da Copa do Mundo de 2014”. Pode-se observar facilmente como as falas dos representantes municipais estavam alinhadas com as intenções do governo estadual. Já em outra resposta, a SME esclarece que, em face do adiamento das obras, a escola permaneceria funcionando naquele local.

Após diversas diligências, a Promotoria de Justiça explica que a 2ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e a Secretaria de Estado de Obras reafirmaram, por meio de ofício, não haver qualquer planejamento para a retirada da escola. Desta maneira, já que o próprio governo admitiu não prever em seu projeto qualquer intervenção, houve, por meio do MPRJ a determinação do arquivamento do processo. Assim, no dia 04/10/2012, a 1ª Promotoria enviou à escola um ofício informando a cópia da promoção de arquivamento do processo aberto de “forma meramente preventiva, tendo demonstrado durante o seu curso que o dano que se receava restou afastado pelo Poder Público”. Esta informação provocou em todos da escola uma sensação de alívio e, pelo que parecia, tudo se encaminhava para a permanência do prédio escolar.

Poucos dias depois, o conforto que fora gerado pelas falas dos representantes governamentais no processo aberto pelo Ministério Público transformou-se em tensão, levando em consideração a divulgação da minuta edital de concessão do Complexo do Maracanã para a iniciativa privada, em 22/10/2012. Magalhães (2012) ressalta que, por meio de uma “engenharia financeira” que pudesse tornar o negócio mais atraente para investidores, o documento previa a demolição do Estádio de Atletismo Célio de Barros, do Parque Aquático Júlio Delamare, do antigo Museu do Índio – que desde 2006, passou a ser ocupado por indígenas de várias etnias, sendo conhecido por Aldeia Maracanã²⁹ – e a transferência da E. M. Friedenreich para um destino ainda não definido³⁰. Apenas dezoito dias depois da tranquilizadora notícia do arquivamento da Peça de Informação sobre a demolição da unidade escolar, em que apresentava a negativa de representantes da prefeitura e do estado sobre qualquer intervenção na instituição, houve o surgimento da minuta de um edital que desmascarava os verdadeiros interesses sobre aquele espaço.

²⁹ Para conhecer mais detalhes: FREIRE, Leticia de Luna. Uma aldeia na 'cidade maravilhosa': conflito e resistência indígena no Rio de Janeiro. LATITUDE, v. 13, p. 97-120, 2019.

³⁰ ‘Concessão do Maracanã devolverá ao estado menos de 30% do que foi investido na reforma’. EXTRA DIGITAL, 22 out. 2012. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/concessao-do-maracana-devolvera-ao-estado-menos-de30-do-que-foi-investido-na-reforma-6474949.html>>. Acesso em 11 maio 2020.

O risco iminente de perder seu local de origem e ainda não saber onde seria o futuro espaço de estudo para as crianças reacendeu a necessidade de (re)articulação para divulgar à sociedade as pretensões do governo para aquele local. Rapidamente houve um grande acolhimento dos diversos setores da sociedade, principalmente a ONG Meu Rio³¹. A organização elaborou um *site* exclusivamente para colocar em prática as diversas estratégias de pressão e que atualmente estão organizadas para a consulta da sociedade, como o envio de 1.700 e-mails para a secretária de educação da cidade a fim de solicitar seu apoio a não demolição da escola e a marca de 19.295 apoiadores em um abaixo-assinado³². Esse número de assinaturas ultrapassava, inclusive, a quantidade de votos de muitos vereadores eleitos na cidade.

O que estava em jogo não era somente uma escola pública de qualidade, mas sua destruição a fim de satisfazer o apetite de empresas e governantes corruptos que visavam somente o lucro. Carolina Araújo, responsável por uma estudante da escola, mostrou sua indignação em uma entrevista concedida em 29/10/2012 ao portal eletrônico UOL: “para receber Copa e Olimpíada, o governo faz de tudo. Mas o que a população precisa mesmo é educação, não de jogo de futebol [...] educação não é prioridade para o governo”³³.

Em 2012 a escola foi avaliada segundo o IDEB, com 7,6 pontos, ocupando a quarta colocação no *ranking* das escolas municipais da cidade³⁴. Este era mais um motivo que reforçava a necessidade da não transferência para outro local, pois certamente a mudança afetaria seu público, já que o espaço oferecido se localizava em outro bairro. O então Secretário da Casa Civil Régis Fichtner afirmou em entrevista que a transferência foi definida para o prédio da antiga escola de veterinária do Exército, imóvel já construído e tombado³⁵, no bairro de São Cristóvão. Cabe salientar que o espaço não foi apresentado aos agentes escolares como uma opção, sendo escolhido de forma impositiva e não aceito pela comunidade, pois além da

³¹ O Meu Rio é uma “rede de ação por um Rio de Janeiro mais democrático, inclusivo e sustentável” que atua fiscalizando as ações dos órgãos públicos de forma sistemática. Possui ainda uma rede de apoiadores articulados principalmente pelas Redes Sociais. MEU RIO (2020). Disponível em: <<https://www.meurio.org.br/>>. Acesso em 15 maio 2020.

³² Registros como fotografias e vídeos buscam resumir em uma cronologia o processo de resistência da escola e a contribuição do Meu Rio para a vitória. Disponível em: <<https://www.escolanaosedestroi.meurio.org.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

³³ ‘Projeto de privatização do Maracanã prevê demolição de escola pública modelo’. UOL COPA, 29 out. 2012. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/29/projeto-de-privatizacao-domaracana-preve-demolicao-de-escola-publica-modelo.htm>>. Acesso em 10 maio 2020.

³⁴ Resultados e Metas do IDEB. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=797719>>. Acesso em 12 maio 2020.

³⁵ ‘Escola Municipal Friedenreich será transferida para prédio da antiga escola de veterinária do Exército’. EXTRA DIGITAL, 08 nov. 2012. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/escola-municipal-friedenreich-sera-transferida-para-predio-da-antiga-escola-de-veterinaria-do-exercito-6670727.html>>. Acesso em 16 maio 2020.

dificuldade de acesso aos transportes públicos para os atuais alunos, não havia acessibilidade para as crianças com deficiência.

O estádio do Maracanã já havia passado por eventos muito maiores que sua recente capacidade. A ONG Meu Rio transformou alguns expressivos episódios em uma linha do tempo – figura abaixo –, desde a inauguração da escola, em 1965, até a Copa de 2014, passando pelo famoso jogo entre Vasco e Flamengo de 1976, com mais de 174 mil pessoas, o show da Tina Turner, com 188 mil pessoas, a missa do papa João Paulo II, com 150 mil pessoas, o show do Paul McCartney, com 184 mil pessoas, o Rock In Rio com 198 mil pessoas e os Jogos Pan Americanos de 2007.

Figura 14 - Linha do tempo com alguns eventos com números expressivos de público



Fonte: MEU RIO, 2013.

Nesse novo contexto de incerteza, a famosa letra de “não deixe o samba morrer”, composta por Edson Gomes Conceição e Aloisio, gravada na década de 1970 pela cantora Alcione, foi adaptada pela funcionária da escola Monica Martins para retratar a realidade vivenciada e posteriormente divulgada nas redes sociais³⁶. Jasper (2016) coloca que os movimentos sociais procuram *slogans*, músicas, poesias ou imagens significativas que

³⁶ MARTINS, Monica. ‘E. M. Friedenreich não pode acabar!’, 02 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Kb9n8M0_24&t=48s>. Acesso em 31 ago. 2021.

envolvam pessoas a fim de fortalecer sua luta. Neste caso: “as letras de música costumam ser mais complexas, mas também precisam ser suficientemente cativantes para cantar e simples de lembrar” (JASPER, 2016, p. 74). Assim, nos protestos da Friedenreich, a canção era apresentada frequentemente pelas vozes das crianças para todos os presentes, inclusive na Audiência Pública sobre a concessão do Complexo do Maracanã.

Não deixe a escola morrer
Friedenreich não pode acabar
Foi feita com grana do povo
Pra nossa criança estudar

Não deixe a escola morrer
Friedenreich não pode acabar
Foi feita com grana do povo
Pra nossa criança estudar

Quando eu não puder entrar mais na escola
Quando os alunos não puderem estudar
Como vai ficar nossa educação
Tendo esse fantasma da demolição

Eu vou lutar no meio do povo gritando
Minha escola não pode acabar
Queremos ficar!

Antes do prédio cair
Faço esse apelo de novo
Meu desespero é total!

Antes do prédio cair
Faço esse apelo de novo
Meu desespero é total

Não deixe a escola morrer
Friedenreich não pode acabar
Foi feita com grana do povo
Pra nossa criança estudar

Não deixe a escola morrer
Friedenreich não pode acabar
Foi feita com grana do povo
Pra nossa criança estuda

Um vídeo disponibilizado no Youtube pelo Meu Rio com o título “Escola não se destrói - Para onde vamos?”³⁷, apresenta relatos da insegurança de educadores e responsáveis acerca do terreno oferecido para a construção da nova unidade escolar, pois mesmo o bairro de São Cristóvão sendo vizinho ao bairro do Maracanã, não há opções de transporte público que

³⁷ ‘Escola não se destrói - Para onde vamos?’. Meu Rio, 05 set. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DBIXKHGwf6M>>. Acesso em 16 maio 2020.

conectem as duas regiões diretamente. Na filmagem, Felipe Rothier, aluno com deficiência, e sua avó, Ilza Rothier, percorrem o caminho da E. M. Friedenreich até o local oferecido para sediar a nova unidade escolar, utilizando duas linhas de ônibus e ainda um percurso a pé, somando aproximadamente uma hora. Desta maneira, a divulgação da gravação pelas redes sociais possuía a intenção de divulgar à sociedade os motivos que justificavam toda a resistência da comunidade escolar em permanecer em seu lugar de origem.

Além disso, havia outra preocupação na transferência da escola de bairro em relação à lotação dos funcionários, já que o bairro do Maracanã pertence à 2ª CRE, enquanto São Cristóvão à 1ª. Mudanças são bastante burocráticas, exigindo que o servidor se inscreva em um concurso de remoção realizado anualmente, formando uma classificação para escolha de escolas que segue critérios estabelecidos pela Secretaria Municipal de Educação, o que, portanto, poderia afetar na manutenção do atual corpo docente da unidade.

Figura 15 - Ilza Rothier e Felipe Rothier no dia da gravação do vídeo “Escola não se destrói - Para onde vamos?”



Fonte: MEU RIO, 2012.

A Audiência Pública para tratar sobre a concessão do Maracanã ocorreu em 08 de novembro de 2012 no Galpão da Cidadania, no bairro da Gamboa, na região central da cidade. Estavam presentes representantes de movimentos sociais, mandatos políticos, organizações não governamentais e diversos grupos atingidos. Havia um grande interesse na participação de toda a comunidade escolar, todavia, como a audiência estava marcada para às 18h, o grupo se

preocupou em obter um transporte seguro, principalmente para as crianças, tanto para ida, quanto para a volta. A ONG Meu Rio lançou uma campanha de financiamento colaborativo no dia 05 de novembro visando conseguir recursos para o aluguel de ônibus. Um vídeo que explicava à população um pouco sobre o processo de tentativa de demolição da Friedenreich foi divulgado na internet e pedia à população doações a fim de garantir um transporte adequado às crianças até a audiência pública³⁸. Com a colaboração coletiva, foram fretados quatro ônibus somente para a comunidade escolar se juntar aos representantes do Estádio de Atletismo Célio de Barros, Parque Aquático Júlio Delamare, Comitê Popular da Copa e da Olimpíada, da Frente Nacional dos Torcedores e de indígenas que ocupavam há anos o prédio abandonado do antigo Museu do Índio.

A audiência pública, especificamente, pode ser utilizada tanto na esfera administrativa como legislativa, podendo ser inclusive solicitada pelos cidadãos. Nos municípios, este instrumento é obrigatório para a aprovação de leis orçamentárias e do plano diretor, que diz respeito à ordenação urbana e à garantia do bem estar de seus habitantes. Ela possui a dupla função de fornecer ao público as informações relevantes sobre o projeto em debate e servir de canal para suas opiniões. A não realização da audiência pública, nos casos previstos por lei, configura vício do processo e torna as decisões administrativas ou legislativas inválidas (DODEBEI; WERNECK, 2014, p. 50).

Veículos de imprensa cobriram o evento, todavia, somente oportunizaram ao governo justificar suas iniciativas. Já os protestantes foram acusados pelas autoridades de serem brutos e desordeiros. Jasper (2016) coloca que é comum autoridades governamentais possuírem o *status* de fontes legítimas, enquanto os manifestantes possuem muito mais dificuldade em desfrutarem dessa condição. Em entrevista, o secretário da Casa Civil, Regis Fichtner, considerou a audiência legítima, sendo seu possível cancelamento um atentado à democracia. Já o público presente que fazia oposição foi acusado de atirar “bolas de papel” nas autoridades³⁹. “Os editores muitas vezes apresentam os protestos como caso de polícia, mostrando os manifestantes como potenciais infratores” (JASPER, 2016, p. 184).

Uma das poucas respostas que o secretário forneceu aos questionamentos era que o estado possuía orgulho da escola: “Nos orgulha por quê? Porque tem bons alunos, bons professores, boa diretoria. Esta mesma escola pode funcionar melhor em um lugar próximo dali”, garantindo ainda que as crianças só sairiam da escola atual quando a outra estivesse

³⁸ ‘Leve a escola para a audiência do Maraca!’. Meu Rio, 05 nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUQ_w6IIgBQ>. Acesso em 31 ago. 2021.

³⁹ ‘Em audiência sobre Maracanã, manifestantes atiram bolas de papel’. G1 RIO, 08 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/11/em-audiencia-sobre-maracana-manifestantes-atiram-bolas-de-papel.html>>. Acesso em: 19 maio 2020.

pronta⁴⁰. Percebe-se que as respostas dadas eram incompletas e não levavam em consideração as falas dos representantes da sociedade civil presentes. Mesmo com a presença de mais de 500 manifestantes (KFOURI, 2012 *apud* DODEBEI; WERNECK, 2014), não houve uma participação democrática dos presentes e o processo foi considerado suficiente pelo Estado para validar a escolha pela concessão privada. “As arenas têm tanto perdedores quanto vencedores, e muitas vezes são montadas para favorecer um ator em detrimento de outros” (JASPER, 2016, p. 32). Segue um informe da audiência publicado pelo Meu Rio em sua página no Facebook:

A audiência pública do Maracanã foi marcada por fortes protestos da sociedade civil. Estudantes, torcedores e índios estiveram presentes e pediram o cancelamento da audiência, alegando que uma outra audiência anterior deveria ter acontecido: para discutir se o Maracanã deve ou não ser concedido à iniciativa privada. O Secretário da Casa Civil, Regis Fichtner, alegou que a demanda pelo cancelamento da audiência não era legítima, pois apenas uma "minoridade da população" estava presente. O Governo manteve a audiência. As crianças, pais e profissionais da Escola Municipal Friedenreich estiveram presentes para exigir a não demolição da Escola. As crianças deram um show: Levaram cartazes, cantaram e se manifestaram com apitos e cartões vermelhos. Quando indagado sobre a situação da Escola, o Secretário alegou que seu destino está nas mãos da Secretaria Municipal de Educação e da Prefeitura. Amanhã teremos novidades. (MEU RIO, 2013)

Na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), a deputada estadual Clarissa Garotinho chegou a propor um projeto de resolução para a convocação de um plebiscito sobre a privatização do Maracanã que obteve apoio de 33 deputados dos 70 possíveis, todavia não foi adiante⁴¹.

Visando a garantia de manutenção das aulas para o próximo ano letivo – 2013 – o MPRJ ajuizou uma Ação Civil Pública solicitando a antecipação de tutela contra a prefeitura e o estado do Rio de Janeiro. A ação foi provocada a fim de garantir qualquer medida que inviabilizasse ações que impedissem a educação naquela unidade de ensino. A 1ª Promotoria de Educação do MPRJ utilizou como base em seus argumentos o próprio inquérito aberto no ano de 2009 e finalizado no ano de 2012 com a afirmação dos poderes municipal e estadual da não interferência na estrutura da escola. Esta informação foi confirmada pela própria Secretaria de

⁴⁰ 'Audiência do Maracanã é alvo de boicote, ovos e até fezes'. TERRA, 08 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/audiencia-do-maracana-e-alvo-de-boicote-ovos-e-ate-fezes,191816b19c6fa310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 19 maio 2020.

⁴¹ 'Clarissa Garotinho tenta plebiscito sobre privatização do Maracanã'. G1 RIO, 13 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/11/clarissa-garotinho-tenta-plebiscito-sobre-privatizacao-do-maracana.html>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

Obras do Estado em 28 de agosto⁴². Além disso, um outro argumento utilizado pela Promotora de Justiça Bianca de Moraes era que a decisão sobre a demolição somente ocorreu próximo ao encerramento das matrículas para 2013, não sendo apresentada qualquer definição sobre prazos e locais com a adequada estrutura para receber todo o corpo escolar, gerando insegurança sobre o futuro dos estudantes⁴³.

Em entrevista concedida na coletiva de imprensa do segundo encontro preparatório para a Jornada Mundial da Juventude de 2013 – um dos grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro que antecederiam a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 – o prefeito Eduardo Paes declarou, ao ser questionado, que as manifestações contrárias à demolição da E. M. Friedenreich eram demagógicas e que a questão estava cercada de “desinformação”, afirmando ainda que a transferência era positiva⁴⁴. Esta declaração ocorreu em apenas um dia após a manifestação do MPRJ contra as iniciativas governamentais. O chefe do poder executivo desqualificou totalmente a relação da comunidade escolar com o lugar, declarando o seguinte: "Escola não é prédio. São seus professores, a sua história e qualidade do ensino. A escola sai dali para um prédio em melhores condições. Paremos com tanta demagogia" (BIANCHI, 2012, online). Como já apresentado em outro capítulo, a E. M. Friedenreich possui uma grande estrutura, não justificando a declaração do prefeito, que, inclusive, nunca visitou suas dependências. Os argumentos utilizados por Paes começavam a colocar a escola como vítima dos eventos que ocorriam no Complexo do Maracanã, os quais atrapalhavam seu correto funcionamento, como publicado em uma notícia do G1:

Aquele é um prédio que volta e meia sofre toda vez que tem um evento no Maracanã e no Maracanãzinho por estar no meio dos dois maiores estádios dessa cidade. Então, a alternativa encontrada é você ir para um prédio de mais qualidade e fazer uma coisa melhor, mantendo-se a qualidade da escola (SOARES, 2012)

No legislativo, após procurados, parlamentares de oposição e poucos de situação colocaram-se contrários à demolição da Friedenreich, aprovando uma audiência pública conjunta, com a presença de deputados da ALERJ e vereadores da Câmara Municipal do Rio

⁴² ‘Ministério Público impede demolição da Escola Municipal Friedenreich’. Jornal Extra, 27 nov. 2012. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/ministerio-publico-impede-demolicao-da-escola-municipal-friedenreich-6843230.html>>. Acesso em 28 ago. 2021.

⁴³ ‘Ministério Público impede demolição da Escola Municipal Friedenreich’. Jornal Extra, 27 nov. 2012. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/ministerio-publico-impede-demolicao-da-escola-municipal-friedenreich-6843230.html>>. Acesso em 28 ago. 2021.

⁴⁴ ‘Paes chama de demagogia protestos contra demolição de escola’. Terra, 28 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/paes-chama-de-demagogia-protestos-contrademolicao-de-escola.1b18af97a555b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em 28 ago. 2021.

de Janeiro (CMRJ) para o dia 30 de novembro de 2012 no plenário da CMRJ⁴⁵. O convite foi realizado formalmente para a comissão de responsáveis, vereadores, deputados estaduais e para representantes dos executivos municipal e estadual (figura 16). Todavia, mesmo após grande divulgação, a reunião foi cancelada devido a não confirmação de representantes dos governos estadual e municipal⁴⁶.

Figura 16 - Convite para Audiência Pública sobre a E. M. Friedenreich

Câmara Municipal do Rio de Janeiro

*O Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro,
Vereador Jorge Felipe, por iniciativa da Comissão de Educação e Cultura
conjunta com a Comissão de Educação da ALERJ, tem a honra de convidar
para a Audiência Pública sobre a Escola Municipal Friedenreich.
Na ocasião estarão presentes, além das autoridades legislativas,
autoridades municipais e estaduais, Comissão de Educação da OAB e
Ministério Público Estadual, como também representantes da comunidade escolar.
A audiência será realizada no dia 30 de novembro de 2012,
sexta-feira, às 18 horas e 30 minutos.*

*Plenário Teotônio Villela
Palácio Pedro Ernesto*

*Praça Floriano, s/n°
Cinelândia - RJ*

Fonte: O autor, 2021.

No dia 01 de dezembro de 2012, grande parte da comunidade da Friedenreich se reuniu com membros do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do RJ e da Aldeia Maracanã para uma manifestação marcada por uma caminhada entre a Praça Saens Peña, no bairro da Tijuca, à Estátua do Bellini no Complexo do Maracanã. Em entrevista ao jornal Extra, Carlos Sandes, presidente da comissão de responsáveis, em defesa da permanência da escola, coloca que:

A escola é a quarta melhor do Rio e tem história com o Maracanã. Querem transferi-la para um endereço em São Cristóvão de difícil acesso e transporte precário.

⁴⁵ 'Câmara e Alerj farão audiência sobre demolição da escola Friedenreich'. Jornal Extra, 28 nov. 2012. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/camara-alerj-farao-audiencia-sobre-demolicao-da-escola-friedenreich-6859461.html>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

⁴⁶ 'Alunos de escola que será demolida para obra do Maracanã ainda não sabem onde estudarão'. UOL, 30 nov. 2012. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2012/11/30/alunos-de-escola-que-sera-demolida-para-obra-do-maracana-ainda-nao-sabem-onde-estudarao.htm>>. Acesso em 30 ago. 2021.

Queremos a garantia de que a escola estará aqui em 2013 e, a partir do ano que vem, voltamos a conversar sobre as alternativas — diz Carlos Sandes, que é pai de uma aluna da escola (GARES, 2012)

É possível perceber que o discurso em defesa da E. M. Friedenreich era pautado na segurança de seu prédio. Carlos Ehlers ainda justificou em outra entrevista, dessa vez ao jornal Terra, que “a escola está ali há 50 anos, passamos por vários eventos e nunca tivemos problema algum” e que “jogar esta escola no chão é demolir um projeto pedagógico que a transformou na 10ª melhor escola pública do Brasil, no segmento educação básica, e a quarta melhor do Rio de Janeiro”⁴⁷. Em sua maioria, a comunidade atendida residia naquela região e sua ligação com seu entorno era algo que devia ser respeitado pelo Estado. A preocupação de ir para outro local também estava no transporte e nas drásticas mudanças que a maioria do corpo escolar teria no trajeto entre a casa e a escola. O primeiro progresso demandado pelos sujeitos era iniciar o ano letivo de 2013 no Maracanã, já que toda falta de diálogo com os representantes do executivo levava a crer na sua indisposição em negociar.

Figura 17 - Protesto realizado em 01 de dezembro de 2012



Fonte: Andrea Filardi, 2012.

⁴⁷ ‘Manifestantes protestam contra demolição de antigo Museu do Índio’. Terra, 01 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/manifestantes-protestam-contrademolicao-de-antigo-museu-do-indio,5248d6338277b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

O apoio do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE RJ) foi materializado em um cartaz com os dizeres: “Derrubar a escola é destruir sua história” (figura 17). Isto ressalta como outras instituições reconhecem a importância na manutenção dos agentes escolares em seu espaço de origem para a preservação da história da instituição.

Alunos, com o auxílio de seus responsáveis, confeccionaram cartazes para manifestar suas insatisfações em ter seu direito à educação pública de qualidade cerceado por decisões unilaterais (figura abaixo).

Figura 18 - Alunos no ato contra a demolição de sua escola



Fonte: Andrea Filardi, 2012.

No legislativo municipal, a busca pelo tombamento da E. M. Friedenreich foi iniciado em 11 de novembro de 2009, com a publicação do Projeto de Lei (PL) nº 469/2009 de autoria do vereador Carlo Caiado e posteriormente coautoria de Leonel Brizola Neto, Reimont, Tio Carlos e Eider Dantas. Apesar de conseguir obter parecer favorável em 01 de dezembro do mesmo ano pela Comissão de Constituição e Justiça da CMRJ, o PL ficou sem movimentações até 2012, ano em que a prefeitura voltou a confirmar a demolição da escola.

A pressão pela votação do tombamento tornou-se mais intensa a partir da confirmação da demolição. Havia um consenso entre os agentes da escola que a legislação aprovada na CMRJ evitaria a destruição do prédio, conseqüentemente proporcionando a continuidade da escola. O PL, em sua íntegra, foi apresentado da seguinte maneira:

Art. 1º Fica tombado, por interesse educacional e social, a Escola Municipal Friedenreich, instalada no Complexo do Maracanã.

Art. 2º Em decorrência do tombamento efetuado por esta Lei, fica vedada, além da demolição da edificação, a transferência definitiva de suas atividades educacionais, admitida a transferência provisória em caso de necessidade decorrente de eventuais obras no Complexo do Maracanã.

Art. 3º O Poder Executivo, por intermédio do órgão competente, adotará as medidas necessárias para o registro do tombamento realizado por esta Lei.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (RIO DE JANEIRO (RJ), 2009).

O PL contou com a seguinte justificativa:

Por conta de suposta “*exigência da FIFA*” para que a final da Copa de 2014 possa realizar-se no Estádio Maracanã, temos sido constantemente alertados de que o governo do Estado do Rio, com o beneplácito da Prefeitura do Rio, pretende destruir a Escola Municipal Friedenreich.

Esta Escola Municipal, como todos sabem, funciona há mais de 40 anos no Complexo do Maracanã, entre o Estádio do Maracanã propriamente dito e o Maracanãzinho.

Trata-se de uma das escolas mais conceituadas do Município, com profissionais de qualidade, e que conta com a participação ativa da comunidade, não só a escolar, representada por alunos, professores e pais, mas também pelos vizinhos do bairro do Maracanã e proximidades.

E é esta comunidade que vem se mobilizando contra a nefasta medida, quer diretamente por meio de abaixo-assinados, quer buscando mobilizar políticos compromissados com a qualidade de vida da população

Ao promover o tombamento da Escola Municipal Friedenreich, permitindo apenas uma eventual transferência em caráter provisório, e mesmo assim se provada a necessidade para a realização de obras no Complexo do Maracanã, esta Casa de Leis estará se colocando, inequivocamente, ao lado do direito à Educação de qualidade⁴⁸.

A publicação de vídeos das crianças solicitando o apoio do legislativo, principalmente dos parlamentares governistas, gerou grande repercussão à causa. Foram preparadas várias gravações, nas quais os alunos diziam o nome do vereador e solicitava o seu apoio para votar a favor da escola. Além disso, foi elaborado um vídeo explicativo por um membro do Meu Rio para ser compartilhado aos cidadãos das redes sociais sobre a existência do PL que visava impedir a demolição da E. M. Friedenreich, tornando-a patrimônio da cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, na mesma gravação, as crianças surgiam em frente ao muro da escola cantando “Não deixe a escola morrer” (figura 19).

⁴⁸ Justificativa do Projeto de Lei nº 469/2009. Disponível em: <<http://www.camara.rio/atividade-parlamentar/processo-legislativo/legislatura-8/pl/>>. Acesso em 16 jan. 2022.

Figura 19 - Crianças cantando “não deixe a escola morrer”



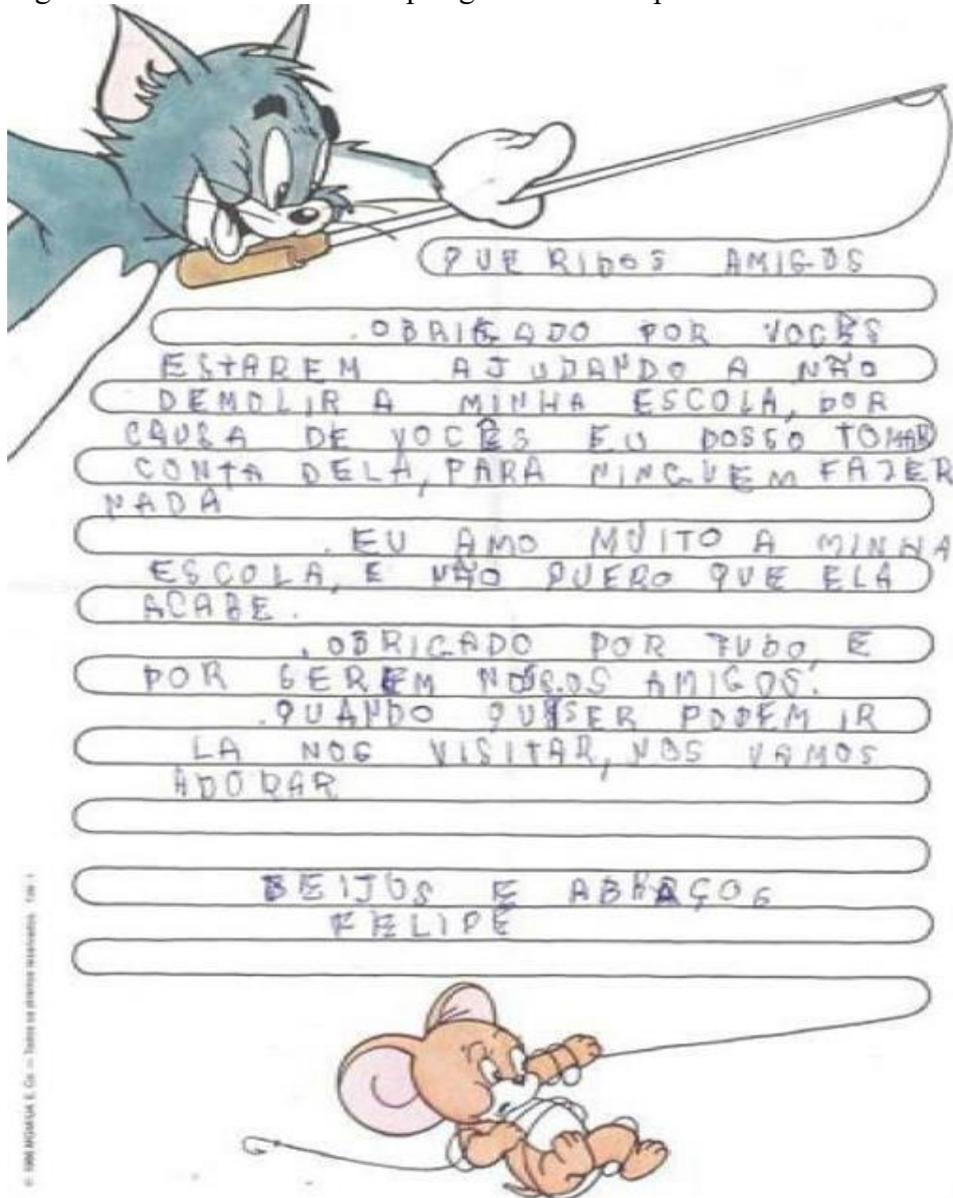
Fonte: MEU RIO, 2012

Membros do corpo escolar faziam visitas constantes aos gabinetes dos vereadores a fim de pedir apoio para a introdução do PL na ordem do dia e sua aprovação nas duas votações, seguindo os trâmites exigidos para ida da proposta ao prefeito, que deveria sancioná-la ou vetá-la. Mesmo sendo um longo processo, os apoiadores da ideia tinham a convicção que a pressão da sociedade traria respostas positivas.

Cartas eram produzidas pelas crianças, tanto para divulgar o movimento de pressão da escola, quanto para agradecer o apoio recebido. Felipe Rothier, de 11 anos, aluno com deficiência (Síndrome de Ehlers-Danlos) que participava ativamente do processo de inclusão na escola, produziu uma mensagem de gratidão aos apoiadores da causa (figura 20).

Você sabia que para instalar a câmera que vigia a Friedenreich 24h por dia, o Meu Rio bateu em todas as portas das casas na frente da escola? Finalmente, uma família super querida topou virar super-guardiã e hospedar nossa câmera. Em agradecimento, nossa equipe vai levar alguns alunos da escola pra conhecê-los e entregar um presente dos nossos membros amanhã! Vamos filmar tudinho pra você ficar de olho. Por enquanto, olha só que FOFA essa carta que um aluno da Friedenreich escreveu pro casal! Faça parte desse movimento, a Friedenreich não pode acabar. Inscreva-se em <http://deguarda.meurio.org.br/>.
[#EscolaNãoSeDestrói](#) [#EducaçãoFazDiferença](#) (MEU RIO, 2012).

Figura 20 - Carta do aluno Felipe agradecendo o apoio à escola



Fonte: Felipe Rothier, 2012.

No dia 18 de dezembro de 2012, a votação em primeira discussão do PL de tombamento da escola foi colocada na pauta do dia. As galerias da CMRJ estavam compostas por grande parte da comunidade escolar da E. M. Friedenreich, representantes da Aldeia Maracanã – estes também buscavam a aprovação de seu tombamento – e demais entidades da sociedade civil que lutavam contra as remoções ocorridas na cidade do Rio de Janeiro. Para o prosseguimento da proposta, como qualquer matéria que exige maioria simples, era necessário que 26 dos 51 vereadores votassem pelo “sim”. Todavia, como feito em sessões anteriores, muitos parlamentares governistas não votavam ou se retiravam da sessão, impedindo o prosseguimento

do projeto. No instante da apreciação do tombamento da Friedenreich, foram somados 25 votos a favor e nenhum contra. A ansiedade e o desespero tomavam conta das galerias, já que por apenas 1 voto a matéria seria arquivada. Todavia, o vereador Guaraná, um dos principais parlamentares da base de apoio do governo estava presente e se recusava a votar. Quando o presidente da casa questionava se haveria mais algum vereador a se manifestar, pois iria encerrar a votação, Guaraná, muito pressionado pelos presentes, movimentou-se para registrar sua opção. Naquele instante, muitos de nós que estávamos acompanhando todo aquele “furacão de emoções” imaginávamos que, mesmo sendo pressionado, o voto de um dos principais governistas seriam pelo “não”. Todavia, surpreendentemente ele votou de acordo com o PL, completando a quantidade mínima para o prosseguimento. A galeria ficou extasiada, todos se abraçavam e choravam por esse primeiro grande passo. Agora, o tombamento da Friedenreich finalmente fora aprovado em primeira discussão.

A expectativa sobre a nova votação em segunda discussão foi frustrada pela apresentação de uma emenda supressiva de autoria do vereador Uóston que retirava o artigo 2º do PL 469/2009. Esta manobra contou com o apoio de outros 18 vereadores da base governista: Dr. Carlos Eduardo, Dr. Eduardo Moura, Jorginho da S.O.S, Tânia Bastos, Jorge Braz, Dr. Jorge Manaia, Roberto Monteiro, Nereide Pedregal, Marcelo Piuí, Ivanir de Mello, Rubens Andrade, Carlinhos Mecânico, Elton Babú, Luiz Carlos Ramos, Jorge Felipe, João Mendes de Jesus, Israel Atleta e Argemiro Pimentel. A supressão foi recebida como um golpe na tentativa de proteção da escola, já que excluía um ponto muito importante da lei a ser aprovada. Este artigo vedava a demolição do prédio e a transferência da escola definitivamente, salvo provisoriamente em decorrência das obras realizadas no complexo. Dessa forma, se esta emenda fosse aprovada, o tombamento da escola não significaria sua proteção, já que a própria lei respaldaria a remoção da E. M. Friedenreich de seu local de origem.

Mesmo com a maioria da base governista apoiando a retirada do artigo 2º do PL de tombamento, ainda havia a esperança de recuperar votos de vereadores que inicialmente votariam com a prefeitura. Dois dias após a primeira discussão, no dia 20 de dezembro, as galerias da Câmara – lotadas por representantes da Aldeia Maracana e da E. M. Friedenreich – cobravam e aplaudiam declarações de apoio de parlamentares⁴⁹. Mesmo com tantos esforços, não houve a retirada da emenda supressiva, impossibilitando a tramitação do PL, pelo menos até o retorno do recesso parlamentar.

⁴⁹ ‘Câmara aprova campo de golfe na reserva de Marapendi, no Rio’. G1, 20 dez. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/12/camara-aprova-campo-de-golfe-na-reserva-de-marapendi-no-rio.html>>. Acesso em: 06 set. 2021.

As galerias do plenário estavam lotadas de jovens que esperavam a votação do tombamento do Museu do Índio e da Escola Municipal Friedenreich, no Maracanã, que devem ser demolidas. A votação não aconteceu, mas eles ficaram para acompanhar os rumos do projeto que permite a construção do campo de golfe na reserva de Marapendi. Eles aplaudiam os vereadores que se declaravam contra o projeto e gritavam "crime ambiental". (QUAINO, 2012)

Havia uma grande pressão para um anúncio sobre garantia na permanência da escola no próximo ano letivo, já que as férias estavam se aproximando e seu prédio ficaria vazio, oportunizando sua demolição. O comunicado ocorreu apenas em 29 de dezembro após diversas tentativas de contato. A confirmação da secretária municipal de educação – Cláudia Costin – foi realizada por telefone com representantes do Meu Rio, ocasião em que se comprometeu em não remover a escola até a construção de outra (o que ainda não havia sido iniciado). Rafael Rezende, um dos membros do Meu Rio disse que ao ser questionada por um anúncio oficial da prefeitura, a secretária negou a possibilidade, mas pediu para confiar em sua palavra⁵⁰. Em resposta a *e-mails* enviados por responsáveis de alunos, Costin voltou a confirmar: “esta informação procede, sim. O Regis Fischer, do governo estadual, me garantiu que a Friedenreich poderá continuar onde está até a nova escola ficar pronta” (MELLO, 2012).

A insegurança de a escola ser demolida a qualquer instante fez com que o Meu Rio criasse o movimento “De guarda”, instalando câmeras de vigilância em um apartamento em frente à escola. Elas ficavam apontadas para o terreno durante 24 horas por dia, inclusive nos finais de semana⁵¹. O objetivo era detectar qualquer ação de invasão do Estado para realizar a remoção, pois toda a comunidade sentia a sensação de que, a qualquer momento, os tratores chegariam para demolir o espaço no instante que a escola estivesse vazia, portanto, não apresentando resistência. Com as imagens ao vivo disponibilizadas na internet, os apoiadores poderiam se inscrever para receber uma notificação de incursões suspeitas que poderiam ser acionadas ao clicar na opção “alertar guardiões!” por qualquer pessoa que assistisse às filmagens e julgasse algo suspeito, conforme a figura 21. Segundo o próprio Meu Rio, 1954 pessoas se inscreveram para vigiar a escola⁵².

⁵⁰ ‘Prefeitura mantém alunos na Escola Friedenreich, apenas em 2013’. Jornal do Brasil, 29 dez. 2012. Disponível em: <https://www.jb.com.br/index.php?id=/acervo/materia.php&cd_matia=651061&dinamico=1&preview=1>. Acesso em 29 ago. 2021.

⁵¹ ‘Projeto para salvar a Escola Friedenreich, no Rio, confia no poder na internet’. Revista Galileu, 21 dez. 2012. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI327322-17770,00-PROJETO+PARA+SALVAR+A+ESCOLA+FRIEDENREICH+NO+RIO+CONFIA+NO+PODER+NA+INTERNE.html>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

⁵² Disponível em: <<https://www.escolanaosedestroi.meurio.org.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2021

Figura 21 - Live promovida pelo Meu Rio para alertar apoiadores sobre possível invasão



Fonte: PROJETO, 2012.

Mesmo com o Governo do Estado ainda afirmando que as demolições eram necessárias para a modernização do estádio, a garantia em não intervir no prédio enquanto outra escola estivesse pronta foi vista como um progresso para a comunidade. Esta trégua momentânea “tranquilizou” o movimento de defesa, já que não havia nenhuma construção em andamento no local destinado à nova instalação da Friedenreich. Uma pequena vitória diante das constantes mobilizações articuladas durante o ano de 2012.

Já em 25 de fevereiro de 2013, o governo estadual publicou o edital de concessão do Complexo do Maracanã. O documento previa a utilização do espaço pela iniciativa privada por 35 anos, colocando a concessionária vencedora como responsável pelas demolições das instituições já citadas, incluindo a E. M. Friedenreich. Antes da divulgação do edital, ainda havia esperança do recuo do governo quanto à transferência da escola, todavia, isto não foi confirmado na abertura da concorrência.

Um ato contra a entrega do Maracanã para a iniciativa privada foi realizado no dia 16 de março de 2013. O grupo se reuniu na Praça Saens Peña e caminhou até a Aldeia Maracanã⁵³. Membros da comissão de responsáveis estavam presentes e se posicionaram contra a remoção

⁵³ ‘Grupo faz ato contra a entrega do Maracanã para a iniciativa privada’. G1, 16 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/03/manifestantes-fazem-ato-no-rio-contra-privatizacao-do-maracana.html>>. Acesso em: 06 set. 2021.

da escola. Carlos, em entrevista, justificou que não havia a necessidade de transferir a escola para o estádio comportar os megaeventos previstos:

Minhas duas filhas estudaram lá, o filho da Rosangela estuda. Lá é um local de acessibilidade para estudantes, pais e professores. Há transporte para todos os locais como em nenhum outro lugar do Rio de Janeiro. Além disso, a escola está lá a 48 anos e o Maracanã já recebeu 180 mil pessoas com a escola lá, então não tem por que retirar a escola de lá. (CARDOSO, 2013).

Figura 22 - Professora Andrea Filardi no ato de 16/03/2013



Fonte: Perfil de Andrea Filardi no Facebook, 2013.

Em 1º de abril de 2013 os atletas e alunos do Parque Aquático Júlio Delamare, vizinho à escola, foram surpreendidos pela manhã com cadeados na porta. Ninguém estava autorizado a entrar no espaço que atendia atletas de alto desempenho, crianças e idosos. Cabe ressaltar que suas dependências sediaram as competições de polo aquático nos Jogos Panamericanos de 2007, que demandaram por grandes reformas, custando cerca de 10 bilhões na época⁵⁴. A execução do projeto de destruição estava a cada dia mais próximo à Friedenreich.

O primeiro evento-teste após as grandes transformações no estádio do Maracanã ocorreu em 27 de abril de 2013, sendo marcado por apresentações de artistas e a presença de políticos, como Dilma Roussef, Lula, Sérgio Cabral, Fernando Pezão e Eduardo Paes⁵⁵. Parte da

⁵⁴ 'Parque Aquático Júlio Delamare é fechado'. Jornal Extra, 01 abr. 2013. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/parque-aquatico-julio-delamare-fechado-8000485.html>>. Acesso em 28 set. 2021.

⁵⁵ 'Maracanã dá show de luzes em teste com direito a 'elástico' de Ronaldo'. G1, 27 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/04/maracana-da-show-de-luzes-em-teste-com-direito-elastico-de-ronaldo.html>>. Acesso em: 28 set. 2021.

comunidade escolar juntou-se aos demais manifestantes e fizeram-se presentes com faixas e cartazes como “Não deixe a Friedenreich ser a bola da vez”, “Eu amo a Friedenreich”, “Por favor não destruam a escola Friedenreich”, “Nada de estacionamento. Eu sou contra!!! Salvem a Friedenreich” e “Maraca é nosso!!! Ninguém vai destruir isso!!!”

Figura 23 - Presença da comunidade escolar no primeiro evento-teste do Maracanã



Fonte: Andrea Filardi, 2013.

A aula pública promovida pelas educadoras da Friedenreich no Centro Administrativo São Sebastião (CASS), no dia 18 de julho de 2013, sede da Prefeitura do Rio de Janeiro, foi uma emblemática iniciativa que mobilizou dezenas de pessoas. Uma comissão – formada principalmente pelos alunos da escola – compareceu ao gabinete do prefeito para entregar em mãos uma carta, solicitando a não demolição da sua escola. Após a entrega, todos desceram e montaram um espaço destinado às crianças, a fim de preparar uma aula pública sobre cidadania. Pessoas que passavam pelo espaço eram convidadas a participar do ato e recebiam panfletos explicativos sobre o contexto e a atual situação da escola, além da disponibilização de canais de comunicação e compartilhamento de informações. Nos registros da pesquisa, há entrevistas e fotografias que mostram uma movimentação atípica de guardas municipais atentos ao movimento, questionando os presentes a todo instante o objetivo daquela concentração de pessoas, todavia, não houve impedimento ao ato. Na figura abaixo, é possível perceber uma roda de alunos sentados com a professora Aline Mora lendo um conto e, ao fundo, membros da comissão de responsáveis segurando duas faixas com os seguintes dizeres: “Escola Friedenreich no Maracanã” e “Política também se aprende na escola”.

Figura 24 - Professora Aline Mora lendo para as crianças nas dependências do CASS



Fonte: Andrea Filardi, 2013.

Iniciadas em São Paulo, as manifestações de junho de 2013 rapidamente se expandiram para as principais cidades do país. Inicialmente, a principal pauta era o aumento da tarifa nos transportes públicos, porém suas demandas rapidamente se expandiram, levando a população a demandar pela ampliação dos canais de comunicação entre governantes e governados para além das eleições (PINHA, 2018). Como “os movimentos sociais afetam uns aos outros” (JASPER, 2016, p. 206), no Rio de Janeiro, integrantes da E. M. Friedenreich, se juntaram a movimentos sociais, coletivos, sindicatos, partidos políticos e demais representantes da sociedade civil a fim de denunciar os verdadeiros planos com as remoções na cidade e a privatização do Complexo do Maracanã.

O governador Sérgio Cabral foi um dos principais alvos das mobilizações no Rio de Janeiro. Manifestantes permaneceram acampados em frente à sua residência, na Avenida Delfim Moreira, no Leblon – um dos bairros mais elitizados da cidade. O movimento conhecido como “Ocupa Cabral” atraiu significativamente a atenção da imprensa, cobrando diversas respostas do chefe do executivo estadual quanto às ações da polícia militar nos protestos, sobre os gastos para a Copa do Mundo e as relações do governo com empreiteiras e empresas de

ônibus⁵⁶. Jasper, quando se refere ao papel que a opinião pública pode exercer nas decisões do governo, diz que “os políticos são influenciados pelas representações jornalísticas da opinião pública; eles hesitam em se afastar muito do senso comum em assuntos relevantes” (2016, p. 183).

Assim, pressionado, o primeiro recuo relevante de Cabral fora sinalizado no dia 29 de julho de 2013, em sua rede social, informando que desistira em demolir o Parque Aquático Júlio Delamare. Segundo o chefe do governo, a ação estaria atendendo aos pedidos do presidente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, Coaracy Nunes⁵⁷, entretanto, o contexto político revelava a intensa turbulência enfrentada no momento. Horas depois, em uma coletiva de imprensa no Palácio Guanabara, o governador admitiu que faltou humildade sobre as demolições: "Jamais terei a vergonha de reconhecer erros. Acho que faltou humildade em não ouvir os segmentos". Entretanto, quando questionado sobre a demolição da E. M. Friedenreich, voltou a afirmar que a escola não seria transferida enquanto outra não estivesse construída em um terreno próximo, sinalizando a insistência em retirar o prédio escolar⁵⁸.

O recuo do governo não foi suficiente, contudo, para atender as demandas das manifestações. Inclusive, a Defensoria Pública da União (DPU) manifestou positivamente em nota, no dia 30 de julho de 2013, o recuo do governador em demolir o Parque Aquático Júlio Delamare, mas reafirmou a necessidade em preservar os outros equipamentos do Complexo do Maracanã. Segundo o órgão, a área em que as instituições estavam localizadas já eram delimitados pelo próprio IPHAN como patrimônio histórico, cultural e arquitetônico⁵⁹.

Figura 25 - Sérgio Cabral anuncia a permanência da E. M. Friedenreich

⁵⁶ ‘Jovens permanecem acampados junto à casa de Cabral no Rio’. G1, 23 de jun. de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/jovens-permanecem-acampados-junto-casa-de-cabral-no-rio.html>>. Acesso em: 28 set. 2021.

⁵⁷ ‘Cabral afirma que não vai demolir Júlio Delamare’. O DIA, 29 de jul. 2013. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/_conteudo/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-29/cabral-afirma-que-nao-vai-demolir-julio-delamare.html>. Acesso em 28 set. 2021.

⁵⁸ ‘Cabral admite erro sobre demolições no Maracanã: 'Faltou humildade’’. G1, 29 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/cabral-admite-erro-sobre-demolicoes-no-maracana-faltou-humildade.html>>. Acesso em: 29 set. 2021.

⁵⁹ ‘Defensoria celebra preservação do Júlio Delamare e pede mais a Cabral’. G1, 30 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/defensoria-celebra-preservacao-do-julio-delamare-e-pede-mais-cabral.html>>. Acesso em: 29 set. 2021.



Fonte: Twitter, 2013.

Finalmente, uma semana após o primeiro recuo e muita pressão, Sérgio Cabral anunciou por meio de suas redes sociais que a E. M. Friedenreich não seria mais demolida e, finalmente, permaneceria em seu local de origem. As mídias sociais serviram aos sujeitos escolares como um dos principais mecanismos de divulgação, possibilitando incontáveis manifestações de apoio da sociedade. E, por uma coincidência, foi por meio dela que surgiu a tão importante notícia da desistência do governo.

Poucos dias após o recuo, foi publicado no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro o Decreto nº 37530, de 9 de agosto de 2013, que “determina o tombamento provisório do imóvel sito à Avenida Maracanã, 350, no bairro Maracanã, atualmente ocupado pela Escola Municipal Friedenreich” (Rio de Janeiro (RJ), 2013a). Mais uma ação que demonstrava o elevado vínculo de interesses entre a prefeitura e o governo do estado. Estava claro que Eduardo Paes buscou não ir de encontro com as decisões de Cabral.

Na Câmara Municipal, o então vereador de base governista, “Professor” Uóston, seguindo as posições dos alcaides, retirou a emenda supressiva em 30 de outubro de 2013, possibilitando a votação em segunda discussão do PL 469/2009, que foi aprovado em 07 de novembro de 2013. O texto apreciado pela CMRJ foi enviado ao prefeito para a sanção ou veto com prazo até 05 de dezembro de 2013, conforme a Lei Orgânica Municipal, todavia, o executivo não se manifestou. Seguindo os próprios trâmites, após o período exposto, o presidente da Câmara Municipal promulgou a Lei nº 5.638, de 6 de dezembro de 2013, que “tomba, por interesse educacional e social, a Escola Municipal Friedenreich, no Complexo do Maracanã” (Rio de Janeiro (RJ), 2013b).

3 LUGAR COLETIVO, LUGAR DE MEMÓRIAS

Este capítulo foi estruturado para discutir a importância da participação dos sujeitos da Escola Municipal Friedenreich durante os quatro anos de resistência. Analisaremos as entrevistas com o objetivo de compreender o contexto do processo e os momentos mais intensos, não somente a partir das leituras dos materiais disponibilizados, mas diretamente por parte das pessoas que efetivamente vivenciaram de forma intensa o conflito. A aposta é que essa compreensão possa fortalecer a construção da memória coletiva da escola fim de servir, no futuro, à autonomia dos sujeitos. “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2013, p. 437).

Buscaremos compreender a inclusão dos sujeitos escolares nos diversos movimentos sociais e a busca por parcerias e apoio de instituições e cidadãos que manifestavam contrariedade à privatização do Maracanã e as demolições previstas em seu entorno.

Também analisaremos a formação de seus contradiscursos a partir do vínculo com a original e atual instalação da escola e a questão do fortalecimento do pertencimento ao lugar. Dessa forma, os vestígios da memória sistematizados nesta escrita poderão servir futuramente a diversas comunidades escolares como mecanismos de defesa a ações de gestores públicos que coloquem em risco a autonomia dos agentes escolares. Coaduno assim com a posição de Pierre Nora (1993, p. 15), ao afirmar que:

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.

3.1 O vínculo dos sujeitos com a escola

A construção de vínculos com a escola cresce de forma orgânica. Não podemos e nem devemos afirmar que somente a partir da ameaça de demolição que as pessoas que frequentaram ou frequentam aquele lugar desenvolveram um sentimento de pertencimento. Antes do risco de demolição, a escola já possuía uma relação de aproximação com as pessoas que frequentavam seu espaço. Os educadores, ao serem questionados em entrevistas sobre o início de sua participação no movimento em defesa da escola, já iniciam dizendo que havia com aquele lugar um forte sentimento de carinho e respeito. Thaissa Rothier, de 40 anos, auxiliar de creche, mãe do ex-aluno Felipe Rothier e do atual aluno Bernardo Rothier, moradora de Vila Isabel, quando questionada sobre o porquê em escolher a Friedenreich, responde o seguinte: “eu digo para as

peessoas que não fui eu que escolhi a Friedenreich, a Friedenreich me escolheu”. Há vínculos que se tornam tão profundos que não encontramos seu início.

Sheyla Vivório, de 61 anos, atual diretora adjunta, é uma das funcionárias mais antigas da escola, com mais de 30 anos de atuação na Friedenreich. Ela chegou em 1991 por meio de transferência, atuou como professora regente de turma, coordenadora pedagógica, diretora geral e adjunta. Conta que nos momentos mais importantes da sua vida – como o nascimento de seu filho e seu casamento – já atuava na unidade, revelando que se sente muito bem naquele lugar.

Andrea Filardi, de 51 anos, professora de Educação Física, chegou grávida à escola de seu filho em 2001 e atuou por 20 anos até a data de sua aposentadoria. Para ela, o ambiente da E. M. Friedenreich se destacava de outras unidades de ensino que já havia passado anteriormente, tornando-se um lugar prazeroso de exercer sua profissão: “Eu achava uma escola diferenciada de outras que eu já trabalhei, em questão de grupo e direção”.

A professora Aline Mora começou a exercer a docência na escola quando tinha apenas 24 anos, em 2003, complementando que ainda era muito nova e sem experiência. Disse que foi muito bem recebida ao assumir a turma da então professora Sheyla Vivório, que havia iniciado sua jornada na gestão da escola no cargo de coordenadora pedagógica.

A Friedenreich sempre foi uma família para mim, uma segunda casa. Quando veio a questão da demolição da escola, eu já era Friedenreich dos pés à cabeça. Eu sempre defendi muito a escola em qualquer situação [...]. Na Friedenreich eu aprendi, cresci como professora, me formei em psicóloga, me casei, tive filho. Eu me sentia bem o tempo inteiro lá. Eu poderia estar cansada, mas eu ia trabalhar feliz. Friedenreich é um pedaço lindo da minha vida. Talvez eu tenha aprendido mais que ensinado, eu aprendi muito. Então a Friedenreich é parte da minha vida, ela se confunde com minha história (ALINE MORA).

Monica Martins, de 58 anos, é funcionária de apoio da unidade desde 1995, também fala de um forte envolvimento pessoal dos atores com a instituição, que se reflete em comprometimento social: “Eu visto a camisa da escola, ela é um todo. Aqui na escola eu vejo a preocupação com todos, desde o pequenininho até aquele que saiu da escola e precisa de um apoio. Os profissionais são comprometidos com a comunidade escolar”.

Andrea Neves teve seu vínculo com a escola iniciado em 2001, aos 29 anos, quando foi lotada na unidade como professora. Por ter duas matrículas, frequentava o lugar nos dois turnos e posteriormente se tornou coordenadora pedagógica. Ressalta ainda que chegou grávida e suas filhas estudaram na escola até o 5º ano e ambas foram aprovadas para o Colégio Pedro II.

A escola para mim era um local muito intenso. Eu entrava quando a escola abria e saía quando a escola fechava. Eu vivi um período da minha vida muito dentro da escola. Minhas filhas também estudavam na escola. Tinha um valor sentimental e

profissional, tudo junto. Eu acredito na educação pública de qualidade e a Friedenreich é uma escola que eu acredito muito no potencial (ANDREA NEVES).

Carlos Ehlers, de 57 anos, morador do bairro de Vila Isabel, professor de história e psicólogo, começou a ter contato com a escola no final de 2004, quando matriculou sua primeira filha na Educação Infantil. Disse que sua família não tinha orçamento para pagar mensalidade em uma escola privada e, por isso, junto com sua esposa, começou a procurar uma escola pública para suas filhas. Inicialmente tentou matrícula em colégios federais que dependiam de sorteio, todavia não foi contemplado. Cabe salientar que atualmente as inscrições para as escolas municipais do Rio de Janeiro são disponibilizadas pela internet, facilitando que muitos familiares concluam o processo até mesmo pelo celular. Já anteriormente, nos períodos de matrícula nas escolas, era comum que as instituições formassem polos de inscrições a fim de concentrar as unidades de ensino da região. Foi dessa forma que Carlos conheceu a Sheyla, diretora adjunta na época, recebendo inscrições para a Friedenreich.

Carlos Ehlers conta que sua função política dentro da escola começou já no primeiro ano de sua filha. Para ele, a participação dos responsáveis no contexto escolar era de suma importância para o desenvolvimento pedagógico das crianças, pois a educação não era somente responsabilidade da escola. Como o próprio relata: “Participava ativamente das atividades na escola, como festas e conselho de classe (COC). Fui criando um vínculo e um dia me candidatei para ser representante de pais, pois era participativo”. Como sua participação era intensa, aos poucos outros responsáveis ganhavam mais confiança, ao ponto de procurá-lo para solucionar determinadas questões: “eles me procuravam, vinham até a mim. Eles me viam como uma pessoa que tinha influência junto à direção e aos professores e isso foi facilitando as coisas” (CARLOS EHLERS). É importante salientar que se tornou prática na E. M. Friedenreich a destinação de um momento no COC em que os alunos e os responsáveis também tivessem direito à fala. Eles colocavam suas questões a partir de uma avaliação coletiva junto aos seus segmentos do bimestre anterior e propunham sugestões para o próximo período.

É interessante destacar como alguns vínculos foram iniciados mesmo sem uma relação direta com a escola. Os rumores da demolição e as articulações fizeram alguns responsáveis buscarem a escola a fim de matricular seus filhos, participando mais ativamente da resistência, como os casos de Aurea, Marcia e Rodrigo. Percebemos que esses pais e mães possuíam a certeza de que suas escolhas seriam políticas até no instante da decisão de qual escola seus filhos estudariam.

Residente no bairro de Vila Isabel, Aurea Xavier, técnica judiciária, mãe do ex-aluno Jonas, somente conheceu pessoalmente a escola aos 29 anos de idade, em 2012, ano que

matriculou seu filho. Todavia, já conhecia a instituição desde a primeira tentativa de demolição em 2009 e, segundo ela, já estava disposta a defendê-la. As redes sociais e as mídias alternativas, mesmo ainda incipientes, ajudaram a divulgar o caso da escola.

Marcia Cristina, Agente de Educação Infantil, possui 38 anos de idade, conheceu a Friedenreich em 2009 após ouvir sobre a intenção do governo em demolir a instituição e, mesmo ciente do processo, matriculou seu filho no ano de 2010.

Rodrigo, de 35 anos, que é graduado em Filosofia, também conheceu a escola por meio dos movimentos sociais que já participava, um deles é o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e, em 2013, matriculou seu filho Lian Maia após mudar para o bairro de Vila Isabel. Ele disse que escolheu a instituição por já conhecer a luta, mas salientou que presenciou outros responsáveis que retiraram suas crianças, para garantir outra escola caso realmente a demolição fosse materializada: “inclusive, minha vizinha estava tirando a filha dela da Friedenreich por medo do desalojo”, lembra.

Rosângela Passos, de 56 anos, reside em frente ao estádio do Maracanã há anos e sempre dizia que queria que seu filho, Marco Túlio, estudasse na Friedenreich. Havia um amor pela escola anos antes de conhecê-la pessoalmente, o que aconteceu somente em 2006, ano em que a matrícula foi efetivada. Ela já possuía um conhecimento prévio sobre movimentos sociais, pois participou anteriormente de um projeto de pré-vestibular direcionado a pessoas pobres e negras, conhecido atualmente como Educafro. Ela conta que vivenciou a primeira ameaça em 2009, ainda quando seu filho era estudante da escola. Já em 2012, quando a ameaça retornou, Marco Túlio já estava em outro segmento, matriculado em um colégio federal, todavia, Rosângela continuou ativa no movimento por ter um grande vínculo com a escola e ser moradora da região.

Já Ilza Rothier, professora da rede privada aposentada, hoje com 71 anos, disse conhecia a escola muito antes de seu primeiro neto ser matriculado, pois passava pela Friedenreich com frequência durante suas atividades diárias e, quando chegou na instituição, somente confirmou o que pensava, já que seu neto obteve todo apoio necessário:

Eu já conhecia a escola há muitos anos porque eu caminho muito pelo Maracanã. Eu achava essa escola uma casa, me parecia um ambiente saudável e aconchegante. Eu falava assim: meu Deus, um dia que eu estiver um neto ele vai estudar nessa escola. Eu passava de ônibus, olhava para essa escola e achava muito atraente (ILZA ROTHIER).

A localização da escola é um fator que visibilidade positiva e motivação para muitos cidadãos que passam pela região. Como trabalhado no primeiro capítulo, a instituição está

situada em um local que possui grande fluxo de pessoas – seja por meio de carros, ônibus, ou mesmo a pé – que costumam ter curiosidade sobre as instalações de uma unidade de ensino que, na visão delas, fica praticamente no estádio do Maracanã.

3.2 A construção de um contradiscurso, um trabalho de convencimento

Em uma democracia frágil, como o Brasil, muitas coisas ainda necessitam ser conquistadas por meio de uma luta organizada, ou mesmo "no grito", como pontua Freire (2021). Iniciar o processo de resistência foi um dos maiores desafios, ainda mais quando falamos sobre a articulação de uma comunidade que foi pega de surpresa.

As notícias sobre a possível demolição chegavam em forma de boatos: “alguém disse que ouviu”. Considerando a análise de Menezes (2020), em uma problematização sociológica, o rumor emerge a partir da demanda por notícias oficiais, já que há inconformidade entre a necessidade informacional por parte de um grupo supostamente atingido e a oferta pelos canais institucionais de comunicação, condicionando o surgimento dessa narrativa, sendo caracterizada pela baixa formalização. Para a gestão da unidade não chegavam informações oficiais da Prefeitura do Rio ou mesmo do Governo do Estado, contribuindo ainda mais para a multiplicação das incertezas acerca do futuro da escola.

Monica Martins conta que era aluna da natação do Parque Aquático Júlio Delamare e que em um determinado dia, sem prévio aviso, foi convidada com os demais colegas do esporte para uma reunião com representantes da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ). Ela detalha a informação: “eles estavam falando que tudo iria ser demolido no entorno do Maracanã. A gente passou a não conseguir dormir mais, não consegui ter paz”. Foi uma informação chocante, pois o que eram apenas notícias em forma de boatos começava a se concretizar a partir de autoridades que representavam o estado.

Randolfo Ferreira, de 62 anos, pai de ex-aluno, disse que se inseriu no movimento de resistência por sentir-se um cidadão e que possui o dever de defender a educação de sua cidade. Ele complementou que percebeu a falta de oportunidade de a comunidade ser inserida no processo: “Não tivemos nem a opção de conversar. Chegaram arbitrariamente, querendo impor e nada se resolve dessa maneira. Não houve uma discussão do que realmente deveria ser feito”. Aline Mora compartilha a sensação quando o boato foi confirmado: “então, quando a notícia da demolição veio, nós ficamos sem chão de início”.

Há naturalmente um tempo para a articulação das pessoas que não se conformavam com a possível destruição da escola. A professora Aline Mora revela que sentia que um pedaço dela

estava na escola e por isso, no início, se viu muito assustada. Ela complementa que não havia uma preparação para lidar com tantas novidades e desafios desconhecidos, aprender era o primeiro passo: “A gente começou a correr atrás de como poderíamos evitar isso. Nos juntamos com alguns responsáveis e começamos a ver como poderíamos começar”.

Já a professora Andrea Filardi revela que saber do projeto de demolição da escola por conta dos megaeventos a levou a ter uma grande frustração. Por lecionar Educação Física, a educadora conta que seu sonho seria vivenciar em sua vida uma Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, já que trabalhava com o esporte durante toda sua prática pedagógica: “Estar num estádio em uma Copa era um sonho, mas não nesse preço”.

Uma escola que atendia principalmente famílias de classes mais populares parecia não ser bem-vinda em um espaço geográfico excludente. Os “poderosos donos da bola”, como classifica Simas (2012), em nome da elitização do Maracanã, não queriam permitir que uma instituição de ensino pública, no contexto dos megaeventos, permanecesse em um dos lugares mais valorizados da cidade.

Rosângela Passos, conta que resolveu criar uma comunidade na extinta rede social “Orkut” para apoiar a escola e que a página se tornou um meio para encontro virtual dos interessados em dialogar sobre o desafio de manter a escola de pé.

A iniciativa que gerou grandes proporções na internet foi uma carta escrita em 2009 pela aluna Beatriz da Costa Ehlers, de 9 anos e compartilhada nas redes sociais. Nesta pesquisa não conseguimos acesso ao documento, já que sua publicação original foi extinta, mas reconhecemos que essa iniciativa da Beatriz gerou bastante comoção e que, por diversas vezes, sua importância foi apontada nas entrevistas. Carlos Ehlers, seu pai, disse que a decisão partiu da própria criança ao saber dos riscos que sua escola sofria: “Por incrível que pareça, aquela carta tomou uma proporção inesperada para a gente. Recebemos telefonemas de movimentos sociais e repórteres procurando a Beatriz. Foi uma ‘mini pressão’ que expôs o governo municipal”.

Carlos buscou em teóricos das Ciências Humanas e Sociais, como Michel de Certeau em “A invenção do cotidiano” e Michel Foucault, em “Microfísica do poder”, respostas de como agir diante dos ataques sofridos e pela desigualdade nas relações de poder: “Eu precisava ter uma teoria para me basear, porque a briga seria muito desigual, foi o que eu fiz, seguindo algumas teorias e estratégias”. Ele buscou na ciência algo que pudesse fundamentar e nortear suas ações.

Quando o governo estadual silenciou a questão da demolição dos equipamentos do Complexo do Maracanã entre os anos de 2010 e 2011, a comunidade da Friedenreich não deixou

de discutir essa possibilidade internamente. Segundo Carlos Ehlers, essa breve ameaça de 2009 proporcionou a formação de um movimento escolar para debater o assunto e, quando ressurgiu em 2012 essa questão para o Governo do Estado, houve uma certa facilidade para a rearticulação dos sujeitos que já estavam envolvidos. “Dentro da própria Friedenreich havia um movimento político, pois o funcionamento da instituição permitia esse debate. A direção permitia esse debate de ideias” (CARLOS EHLERS). O maior desafio, naquele momento, seria conquistar novos pais e alunos que chegaram durante os dois anos de silenciamento, rearticular pessoas já envolvidas e envolver a mídia, a população e movimentos sociais.

Responsáveis e educadores também necessitavam realizar um longo e persistente trabalho de convencimento dos sujeitos que frequentam aquele espaço. Para muitos, existia a sensação de que aquela pequena escola não venceria as determinações de políticos poderosos, principalmente a figura do então governador Sérgio Cabral. Havia um pensamento conformista a ser debatido. Carlos coloca que cerca de 10% dos responsáveis estavam realmente ativos. Havia um grupo praticamente fixo nas reuniões e manifestações, enquanto outras famílias apresentavam irregularidade na presença. Todavia, como a escola englobava mais de 300 famílias, o número de participantes nos atos se tornava expressivo, já que outros setores da sociedade costumavam estar presentes. Marcia Cristina conta que era um desafio conquistar novos pais e que muitas vezes chegou a ficar frustrada com o pouco envolvimento, entretanto ela atualmente reconhece o contexto daquela situação: “Hoje tenho uma visão diferente, as pessoas estavam desacreditadas. Quem acreditaria que nós venceríamos o então tão poderoso Sérgio Cabral?”.

Thaissa Rothier ressalta que, para ela, a resistência começou logo quando souberam da notícia, pois era muito difícil conseguir novas pessoas para aderirem ao movimento. Era um trabalho árduo que demandava muita paciência: “a gente tinha que dizer para outras pessoas, mostrar para outros pais para ter o abraço da comunidade inteira da escola” (THAISSA ROTHIER). Aurea Xavier diz que, dentro das limitações institucionais, não encontrou resistência por parte da escola para que a situação fosse exposta para o restante da comunidade. Ela destaca que conquistar novos apoiadores não era fácil, pois a incredulidade os impedia de efetivamente participar: “A gente precisou gritar muito alto para conseguir motivar as pessoas”.

Aline conta que em sua casa muitos familiares manifestavam preocupação quanto à sua intensa participação, pois teriam medo de haver alguma repressão por parte de sua chefia, o que, segundo ela, nunca houve. Mesmo assim não esconde que possuía receio: “É claro que eu tinha receio, porque dei muitas entrevistas para vários países, inclusive para emissoras no Brasil”.

Marcia Cristina relata que foi desencorajada a participar da mobilização muitas vezes em várias situações, como dentro de casa e em seu trabalho. Chegou a ouvir a afirmação que não adiantaria lutar porque passariam com o “rolo compressor” pela escola, pois Sérgio Cabral e Eike Batista estavam fazendo o que queriam na cidade. Mesmo assim ela não desanimou e continuou firme: “A principal mudança foi dentro de mim enquanto cidadã em realmente querer exigir os meus direitos”.

A escola nesse período costumava receber visita de alguns políticos, inclusive os de base governista. Todavia, Andrea Neves diz que nem sempre a presença de autoridades visava o apoio, mas a tentativa de negociação para o grupo buscar saídas distintas, como a negociação de outro espaço para a construção de uma nova escola.

Alguns políticos iam nos visitar e nos desestimulavam a lutar, nos aconselhando a desistir. Quando a gente foi vendo a covardia do jogo, os interesses eram todos contra a escola, a gente foi se envolvendo. Quando eu vi, estava absorvida em todos os sentidos. Alguns pais estavam muito envolvidos junto com algumas professoras. É muito cansativo. Se a gente for participar realmente como tem que participar de tudo, era muito cansativo. A gente estava em todos os eventos, todas as manifestações, em todas as reuniões. Foi muito intenso, quando eu vi, eu estava lá (ANDREA NEVES).

Andrea Filardi observa que buscava ir em todos os protestos, mesmo os realizados fora do bairro do Maracanã. Conta que uma das movimentações ocorridas foi em um evento coberto pela grande mídia que contava com a disputa de um desafio de atletismo no famoso bairro de Copacabana, em que a atração principal eram Usain Bolt⁶⁰. Neste dia, o pequeno grupo, composto por professoras e responsáveis, levou cartazes a fim de mostrá-los nos momentos que os repórteres começassem as gravações, todavia percebiam que as câmeras abaixavam quando eles eram filmados. Andrea Filardi lembra que havia uma grande intimidação por parte dos policiais presentes, que os cercavam e os questionavam sobre os objetivos daquele ato: “Nós éramos seis pessoas e quando percebemos tinham uns 12 policiais em volta da gente perguntando o que era aquilo e querendo saber mais informações”.

Tania Luz, atual coordenadora pedagógica da escola, conta que na época era professora regente e que sua atuação nas redes sociais era bastante intensa. Ela conseguiu um encontro com a própria secretária municipal de educação, todavia, compreendeu que o posicionamento da SME estaria limitado às decisões do Governo do Estado e do próprio prefeito. “Saímos de lá também um pouco decepcionadas porque compreendemos que ela tinha suas limitações. A

⁶⁰ ‘Sob forte calor, Usain Bolt vence desafio em Copacabana, mas sem recorde’. UOL Esporte, 31 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/atletismo/ultimas-noticias/2013/03/31/sob-forte-calor-usain-bolt-vence-desafio-em-copacabana-mas-sem-recorde.htm>>. Acesso em 15 jan. 2022.

secretária não poderia fazer mais muita coisa, a não ser colocar a opinião dela, uma vez que o prefeito estava decidido a seguir adiante com o plano dele”, justifica.

Por ser um ponto turístico, a região do estádio do Maracanã recebe muitos visitantes. Além disso, atletas e moradores do bairro costumam se exercitar por ali durante o dia e muitos deles não percebem a escola. Juliana Araújo, ex-aluna, hoje com 18 anos, conta que ela e sua mãe costumavam caminhar pelo bairro da Tijuca para colar cartazes que denunciavam ameaças à Friedenreich, ao mesmo tempo que solicitava o apoio por meio da assinatura da carta, constatavam que muitos moradores sequer conheciam a escola?

Buscar nos veículos tradicionais da imprensa dar mais para a causa da escola não foi fácil, já que, para Carlos, “a mídia tinha seus interesses, ela queria a Copa do Mundo. Para ela tanto fazia se demolia ou não o complexo esportivo”. A causa da escola, mesmo sendo sensível socialmente, dificultou que a imprensa mais tradicional apresentasse para o restante do país algo que poderia mostrar o legado de remoções dos megaeventos. É desta exclusão que surgem as mídias alternativas para acolher o movimento, divulgando a realidade enfrentada pela escola: “a mídia alternativa nos ajudou profundamente, pois não tinham compromisso com o capital e patrocinadores, diferentemente da mídia tradicional” (CARLOS EHLERS). As grandes marcas que financiavam parte da Copa do Mundo e das Olimpíadas não queriam se ver associadas ao lado negativo dos megaeventos.

Era preciso mostrar que uma escola com cerca de 350 alunos conseguia mobilizar milhares de pessoas. Por isso foram elaboradas figuras com a imagem das crianças solicitando apoio nas redes sociais à carta construída por alunos, pais e professores em defesa da Escola Municipal Friedenreich.

Figura 26 - Figura solicitando apoio nas redes sociais



Fonte: MEU RIO, 2012.

Da mesma maneira, com a proximidade dos jogos, o Rio de Janeiro começou a atrair a imprensa estrangeira. Era comum repórteres de outros países, ao perceberem a presença de pessoas da E. M. Friedenreich nos atos críticos aos megaeventos, procurarem mães e pais para tentar compreender qual era o motivo daquela luta. “Fiz documentários para TVs chinesa, alemã, argentina e outras. De uma hora para outra uma pequena escola começou a incomodar” (CARLOS EHLERS).

Figura 27 - Carlos ao lado de sua esposa Ana Paula representando a comunidade Friedenreich



Fonte: Andrea Filardi, 2013.

Além das reuniões na escola, os responsáveis decidiram realizar encontros em suas próprias casas, tanto de professores, quanto de pais e mães nos horários e dias em que a escola não estava aberta. Esses lugares ficaram conhecidos pelos participantes como “QG”, sigla que alude à Quartel General, ou seja, como centros de controle da mobilização política da escola. Surgiam situações aos finais de semana ou à noite que demandavam decisões coletivas e que não eram possíveis serem solucionadas pelos meios digitais disponíveis na época, a não ser pessoalmente. “Nossa tática era de guerra, pois sabíamos com o que estávamos lidando” (CARLOS EHLERS).

A construção de parcerias foi essencial para a continuidade da resistência. Nesse caso, a organização não-governamental Meu Rio surge como fator essencial para a causa E. M. Friedenreich atingir outros públicos. Para Andrea Filardi, a ajuda do Meu Rio “foi

imprescindível porque eles, naquele momento, cumpriram a função deles, que é fazer com que as pessoas participem da vida política da sua cidade. Realmente, eles instruíram a gente”. Antes deles chegarem, a comunidade da Friedenreich, apesar da força de vontade, não obtinha os instrumentos para aumentar seu alcance como construir novas parcerias e conquistar novos apoiadores. O Meu Rio ajudou a estruturar as lutas, dividindo as funções e auxiliando na compreensão mais ampla de todo aquele contexto político.

Marcia Cristina foi a primeira a ter contato com o Meu Rio. Pesquisando sobre novas possibilidades, ela encontrou por meio das redes sociais o movimento “Panela de Pressão”⁶¹ e resolveu buscar ajuda da organização:

Quando eu vi a reportagem no jornal eu achei um absurdo. Como destruir uma escola para fazer um estacionamento? Mexeu muito comigo quando o Luiz Fábio me perguntou o porquê queriam demolir a escola dele. Fui pesquisando pela internet e fiz contato com o Meu Rio pela Panela de Pressão. Tudo embrionário, sem sistematização (MARCIA CRISTINA).

Dessa forma deu-se o início à campanha Panela de Pressão pela não demolição da Friedenreich. “O Meu Rio entrou na briga [...] nós tínhamos a organização dos pais, mas não as ferramentas necessárias para a divulgação do processo. O Meu Rio conseguia possibilidades na divulgação do caso” (CARLOS EHLERS). A própria organização Meu Rio explica, em seu site na internet, como surgiu esse vínculo com a escola:

Era outubro de 2012. A equipe do Meu Rio recebeu no Panela de Pressão uma sugestão de uma campanha criada por uma mãe pedindo que a escola de seu filho, a 4ª melhor escola municipal do Rio de Janeiro, não fosse demolida para virar um estacionamento extra para o Maracanã. Assim começou uma das mais simbólicas mobilizações que contou com o nosso apoio (MEU RIO, online).

A figura abaixo foi divulgada no Facebook no lançamento da ferramenta Panela de Pressão. O Meu Rio convocou todos os cidadãos interessados em obter mais um mecanismo de pressão, principalmente pelas redes sociais:

Meu Rio lançou mais uma nova ferramenta para o cidadão, www.paneladepressao.org.br. Se tem alguma coisa errada no Rio de Janeiro, está na hora de resolver. E na pressão tudo é mais rápido. Nossa receita é simples: você aponta um problema, convoca outras pessoas que desejam a mesma mudança e pressiona diretamente os responsáveis pela administração da cidade, por e-mail, Twitter ou Facebook. (MEU RIO, 2012).

⁶¹ “O Panela de Pressão é a ferramenta do Meu Rio que permite que o cidadão possa criar as próprias campanhas, mobilizando apoiadores da causa a pressionar diretamente (via e-mail e redes sociais) os tomadores de decisão da cidade.” (MEU RIO, 2012).

Figura 28 - Figura de lançamento da ferramenta Panela de Pressão



Fonte: MEU RIO, 2012.

A estratégia de estarem presentes em todos os movimentos contra a privatização do Maracanã visava manter a Friedenreich nas pautas de todos os movimentos sociais, mesmo que de forma indireta, pois “todo mundo sabia da nossa luta porque estávamos presentes em todos os lugares” (ANDREA FILARDI). O presidente da comissão de responsáveis, Carlos Ehlers, costumava ter a palavra nos carros de som a fim de divulgar as angústias que os sujeitos escolares sofriam naquele momento.

Manifestações de apoio chegavam por todo o Brasil. A ONG Meu Rio recebeu fotografias do Centro Educacional Católica de Brasília (figura abaixo), do Centro Acadêmico de Relações Internacionais da IBMEC e do Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE, dentre outros.

Figura 29 - Manifestação de apoio do Centro Educacional Católica de Brasília



Fonte: Meu Rio, 2012.

Antigos alunos da escola buscaram a comissão de pais para contribuir com a defesa da escola. Há registros em que adultos se identificam como ex-estudantes da Friedenreich e declaram seu apoio à causa.

A união entre a Aldeia Maracanã e a E. M. Friedenreich também foi algo muito intenso. Nos instantes em que a o prédio da ocupação indígena foi ameaçado, havia representantes da comunidade Friedenreich os apoiando, como a Aurea Xavier. Ela conta que a escola a colocou mais próxima de outras causas: “Comecei a me engajar nos movimentos sociais a partir da Friedenreich, pois ela me botou em contato com outros movimentos sociais, como a Aldeia Maracanã”. Aurea lembra que em uma das tentativas de desapropriação da Aldeia Maracanã pela Polícia Militar (PM), a mando do Governo do Estado, chegou a pular o muro, mesmo estando grávida, para defender os indígenas.

Já a escola trabalhou muito a questão indígena em sua prática pedagógica, trazendo representantes da Aldeia Maracanã, como Dauá Puri, construindo oficinas com as turmas nas salas de aula e na quadra. Abaixo, há o registro de um evento com toda a escola realizado no final de outubro de 2012.

Figura 30 - Oficina em parceria com a Aldeia Maracanã, liderada pelo indígena Dauá Puri



Fonte: Andrea Filardi, 2012.

3.3 O combate em coletivo

Considerando o compartilhamento dos testemunhos apresentados durante o decorrer desta pesquisa, buscaremos apresentar os episódios mais colocados em evidência pelos sujeitos envolvidos e que contaram com a participação expressiva da comunidade escolar. Essas impressões, mesmo reveladas por pessoas distintas, mostram como as lembranças não estão isoladas, possuindo uma reconstrução em que a memória individual utiliza as contribuições da memória coletiva como base comum. Como descreve Maurice Halbwachs, “é como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências” (2006, p. 29).

Nesse sentido, as narrativas tecidas nessa pesquisa serão detalhadas para compreendermos de forma mais minuciosa as visões sobre alguns dos fatos mais marcantes, como a audiência pública, a presença constante na Câmara Municipal, a ideia do movimento “De guarda” – que instalou uma câmera direcionada à escola durante 24 horas por dia durante os meses de dezembro e janeiro – e o ataque à comunidade escolar pela PM em frente ao portão

de sua instituição de ensino em uma manifestação organizada em conjunto com outros movimentos sociais.

3.3.1 Audiência Pública

A audiência pública sobre a concessão do estádio do Maracanã à iniciativa privada, realizada em 08 de novembro de 2012, marcou de forma profunda o movimento da escola, tanto de forma positiva, quanto negativa. Positivamente porque conseguiu levar um quantitativo de aproximadamente 200 pessoas da comunidade escolar por meio de financiamento coletivo liderado pela ONG Meu Rio. Carlos aponta que esse evento já era considerado uma farsa pelos representantes da comissão de pais, justamente pela indisposição do governo em ouvir seus cidadãos. Mesmo assim todos decidiram comparecer e registrar sua oposição. A organização fez apelos pelas redes sociais com vídeos e textos explicando o propósito do financiamento. Com a verba arrecadada, foi possível alugar dois ônibus que fizeram duas viagens para poder comportar todos os presentes na escola.

A audiência pública para discutir o edital de concessão do Maracanã é na próxima quinta-feira e as crianças da Escola Municipal Friedenreich estão organizando um grande protesto para a ocasião, com cartazes, músicas e a entrega da carta de apoio que você assinou. Porém, como a escola fica longe do local da audiência e esta começa meia hora depois do fim das aulas, precisaremos alugar dois ônibus para garantir que as crianças e seus responsáveis cheguem a tempo de protestar contra a demolição. Por isso criamos uma campanha de financiamento colaborativo no site [benfeitoria.com](http://www.benfeitoria.com), onde você pode, até às 23h59 de quarta-feira, fazer contribuições de diferentes valores e com diferentes recompensas que te lembrarão para sempre da sua participação nessa mobilização. Sua ajuda nessa vaquinha é muito importante, afinal não é todo dia que crianças tão novas se interessam tanto por questões políticas que dizem respeito a elas. Vamos ajudá-las! Clique no link abaixo para levar o protesto dos alunos da Escola Municipal Friedenreich para a audiência pública do Maracanã!
<http://www.benfeitoria.com/eutocomafriedenreich>
[#EscolaNãoSeDestroi](#)
[#EducaçãoFazDiferença](#)
(MEU RIO, 2012)

Negativamente, a manifestação na audiência ficou marcada por uma sensação de impotência dos presentes. Diversos representantes dos movimentos sociais e parlamentares se posicionavam contra, apresentando questionamentos com fundamentação, todavia, eram ignorados pelos representantes do poder executivo que estavam conduzindo a mesa.

Figura 31 - Página de financiamento coletivo para levar as crianças à audiência pública

bemfeitoria realização colaborativa de projetos transformadores · [saiba mais!](#)

Eu to com a Friedenreich!

Impedir a decisão de demolição da 4a melhor escola municipal do Rio de Janeiro

Faça parte da realização desse projeto e, se a meta for atingida no prazo, ganhe recompensas especiais!

Se não atingirmos a meta até 07/11/2012 seu dinheiro é devolvido. [É tudo ou nada!](#)

RESUMO DO PROJETO NOVIDADES E COMENTÁRIOS OS BENFEITORES DIVULGUE

Leve a escola para a audiência do Maraca! More info

1 benfeitor
já faz parte

R\$ 0 (0%)
arrecadados da meta de R\$ 1.470

2 Dias
para fazer acontecer - **é tudo ou nada!**

[Curtir](#) 0 [Enviar](#)

[Quero fazer parte deste projeto! →](#)

META: R\$1470 URGENTE: É SÓ ATÉ QUARTA-FEIRA

Fonte: MEU RIO, 2012.

Os representantes do Meu Rio se reuniram com a comunidade antes da partida dos ônibus para explicar como funcionava uma audiência pública. Havia uma grande preocupação com a segurança das crianças, pois era temido algum tipo de confronto que pudesse atingi-las, gerar ferimentos e/ou traumas. Por isso, combinaram códigos de segurança, distribuíram apitos, cartazes, adesivos, cartões vermelhos, ensaiaram músicas e palavras de ordem objetivando tornar todo aquele processo lúdico e prazeroso. Andrea Filardi resume em poucas palavras esse processo:

Na audiência pública nós levamos duzentas pessoas da escola e eles explicaram para a gente o que iria acontecer. O pessoal do Meu Rio falou que iria ter uma hora de todo mundo apitar, eles deram apitos para as crianças. Eles instruíram o que iríamos fazer e foi lindo. Todo mundo apitando! Era uma fila única, toda criança de mão dada, fico até arrepiada. O Maracanã não foi feito para ser elitista.

Figura 32 - Reunião dos representantes do Meu Rio com a comunidade da E. M. Friedenreich antes da audiência pública



Fonte: Meu Rio, 2012.

Os financiadores receberam, como forma de agradecimento, adesivos que manifestavam seu apoio à causa com os dizeres: “EU TÔ COM A ESCOLA MUNICIPAL FRIEDENREICH”. Os adesivos começaram a ser utilizados tanto nas roupas, quanto nos carros e foi mais uma forma de divulgar o movimento.

Figura 33 - Audiência pública no Galpão da Cidadania



Fonte: MEU RIO, 2012.

Carlos foi o responsável que falou pela escola na audiência. Em seus argumentos no microfone, pontuou que a Friedenreich teve pontuação 7.6 no IDEB, era a 10^a colocada no ranking das melhores escolas públicas do Brasil e a 4^a no município do Rio de Janeiro. Frisou que os pais acompanharam a evolução de seus filhos e que ida da escola para o bairro de São Cristóvão não iria atender a sua atual comunidade. Entregou o abaixo-assinado construído em defesa da permanência da escola e começou a cantar a paródia, sendo acompanhado pela comunidade escolar ali presente. Já no final da audiência, Aurea Xavier também obteve o direito à fala, que foi marcada pelo sentimento de impotência diante da indisponibilidade do governo em reconhecer que a população estava se manifestando naquele ambiente contra a privatização do Maracanã e as demolições previstas em edital, finalizando da seguinte forma: “estou me retirando e convido todos os colegas que são contra a virarem as costas, porque quem vai dar o resultado vai ser o senhor para o senhor mesmo” (AUREA XAVIER, 2012)⁶².

A audiência pública funciona como dispositivo democrático que visa garantir a participação popular nas decisões políticas, assim como os conselhos populares. Entretanto – como ocorrido na audiência pública que tratava sobre concessão do estádio do Maracanã à iniciativa privada – o significado prático deste mecanismo faz com que muitas vezes as audiências públicas sejam realizadas apenas para cumprir uma exigência do processo político, sem efetivamente levar em conta as argumentações contrárias ao projeto apresentadas por membros da sociedade civil e especialistas.

3.3.2 Luta pelo tombamento da escola na Câmara Municipal

O processo legislativo até o tombamento da escola foi descrito no capítulo anterior, todavia, é importante salientar, como foi, a partir da visão dos sujeitos escolares, frequentar a casa legislativa da cidade. Como o autor deste trabalho, a maioria dos educadores, responsáveis e alunos nunca haviam ido à Câmara de Vereadores, muito menos assistido uma sessão da galeria.

Comparecer aos gabinetes dos vereadores a partir de 2012 foi incorporado à rotina da comunidade escolar. Sempre buscávamos semanalmente levar as crianças para conhecer as instalações e pedir pessoalmente aos membros do Poder Legislativo o tombamento da sua amada instituição de ensino. Aurea Xavier afirma que a pressão era tão intensa que havia

⁶² MEU RIO. Escola não se destrói - Audiência pública sobre a concessão do Maracanã. Youtube, 5 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3119HxwbxUc>>. Acesso em: 27 dez 2021.

parlamentar que saía constrangido por não se posicionar. “Toda semana tinha gente na Câmara dos Vereadores, as pessoas se revezavam e batiam de porta em porta se apresentando e pedindo o apoio. A gente fez uma marcação direta na Câmara” (ANDREA FILARDI). Quando os presentes não eram recebidos pelo parlamentar, se tornou costume deixar uma carta solicitando a manifestação pública de apoio do vereador em questão.

Figura 34 - Parte da comunidade escolar com o vereador Carlo Caiado, autor da proposta



Fonte: MEU RIO, 2012.

O quórum costumava cair durante as sessões, obrigando que o projeto fosse adiado. Havia uma grande pressão por parte da sociedade e da imprensa alternativa, todavia, a prefeitura, agindo de acordo com os interesses do Governo do Estado, orientava a bancada governista – que representava a maioria dos vereadores – a não votar. Segue um pequeno resumo do Meu Rio sobre a sessão do dia 13 de dezembro de 2012, mais um dia em que a comunidade da Friedenreich esteve presente nas galerias da Câmara e nos gabinetes, como na figura acima:

Hoje os pais e alunos da Friedenreich foram novamente à Câmara dos Vereadores pressionar pela aprovação do tombamento da escola, de autoria do [Vereador Carlo Caiado](#). A sessão caiu em poucos minutos por falta de quórum (ou seja, não havia o número mínimo de vereadores presentes). O pessoal correu os gabinetes para conversar com os vereadores, explicar a situação da escola e pedir o seu apoio. Os parlamentares comentaram sobre os milhares de emails recebidos e falaram que a Friedenreich é tema quente na Casa! Continue pressionando pela aprovação da Friedenreich como patrimônio do Rio: <http://paneladepressao.org.br/campaigns/175> [#EscolaNãoSeDestrói](#) (MEU RIO, 2012).

A consolidação da primeira discussão ocorreu de forma muito intensa no dia 18 de dezembro de 2012. O conjunto desse momento culminou com a aprovação em primeira discussão do PL, todavia, marcou intensamente a vida de muitos sujeitos da escola que estavam presentes. Andrea Filardi enfatiza como este momento foi intenso. Ela conta que no dia da votação chegou à Câmara às 13h30min e a votação somente ocorreu às 20h, deixando todos bastante desgastados. Andrea Filardi conta esse episódio da seguinte forma: “passamos o dia inteiro sem poder sair, sem poder beber água ou ir ao banheiro. Tinha uma fila lá fora, se você saísse, entrava alguém no seu lugar. Fizeram de uma maneira que nós ficássemos abalados”.

Estava presente neste dia e percebi como a memória coletiva se faz presente em nossas vidas. A galeria estava lotada principalmente por representantes da Aldeia Maracanã e da Friedenreich, já que os primeiros, além de apoiarem a causa da escola, aguardavam a discussão do projeto de tombamento do prédio da ocupação indígena. A energia vivenciada naquele lugar foi única e somente quem estava presente pôde sentir. Aline Mora concorda com a experiência: “Acho que esse momento ficou muito marcado. Mesmo não sendo o último, não sendo o final, ele foi um que estávamos vivendo com a emoção à flor da pele. Eu acho que esse momento é histórico para quem viveu isso tudo”. Ilza Rothier diz que esse foi um dos momentos mais marcantes de todo o processo que ela vivenciou: “o que mais me marcou foi no dia da votação em que as crianças ficaram pedindo para a escola não ser demolida. Eles gritavam lá de cima, eles cantaram pedindo”.

Lembro-me de comparecer à Câmara Municipal no dia primeiro de janeiro de 2013, data da posse dos vereadores e do prefeito da cidade com algumas professoras. Ficamos lá em nosso canto aguardando a passagem de cada parlamentar. Nossa presença tinha a intenção de encontrar cada vereador e solicitar seu apoio à causa da escola. Buscamos ter um diálogo com todos que passavam por nós, mas não conseguíamos aprofundar nossas conversas devido à grande agitação que a casa legislativa passava no momento. Entretanto, muitos parlamentares, se comprometeram em manter seus mandatos abertos para receber as demandas da comunidade escolar, o que em alguns casos não aconteceu.

Figura 35 - Comunidade da E. M. Friedenreich na galeria da CMRJ



Fonte: Reimont Otoni, 2012.

3.3.3 O medo da demolição nas férias

A professora Andrea Filardi, quando soube da indisponibilidade do governo em negociar e a insistir com a demolição, imaginou que o momento das férias escolares poderia servir para invadirem a escola com máquinas e tratores para demoli-la, aproveitando-se do esvaziamento da instituição. Ela chegou a cogitar se acorrentar no portão da escola a fim de divulgar ainda mais a angústia e o medo de perder seu lugar: “cheguei a consultar se legalmente eu seria exonerada. Na verdade, eu estava defendendo uma escola, e não destruindo”.

Os meses de dezembro de 2012 e janeiro de 2013 causavam aflições sobre o destino da escola. O governador não sustentava suas palavras e garantias, já que por várias vezes mudou suas decisões. “A gente tinha medo de eles virem de madrugada e começarem a derrubar. Depois que estivessem aqui dentro demolindo não teria mais jeito”, relata Ilza Rothier. Rosângela Passos complementa que “o medo estava na nossa rotina. A gente tinha medo de demolirem tudo a qualquer instante”. Pesquisando possibilidades, representantes do Meu Rio conseguiram contato com um casal de idosos que moravam em frente à escola que cederam sua varanda para a instalação de câmeras, filmando por 24 horas o portão da instituição. Qualquer

pessoa que estivesse assistindo e percebesse uma movimentação suspeita, como tratores ou algo parecido, poderia acionar os demais inscritos para que se movimentassem a fim de defender a escola.

Houve uma mobilização para convocar pessoas a se inscreverem para o movimento, que passou a ser chamado “De Guarda”. Quanto mais participantes, maior a sensação de proteger a instituição, já que um número expressivo estaria acompanhando as imagens, podendo acionar os demais a qualquer movimentação não incorporada à rotina da região. Era comum a realização de “escalas” entre a comunidade escolar para sempre manter alguém vigiando a unidade, mesmo durante a madrugada.

No dia 07 de dezembro de 2012, Felipe e sua mãe, Thaissa, foram juntos com Daniela Orofino, do Meu Rio, para entregar uma carta, cesta de café da manhã, camisas e adesivos como agradecimento aos moradores por permitirem a instalação da câmera de vigilância. Felipe, ao rever a imagem abaixo, conta que ainda lembra desse momento tão importante para a escola.

Figura 36 - Entrega da carta e presentes à moradora que cedeu sua varanda para o movimento “De Guarda”



Fonte: MEU RIO, 2012.

A campanha realmente deu certo. Qualquer sinal suspeito era rapidamente sinalizado pelos guardiões. Houve casos em que o Meu Rio identificava no próprio vídeo que aquele determinado trator em frente à escola estava direcionado a uma obra distinta, como na imagem abaixo.

Figura 37 - Vídeo ao vivo com atualizações



Fonte: MEU RIO, 2012.

O temor da escola não era em vão. Andrea Filardi e Rosangela Passos lembram que parte do Parque Aquático Julio Delamare foi demolida na madrugada em uma ação orquestrada pelo governo, impedindo que centenas de alunos e dezenas de professores pudessem frequentar suas aulas de natação. Já Freire (2019b) aponta que o Governo do Estado também intensificou as tentativas de expulsão dos ocupantes da Aldeia Maracanã, principalmente entre o final de 2012 e no início de 2013, expulsando-os de forma truculenta, com uso desproporcional da força pelo Batalhão de Choque da PM. Sobre a E. M. Friedenreich, Rosangela Passos complementa: “A gente tinha medo de que essa violência também acontecesse aqui”.

3.3.4 O ataque diante de seu portão

O fato a ser analisado aqui é referente a uma manifestação realizada em 27 de abril de 2013, no primeiro evento-teste no Maracanã em uma partida amistosa entre os amigos de dois ex-jogadores da seleção brasileira, Bebeto e Ronaldo. O estádio recebeu as principais autoridades do país, do estado e da cidade, além dos milhares de operários que trabalhavam na reforma.

Os relatos de desespero transmitem uma sensação de impotência. Aquele ato visava mais uma vez anunciar que a privatização do Maracanã era uma fraude. Os manifestantes tentavam, mais uma vez, mostrar à sociedade como o dinheiro público arrecadado com impostos, principalmente dos mais pobres, enriqueciam políticos corruptos juntamente com empresários e empreiteiros. Estavam presentes indígenas da Aldeia Maracanã, alunos e atletas do Parque Aquático Júlio Delamare e do Centro de Atletismo Célio de Barros, a comunidade da E. M. Friedenreich e representantes de diversos movimentos sociais contrários às demolições e à privatização do Maracanã.

Considerando a presença de muitas crianças e idosos, os alunos, responsáveis e professores se reuniram em frente ao portão da escola a fim de garantir a segurança de todos. Segundo a professora Andrea Neves, havia uma preocupação de trabalhar com o lúdico e fazer daquele dia algo importante e educativo para os estudantes. Foram promovidas oficinas de cartazes, cultura corporal, brincadeiras e pinturas. Segundo relata Andrea, “O que a gente poderia fazer para tornar as coisas mais prazerosas para as crianças, nós fizemos”.

Figura 38 - Aluno Jonas Xavier sendo pintado por um indígena da Aldeia Maracanã



Fonte:

Fonte: Aurea Xavier, 2013.

Andrea Neves conta ainda que havia receio de possíveis conflitos entre policiais e manifestantes. Ela detalha que estava muito tensa, pois queria que as crianças participassem com segurança, todavia, sempre um policial puxava um estopim para uma briga, algo que

desestruturava o movimento. Os demais entrevistados contam que a polícia estava agindo de forma agressiva, não havia diálogo com os participantes que estavam protestando ao lado de fora do estádio.

A grande confusão foi iniciada por um desentendimento entre um policial e uma manifestante mais próxima à estátua do Bellini, causando um desproporcional ataque contra todos os presentes. “Eles colocaram a cavalaria para encurralar a gente junto com a tropa de choque. Teve gás de pimenta, bomba, algumas pessoas foram detidas” (THAISSA ROTHIER).

Andrea Filardi conta que foi a primeira vez que se deparou com um ataque brutal dos militares: “a gente não conhecia esse lado da polícia”. Ela afirma ainda que um professor da rede municipal que apoiava o protesto foi atingido brutalmente por um tiro de bala de borracha disparado por um policial, com cerca de três metros de distância, causando um ferimento profundo na região da virilha. Além disso, Alexandro – estudante de história da UERJ e estagiário da escola – foi perseguido e atingido na perna também com bala de borracha já a dois quarteirões do Maracanã, também se ferindo.

O portão da escola deveria ser o início de um espaço que busca o conhecimento, porém, tornou-se ali refúgio de uma guerra urbana para as crianças: “daí começaram as bombas, tiros e eu não sabia mais onde estava todo mundo. Ficamos acuados na porta da escola. Os policiais não se saciavam” (ANDREA FILARDI). Aurea conta que na época estava grávida e o que mais a fez mal foi a bomba de efeito moral e completa: “a gente saiu correndo, se refugiando. Estávamos com nossos filhos tranquilos e eles vieram atirando”.

Marcia lembra que ela e seu filho foram atacados, ficaram perdidos em meio a tantos tiros e bombas. Correram sem parar por aproximadamente três quarteirões até não ouvirem mais estrondos. Essa indevida agressão vivenciada serviu como combustível para ela ir até o fim pela não demolição da escola: “Como que o governo não respeita seu povo? [...] esse dia me marcou muito, saí dali com sangue nos olhos. Acho que esse dia foi determinante para eu ir até o fim”.

Rodrigo relata que no dia em que foram atacados não havia qualquer indício de desordem iniciada pelos manifestantes. Ele inclusive levou seus cachorros e seu filho para o ato.

Estava uma coisa tranquila na calçada do Maracanã, ninguém estava fechando rua, ninguém estava fazendo nada e veio o Choque jogando bomba em todo mundo e aquelas crianças desesperadas. Eu estava com o cachorro desesperado querendo correr, as crianças morrendo de medo. Esse dia foi tenso, foi muito bizarro porque estava tudo muito tranquilo. Essa cena de ver a polícia jogando spray de pimenta em meu filho foi muito pesada. (RODRIGO MAIA).

Essa data ficou marcada para todos como o mais agressivo. O ex-aluno Lian Maia lembra que sua professora chegou no dia posterior à manifestação afetada ainda pelos efeitos do gás inalado anteriormente. Na época com oito anos, Lian materializou o episódio por meio de um desenho (figura abaixo) que foi bastante compartilhado nas redes sociais, alcançando, inclusive, artistas, a mídia alternativa e a mídia estrangeira. Nesse desenho, identificamos a figura das crianças acudadas em frente à escola em um dia ensolarado e em lado oposto a figura de policiais em tamanho superior e um helicóptero da polícia atirando e pressionando cada vez mais os presentes contra o portão.

Figura 39 - Desenho elaborado pelo aluno Lian



Fonte: Lian Maia, 2013.

Áurea Xavier, publicou em sua rede social registros desse dia. Nas imagens é possível encontrar grande parte da comunidade da escola com cartazes em conjunto com indígenas. Seu relato publicado na época nas redes sociais nos ajuda a compreender a dimensão, a força e a insistência que os sujeitos da Friedenreich mantinham:

Em 27/04/2013, pais, alunos e professores da escola Friedenreich, ameaçada de demolição, se reúnem com atletas, índios, comunidade, contra as demolições do Complexo e a forma como o Governo do Estado tem conduzido as políticas para os megaeventos a se realizarem na cidade do Rio. Unidos pela força e amizade, manifestam-se de forma pacífica em frente ao Maracanã. Essa é a cara do Rio de

Janeiro, de cariocas de verdade, que amam e defendem a sua cidade. O que tentaram fazer conosco depois, não se conta. Permaneceremos unidos pela nossa cidade!!! (AUREA XAVIER, 2013).⁶³

Figura 40 - Charge Latuff para o aluno Lian



Fonte: Latuff, 2013.

Rodrigo Maia conta que Lian era muito fã do chargista Carlos Henrique Latuff e que solicitou ao artista uma charge sobre a Friedenreich. Latuff respondeu que faria somente se Lian fizesse a sua também, surgindo o famoso desenho acima. Já em apoio à escola, o artista publicou uma charge bastante emblemática da luta, que mostra o governador Sérgio Cabral pilotando um trator representado pela cabeça do “Fuleco”, nome dado ao tatu-bola (mascote oficial da Copa do Mundo) e, em oposição à máquina, crianças uniformizadas protegendo a escola, empunhando o cartaz “Escola Friedenreich resiste!”, já bastante conhecido nas manifestações.

A versão dos manifestantes sobre o episódio era contrariada principalmente pela grande mídia, que buscava associar os participantes ao fechamento de ruas e provocações contra policiais. O jornal UOL publicou a seguinte afirmação: “Uma fotógrafa desacatou a polícia, com gritos de “filho da p*” e “vai tomar no c*”, e acabou presa. Cerca de 200 manifestantes partiram para cima dos policiais, que reagiram”⁶⁴. Na mesma notícia, além de reportagem

⁶³ ESCOLA FRIEDENREICH REINAUGURA MARACANÃ. Rio de Janeiro, 28 abr. 2013. Facebook: aureamariaxavier. Disponível em: <<https://web.facebook.com/media/set/?set=a.10201173850053457&type=3>>. Acesso em 10 dez. 2021.

⁶⁴ ‘Manifestantes entram no Maracanã e protestam contra privatização’. UOL Copa, 27 abr. 2013. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/27/com-gritos-de-guerra-contra-cabral-e-eike-manifestantes-protestam-em-frente-ao-maracana.htm#fotoNav=10>>. Acesso em 29 dez. 2021.

acusar os manifestantes de tentarem fechar ruas do entorno, ainda há a justificativa de que gás lacrimogêneo, gás de pimenta e tiros de bala de borracha foram utilizados como recursos para acabar com o conflito. Na verdade, as forças empregadas foram totalmente desproporcionais.

Ao mesmo tempo em que participar destes atos e protestos públicos era visto como uma forma de educar para a cidadania, as crianças da escola também acabavam conhecendo a arbitrariedade e a violência que, infelizmente, caracteriza muitas vezes a ação da PM nestes tipos de situações. A PM, como uma instituição de Estado, assim como a escola, teoricamente deveria ser vista como protetora do cidadão, entretanto, a realidade se mostrou distinta para estes alunos, assim como ocorre a muitos jovens moradores das favelas cariocas.

3.4 Socialização política para além dos muros escolares

Agregando com Resende e Caetano (2010), compreendemos que a socialização política na escola incorpora conceitos de autonomia e de cidadania em uma ordem social. Ela é instituída em um ambiente de estudos que possui como finalidade a integralidade no desenvolvimento da pessoa, nesse caso, do estudante. A política é uma realidade na escola, principalmente em sua organização interna. Há eleições para o grêmio estudantil com diferentes chapas de alunos se organizando e realizando campanhas que promovem reflexões e um longo debate. A direção é eleita pela sua comunidade, com a participação de alunos, responsáveis e funcionários. Há o Conselho Escola Comunidade (CEC), com representação de responsáveis, professores, alunos e funcionários de apoio que foram eleitos pelo seu respectivo segmento, que possuem a função de participar com maior proximidade da equipe gestora em decisões vinculadas à aquisição de novos equipamentos e prestação de contas, por exemplo. Além disso, anualmente, representantes das 14 turmas são eleitos, tanto alunos, quanto responsáveis.

A ex-aluna Maile Mesquita, que completou os anos iniciais do Ensino Fundamental na escola em 2012, lembra das manifestações ocorridas, inclusive com a presença de repórteres. Apesar de não estudar há mais de 8 anos na escola, ainda lembra do refrão da paródia – referida no capítulo anterior –, que frequentemente cantava com seus colegas. Atualmente é aluna do curso de Pedagogia na UERJ e, em 2021, retornou à instituição como mediadora de aprendizagem por meio do estágio não obrigatório em Educação Especial, fazendo parte do quadro de educadores. Ela complementa que os alunos também participavam ativamente do movimento e que o debate estava incluído na sala de aula: “Era um debate que incluíam dentro das aulas sobre a demolição da escola por causa da Copa do Mundo que estava vindo”.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do ano letivo de 2013 foi discutido amplamente com a comunidade desde o final de 2012. O compromisso dos docentes com seus alunos está em sua formação como cidadão, não podendo omitir das crianças que a escola estava correndo um grande risco de ser demolida por uma escolha política. Prepará-las para a realidade que as esperava diante de um ano bastante combativo e incerto justificava ainda mais as faces de um debate pedagógico. Todos foram consultados e o apoio dos responsáveis trouxe mais um respaldo. Marcia ainda lembra deste Projeto e defende a discussão política na escola:

Óbvio que política se aprende na escola. Para se tornarem seres pensantes, questionadores, senhores do seu destino, a exigir o que os políticos têm que fazer. Eles recebem salário para isso e não para vantagem própria. Tem que se aprender na escola sim para entender o que faz o presidente, o vereador o governador, o deputado estadual e exigir que eles cumpram aquilo e ter consciência como cidadão. Mesmo crianças, eles já eram cidadãos e tinham direitos que deveriam ser garantidos pelos políticos (MARCIA CRISTINA).

Dessa maneira, o projeto norteador para 2013 foi intitulado “Política também se aprende na escola”. Andrea Neves, coordenadora da escola na época, frisa que o Projeto foi o melhor da sua vida e a transformou como profissional da educação, pois conseguiu grandes parceiros para a rotina escolar. A imagem seguinte está relacionada a um dia de culminância na escola, no qual os alunos apresentavam a construção do trabalho realizado em sala de aula, todos voltados às suas funções como cidadãos.

O projeto de 2013 foi um dos melhores na minha vida. A gente tinha que fazer esse projeto em todo Rio de Janeiro, o Meu Rio entrava com muitas ideias maravilhosas. A gente tinha parceria com cartunistas, com artistas e outros grupos. Todo mundo queria ir à escola falar e conhecer as crianças. Falamos sobre a história do Maracanã, do Arthur Friedenreich, do bairro e as crianças adoravam. Aquilo tudo era uma grande brincadeira para eles, mas uma brincadeira séria. A gente sabia que estava lidando com gigantes. Odebrecht era gigante, o Governo do Estado era gigante e de repente os gigantes começaram a cair todos. Foi uma história de como a luta realmente vale a pena. (ANREA NEVES).

Figura 41 - Alunos Luiz Fábio e Jonas na Culminância do 1º bimestre de 2013



Fonte: Andrea Filardi, 2013.

Todos os entrevistados responderam de forma afirmativa quando perguntados se política também deveria ser discutida em um ambiente escolar. Sabemos que se a escola, representada pelo seu conjunto, não buscasse fazer política, certamente seria demolida. Devemos nos preocupar com discursos que negam essa ação da escola. A prática escolar já é uma ação política e nossa escolha ao fazer parte de uma escola pública e colaborar com suas melhorias é uma forma de fazer política. Carlos diz que a escola o ensinou a conversar com pessoas de diferentes concepções, com idas constantes aos parlamentos do município e do estado do Rio de Janeiro, inclusive à tribuna. Quando foi questionado sobre o aprender política, conseguiu sintetizar muito bem a fala de seus outros companheiros:

Criou-se na mentalidade no Brasil que política é coisa de político, o que é mentira. Você faz política até dentro de casa. O tempo todo você precisa fazer política, até com seus filhos. O que nós estamos fazendo nessa entrevista? Política. Política é o nosso cotidiano, ela está em nosso dia a dia. Existe uma representação social dominante que domina. Precisamos mostrar que a Câmara e a Assembleia Legislativa pertencem aos cidadãos, não aos políticos que estão naquele local. Minha filha, quando elaborou uma carta, ela fez política. Temos que descolonizar nossa mente e entender que política não é apenas coisa do político que está eleito (CARLOS EHLERS).

Como uma escola com cerca de 350 estudantes regularmente matriculados iria esconder o fato de estar sendo ameaçada e a qualquer momento ter seu prédio demolido? Em uma escola democrática isso não existe. Os alunos necessitavam ter a consciência do risco que sua escola

passava naquele instante e serem convocados a tomarem parte do conflito. Questionamentos em sala surgiam e os docentes deveriam colocar em pauta esse assunto em respeito ao próprio estudante. Juliana Araújo lembra de algumas participações suas como aluna: “A gente participou de discussões, de entrevistas, a gente esteve sempre muito presente. Eu e meus amigos fomos em audiências com os professores e com os pais”. A professora Andrea Neves complementa que todos precisam descobrir quem são os políticos que estão no poder, pois se ele não está representando o trabalhador, defenderá o banqueiro, o empresário e o empreiteiro. Para ela, o educador precisa ter a consciência de seu papel, pois “a gente trabalha para o aluno pobre. A gente trabalha para a classe popular. Essa classe popular não pode repetir padrões de exploração”.

Como a escola recebia alunos a partir dos quatro anos de idade (Pré-I), as formas de abordagens eram diferenciadas de acordo com o ano e a capacidade de compreender o contexto. Em 01 de dezembro de 2012, o Meu Rio publicou um desenho (figura 42) da aluna Julia Alves Cruz Ribeiro Gomes, de 5 anos, sobre a sua escola, acompanhado de uma carta de agradecimento direcionada à Daniela Orofino, representante do Meu Rio, escrita pela sua mãe Eliana Alves Dos Santos Cruz. A mobilização realmente foi profunda e intensa, permitindo atingir todos os sujeitos escolares.

Prezada Daniela,

Minha filha, Julia Alves Cruz R. Gomes, tem cinco anos e estuda na Escola Friedenreich, que ela chama de "Escolinha Azul". Creio que ela apelidou assim sua escola porque azul é uma cor de sonho, de calma, de aconchego. Ela ama a escola...

Te envio em anexo um desenho que ela fez e que representa muito o momento pelo qual passa a educação não só em nosso Estado, mas em nosso país. Nele, os alunos e professores estão na rua e ela, sozinha, ficou dentro da escola, pois me disse "mamãe, se eu sair o prefeito vai destruir a minha escola". Sinceramente, chorei quando vi o desenho pois ele ilustra a estranha situação de umas poucas e honestas pessoas (pais, professores, cidadãos) lutando para manter algo que deveria ser prioridade para nossos dirigentes.

Julia anda muito preocupada, fala nisso o tempo todo e chora quando pensa que terá que deixar suas amadas professoras e coleguinhas. O desenho minha irmã postou no facebook e foi curtido por dezenas de pessoas, entre elas promotores e juizes.

Já aderi ao movimento e estou solidária com todos vocês. Se podemos tirar algo de positivo disto tudo é que a nossa sociedade não é passiva e submissa como julgam esses mandatários. Vamos lutar pelo direito a educação, saúde e todos os outros que nos são garantidos pela constituição cidadã!

Abraço,
Eliana Alves S.Cruz (2012).

Figura 42 - Desenho da aluna Julia Alves de cinco anos



Fonte: Julia Alves, 2012. Disponível em <<https://web.facebook.com/meurio/photos/507588609273716>> Acesso em 29 dez. 2021.

Para a professora Aline nada deveria ser escondido das crianças. Elas não compreendiam como um evento que duraria tão pouco tempo era forte o bastante para ameaçar demolir uma escola. Aline era regente de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental e a todo momento discutia com os estudantes em sala o real contexto da resistência:

Falamos que tinham políticos como o prefeito e o governador que queriam demolir a escola porque queriam fazer um projeto para a Copa e Olimpíadas. Um projeto que iria acontecer durante semanas ou em um mês e que queriam jogar a escola para longe [...] fiz até um trabalho sobre a Câmara dos Vereadores, colocando a função de cada parlamentar. Discutimos para que servia a Câmara e para que eram feitas as leis, enfim, quem poderia barrar ou quem poderia realizar a demolição (ALINE MORA).

A real situação da escola era exposta naturalmente durante as aulas, ouvindo e compartilhando ideias com as crianças. Estas eram os principais sujeitos da luta, não havia justificativa para que elas ficassem alheias às novidades. Andrea Filardi disse que o diálogo com os estudantes foi a coisa mais linda que aconteceu:

Aquela sensação de pertencimento era grande, os alunos falavam sobre a MINHA escola, os alunos sentiam que faziam parte daquele lugar. Aqui, as crianças tinham cuidado com a escola, com a coletividade [...] eles queriam lutar pela escola, seja por desenho ou mensagem. Nós promovemos isso com os alunos, foi um sentimento muito forte de união e respeito ao outro. Era uma sensação de união para uma causa (ANDREA FILARDI).

A discussão sobre a democracia e a forma de escolha dos nossos representantes é uma questão básica a ser trabalhada com as crianças. Todavia, mesmo após participarmos das eleições, o trabalho como cidadão continua. Votar e não acompanhar a atuação dos parlamentares também é uma omissão, visto que o ciclo de eleições se renova a cada dois anos em nosso país, sendo necessária uma constante avaliação. Aline coloca que antes da mobilização da escola, sua concepção de mobilização social era apenas participar das eleições, todavia, agora reconhece que escolher um representante é apenas uma parte de seu dever como cidadão, há algo muito maior que isso. “Eu somente aprendi isso já depois dos 30 anos após a questão da Friedenreich. Efetivamente eu entendi que não é somente o meu voto que resolve”, conclui.

Ilza Rothier destaca que a luta foi muito proveitosa para ela. Hoje acredita que o povo precisa realmente se unir para conquistar algo e que o passado deve ser valorizado, pois não somos nada sem ele. Complementa ainda que: “Quando a gente luta por um ideal, a gente precisa ir até o fim, ganhando ou perdendo. Eu era mais acomodada nessa situação, eu achava que os políticos eram desse jeito e que não iria dar em nada”. Hoje ela colhe os frutos da resistência, pois seu outro neto – Bernardo Rothier – estuda atualmente na Friedenreich.

Um evento que marcou bastante a resistência foi a aula pública na sede da Prefeitura do Rio de Janeiro. O tema escolhido para foi “política também se aprende na escola”. A manifestação para o primeiro dia de recesso escolar de julho foi bastante divulgada nas redes sociais, sendo convidadas diversas pessoas, incluindo alunos de outras escolas da cidade.

Os alunos da Escola Municipal Friedenreich estão indo pra rua! Vai começar daqui a pouquinho a manifestação dos alunos e profissionais da Friedenreich - uma aula pública na Prefeitura do Rio. As crianças, de 6 a 11 anos, escolheram o tema: política também se aprende na escola! Vai ter entrega de carta pro Paes e pra Claudia Costin (secretária municipal de educação), leitura do conto "e se as crianças governassem o mundo?", oficinas de desenho e panfletagens. A galera é novinha, mas já tá ligada no clima da cidade e manda o recado: "se a Friedenreich não ficar, o Rio vai parar!" Daremos atualizações por aqui! Se você ainda não assinou a carta de apoio à escola, ameaçada de demolição na concessão do maracanã, assine agora e COMPARTILHE: <http://meurio.org.br/.../assine.../escola-nao-se-destroi> (MEU RIO, 2013).

As crianças foram até o gabinete da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro para entregar uma carta elaborada coletivamente e direcionada à gestora da pasta. Foram

informados que a Cláudia Costin estava em uma viagem, por isso o documento foi recebido por Paulo Roberto Santos Figueiredo, subsecretário de gestão da Secretaria Municipal de Educação. Nela, inicialmente os alunos se identificaram e agradeceram por terem permanecido até o ano de 2013, pois havia naquela época muita incerteza sobre essa possibilidade. Relacionaram seu amor pela escola com o espaço de sua construção, complementando que desejariam que seus próprios filhos estudassem naquele lugar. Por fim, alegaram que não havia necessidade de construir uma nova escola, já que possuíam uma muito bem equipada em pleno funcionamento. Segue o conteúdo na íntegra:

Senhora Secretária de Educação do Rio de Janeiro, Cláudia Costin, Somos alunos da Escola Municipal Friedenreich e estamos escrevendo para a senhora para primeiro agradecer por ter deixado a nossa escola ter ficado no mesmo lugar no ano letivo de 2013, mas nós queremos mesmo é ficar aqui pra sempre.

Não queremos sair daqui porque amamos a nossa escola e sempre vamos amar. Amamos nossos colegas, professores e o local onde ela foi construída. Aqui passamos parte da nossa infância e gostaríamos que quanto tivéssemos filhos pudéssemos mostrar nossa escola para eles.

Nós sabemos que vocês prometeram uma nova escola para nós aqui perto, ao lado da Escola Orsina da Fonseca, mas até agora a gente passa por lá e não vê nada construído, aí dá um medo. Será que até o ano que vem ela vai estar construída?

Pensamos também que não seria necessário gastar dinheiro para construir outra escola, pois já temos uma bem equipada e em boas condições.

A nossa escola ocupa um espaço tão pequeno, então por que tirar ela dali? Acreditamos que até os turistas achariam bacana ter uma escola fundada com nome de um jogador de futebol ao lado do Maracanã. Gostaríamos que pensasse em tudo que escrevemos pois são os nossos desejos e queremos que você soubesse e pensasse sobre tudo isso. Sonhar não custa nada e a esperança é a última que morre.

Um grande abraço,

Alunos da Escola Municipal Friedenreich (2013).

Figura 43 - Entrega da carta elaborada por alunos à SME/RJ



Fonte: Andrea Filardi, 2013.

Segue um breve resumo do ato disponibilizado pelo Meu Rio (também conhecido como “atinho” por ser direcionado às crianças) com algumas declarações de apoio de pessoas que passavam por nós, paravam e registravam suas insatisfações:

Nessa semana aconteceu a Aula Pública da Escola Municipal Friedenreich, em frente à prefeitura do Rio. Foi um dia de muita mobilização das crianças que mostraram que também sabem protestar.

O "atinho" chamou a atenção de várias pessoas na rua que pararam para manifestar seu apoio. Dá só uma olhada nessas declarações:

"Gente é um absurdo que vão destruir uma escola! Quem vai ganhar com isso?" - Cassiana Vidal.

"Será que esse governo não está vendo que o que queremos é que se construam mais escolas? A população está na rua por um Rio melhor e a educação faz parte disso!" - Carla de Souza.

"A importância de manter uma escola de qualidade está em garantir inclusão para crianças e o trabalho aos maravilhosos professores e à própria comunidade escolar!"
- Francisco Silva Gomes.

"A demolição da Escola, do Polo aquático e do Estádio de Atletismo é um desserviço ao povo carioca. É revoltante!" - Eliane Espíndola.

E você, já apoio a Escola Municipal Friedenreich?
Apoie agora.
(MEU RIO, 2013).

Figura 44 - Parte dos participantes da aula pública na Prefeitura do RJ



Fonte: MEU RIO, 2013.

Acima, é possível identificar o registro de alguns participantes já no final do ato. Atrás do grupo vemos como os guardas municipais acompanharam tudo de perto. Andrea Filardi ressalta que a guarda por diversas vezes tentou retirá-los, mas, mesmo com a pressão, todos permaneceram no espaço público e continuaram a realizá-lo com oficinas e entrega de panfletos. Para ela, quanto mais cedo levar às crianças informações sobre o processo político, mais condições teriam de amadurecer seus questionamentos. Para ser realmente um cidadão, há a necessidade de uma compreensão mínima sobre os atores políticos e como suas decisões refletem em nossas vidas.

3.5 Lugar de memórias

Considerando a ação do tempo, gerações são renovadas dialeticamente através da memória coletiva nas escolas (GOMES; GOMES, 2021). Os pais, quando são ex-alunos, relembram e conversam com seus filhos sobre suas experiências e percepções acerca de seu período como estudantes, como seus antigos colegas, sobre as instalações e o corpo docente. Nesse sentido, aquele novo estudante, antes de seu primeiro dia de aula já adquiriu informações acerca de sua nova escola, mesmo sem nunca a frequentar anteriormente.

Já os novos responsáveis, ao buscarem uma escola, geralmente realizam visitas, conhecem a equipe de apoio e conversam com a coordenação pedagógica. Há a criação de expectativas a respeito de seu funcionamento que, naturalmente são passadas para a criança a respeito de sua nova instituição de ensino. Há a formação no imaginário das características do ambiente por meio de testemunhos que são constituídos em diálogos com seus familiares que serão materializados a partir de sua primeira visita ao lugar.

No caso da Friedenreich, gerações foram formadas naquele ambiente e a sensação de coletividade é tecida juntamente com o tempo vivido. Por isso, consideramos que esta escola é um lugar de memórias, pois evidenciamos nela aquilo que Pierre Nora (1993) chama de “manifestação investida em símbolos”. É dessa maneira que surge mais uma das justificativas para a preservação do lugar como um direito à memória, à educação e, conseqüentemente, à cidadania.

Salientamos que os relatos e as experiências compartilhadas pelas entrevistas, identificam os atores como “arquivos vivos”, igualmente importantes aos acervos arquivados dentro e fora da unidade escolar. Dessa forma, o trabalho com memórias possibilita que os estudantes se percebam como os novos agentes que darão continuidade à história da escola. Torná-los conscientes de que sua presença naquele lugar é uma consequência direta de uma resistência anterior proporciona uma identificação com o passado através de uma socialização política, manifestada por meio de uma “memória quase que herdada” (POLLAK, 1992).

Assim, o sentido de preservação patrimonial não está preso exclusivamente ao bem material – prédio e acervos – mas a um conjunto de relações formadas a partir de intensas experiências, que são intangíveis. No entanto, as experiências somente proporcionam sentido quando ligadas a um contexto que inclui os bens. A intangibilidade das sensações promovidas por determinado lugar é algo que não foi levado em consideração pelo governo ao minimizar os prejuízos na mudança de localidade da escola. O historiador Luiz Antônio Simas, em seu artigo “Memória Demolida”, publicado em 2012, no jornal O Globo, ressalta bem a importância

da manutenção da Friedenreich em sua origem, já que trocá-la de prédio seria o mesmo que deletar uma escola para formar outra sem história, sem vínculos e sem memórias:

Os engratados tecnocratas do governo ignoram que um lugar não é composto apenas da matéria bruta de seus alicerces. A Escola Friedenreich, mais do que um prédio, é depositária das memórias, aspirações, anseios, sonhos, decepções, conquistas, fracassos, alegrias e invenções da vida de inúmeras gerações que passaram por seus bancos. Uma escola é, portanto, também o resultado das experiências intangíveis, matéria da memória acumulada pelas gerações de alunos e professores que ali experimentaram a aventura do conhecimento. [...] Derrubar a escola é, portanto, matar o axé, derrubar os troncos das árvores sagradas e quebrar o elo de ancestralidade que faz a vida em comunidade ser possível. Existem inúmeros alunos cujos pais estudaram na Escola Municipal Arthur Friedenreich. Imaginem o que é para uma criança, na construção de suas referências, saber que a sala em que ela aprende foi a mesma em que seus pais aprenderam um dia. A escola em São Cristóvão pode manter o nome, os professores e o padrão de ensino, mas jamais será a do Maracanã, com toda a memória dos afetos acumulados ao longo das décadas. (SIMAS, 2012).

Em nenhum momento houve resistência à construção de novas escolas. Quanto mais unidades públicas de ensino, melhor será o nível estrutural para a educação municipal. O que não estava posto em negociação era a demolição de uma instituição em funcionamento e com uma boa estrutura. Por isso, ver a escola permanecer em seu lugar é o verdadeiro legado dessa luta. Aurea relaciona muito bem a Friedenreich com sua origem: “A gente precisa lutar para manter os nossos símbolos também. Temos o nosso futebol aqui ao lado, *nossa escola é o nosso troféu*” (AUREA XAVIER, grifo meu).

Depois de tantas batalhas, a vitória chegou através de um processo longo e bastante cansativo. Como apresentado no capítulo anterior, somente após a publicação em uma das redes sociais do governador Sérgio Cabral, em 05 de agosto de 2013, afirmando de sua desistência em demolir a escola, é que finalmente a certeza do “dever cumprido” chegou à comunidade da E. M. Friedenreich.

É natural que algumas pessoas não quiseram tentar, evitaram se fadigar com um conflito que pensavam já estar perdido. Todavia, reconhecendo o conjunto das lutas das instituições do entorno e o peso da pressão social pela causa da escola, Aurea Xavier coloca que “a Friedenreich transitou por vários lugares e foi a maior vitória de toda a luta do Complexo do Maracanã, pois foi quem de fato venceu”.

Figura 45 - Aurea Xavier falando sobre a causa da escola em um protesto contra a privatização do Maracanã



Fonte: Daniel Carvalho, 2012.

Durante as entrevistas os questionei a partir da suposição de que a Friedenreich fosse novamente ameaçada. As respostas apresentadas evocaram a figura do instinto de uma mãe para proteger seus filhos em perigo, uma força que está sempre viva e firme. Como disse Andrea Neves: “Essa é uma briga que não dá mais para voltar atrás”.

Juliana Araújo afirma que o caso da Friedenreich inspira outras comunidades a lutarem pela educação, pois ninguém está isento de ameaças: “Essa é uma luta muito importante que aconteceu na Friedenreich e que inspira outras comunidades a lutarem também pela educação. Caso acontecesse de novo, com certeza estaria disposta a ajudar”.

Há também nos adultos que vivenciaram o processo de resistência da E. M. Friedenreich um grande aprendizado. A lição vale para todos, até mesmo para quem apenas duvidou e viu no final a vitória. Andrea Neves afirma que mudou completamente após essa experiência e que deve seu aprendizado à E. M. Friedenreich: “Com certeza eu sou uma outra Andrea depois disso tudo. Minha cabeça abriu de uma forma que não dá para fechar. A gente transpassa um portal que não dá mais para voltar”.

A partir dos estudos de Pollak (1992), conseguimos compreender os acontecimentos vividos por tabela a partir de episódios vivenciados por uma coletividade ou grupo em que determinada pessoa, mesmo não participando diretamente, julga ter experienciado. Com isso,

identificamos que o compartilhamento dessas sensações entre os membros da comunidade escolar gerou um vínculo bastante profundo.

Um fato muito comum percebido nas entrevistas é a grande admiração que os responsáveis e os educadores possuem entre si. Os laços de amizade foram fortalecidos com o tempo e o carinho pelos outros companheiros sempre é destacado. As reuniões após a vitória da escola se tornaram motivo para longas conversas e compartilhamento de lembranças, que a cada momento, se torna mais ainda coletiva. Como diz Halbwachs a respeito do processo de construção da memória,

Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro (2006, p. 29-30).

Marcia Cristina conta que a intensa convivência com as pessoas a marcou profundamente, pois gerou muito aprendizado: “a vivência que eu tive com cada uma daquelas pessoas eu carrego até hoje”. Andrea Filardi tenta explicar um pouco dos seus sentimentos acerca dos demais participantes:

A gente se encontrava à noite na casa de um, fim de semana na casa de outro, a gente marcava nos lugares e com isso começou essa amizade que é muito profunda [...] eu não os conhecia direito, apenas na rotina escolar e de repente eles viraram pessoas que estão para sempre em meu coração [...] acho interessante que essa amizade se fortalece no comportamento de um grupo mesmo. Um dia eu chegava dizendo que a gente não iria conseguir nada, tudo isso estaria sendo em vão, aí vinha outro e dizia: “não, Andrea, vamos acreditar!” No outro dia outro vinha mal e eu estava bem, eu dizia que iríamos conseguir, nem que eu me amarrasse ao portão.

Uma das minhas indagações realizadas nas entrevistas era sobre a dimensão do prédio escolar. Por que a comunidade não aceitava a troca de prédio? O que os ligava àquele ambiente? Diante disso, foi comum ouvir diversas defesas, principalmente relacionando a constituição da Friedenreich com a concepção de lugar, um ambiente que é investido, simbolizado e construído socialmente pelos que o frequentam e vivenciam. “Se a escola é demolida e a gente muda para outro prédio, não seria mais a Friedenreich, a alma da escola iria morrer”, disse a professora Aline Mora. O contexto da instituição estava ligado organicamente àquele lugar e sua mudança descaracterizaria todo o conjunto de relações entre humanos e não-humanos ali construído. Esse foi um dos principais motivos da comunidade não abrir mão do prédio para trocá-lo por uma

construção “mais moderna” em outro endereço. A defesa do prédio em sua origem se tornou um dos principais pontos para garantir a verdadeira identidade do grupo.

Eu achei que demolir a escola era um absurdo. Além de ser uma escola que eu idealizei em meu sonho, era uma injustiça demolir uma escola dessa e nem transferir para outro lugar, porque aqui era o lugar dela. Não adianta você pegar todos os móveis e enfiar em outro prédio. Eu achava que aqui era o espaço dela, foi feita para cá, então eu lutei por isso (ILZA ROTHIER).

A escola torna-se um patrimônio para sua comunidade. As sensações produzidas por cada pessoa que passou ali estão ancoradas nas fotografias, no boletim escolar, no histórico escolar, nos trabalhos e, mais atualmente, nas publicações disponibilizadas na internet. Nesse sentido, sua instalação física engloba essa concepção, assim como as características identitárias da comunidade escolar, em que geralmente identificamos continuidade suas práticas, mesmo após anos. Derrubá-la impede a materialização de todos esses contextos que se unem em forma de escola.

Quando Rosângela Passos relembra da longa luta travada, manifesta uma grande alegria e um desejo muito profundo: “É uma coisa que eu falo e sempre me emociono. Estará para sempre em minha mente e em meu coração e eu ainda quero ver meu neto estudando na Friedenreich”. Ela aproveita sua fala para expressar seu amor pela instituição e como a considera como parte de sua família:

A escola básica do meu filho é a continuação da minha família. Porque a escola é parte da gente. Não tem como ter um filho cidadão sem escola e a Friedenreich é esse braço da minha família. Eu espero realmente que a minha família ainda possa ter várias histórias ligadas à Friedenreich. Gostaria de ter mais filhos para que todos tivessem o amor de estudar na Friedenreich. Por tudo que já vi, é uma história de amor, de amor dos professores, de amor dos pais pela escola, da diretoria, dos servidores, de todos que trabalham na Friedenreich, todos trabalham com o amor (ROSANGELA PASSOS).

Marcia Cristina diz que quando passa pela escola sempre fica orgulhosa em vê-la de pé e atendendo com excelência seus alunos. “Ela é da comunidade, é do povo carioca. Já tem cinco anos que meu filho saiu e a escola está lá no lugar dela, servindo ao carioca. Escola municipal é do povo, nós saímos e a escola ficou, porque é do povo”, completa.

O legado da luta deve permanecer ativo na prática escolar e a memória colabora para essa existência como o sentimento de coerência a partir da reconstrução identitária do próprio grupo (POLLAK, 1992). Tornar os alunos conscientes do lugar que habitam é fortalecê-los politicamente. “A história da luta da Friedenreich tem que estar no currículo da escola, é um exemplo de como a luta vale a pena”, diz Aline. Já Aurea pontua que a memória fortalece o

vínculo entre os sujeitos: “Ela faz com que os alunos e os familiares se tornem cada vez mais fortes, mostra para os políticos como somos perigosos para eles, pois essa escola se fortaleceu muito. Ela tem uma história importante”.

Acredito que o estreitamento dos vínculos pode ser trabalhado interdisciplinarmente por meio da Educação Patrimonial que, nesse caso, foi descrito por Rodrigues e Gomes:

A Educação Patrimonial promove a conscientização da sociedade sobre a importância do patrimônio ao estimular a ideia de preservação e fortalece os sentimentos de identidade e cidadania. É um processo educativo, baseado em metodologias que devem levar em consideração as particularidades do público com o qual se irá trabalhar e os contextos e lugares, de forma a proporcionar a esse público experiência distinta da que vive, partindo de uma perspectiva não apenas limitada a transmitir informações ou apresentar o que é reconhecido e estabelecido como patrimônio oficialmente” (2021, p.67).

Por isso, é essencial considerar as contribuições de Pierre Nora (1993) sobre a não espontaneidade da memória, tornando os registros a garantia de manutenção dessa cultura. “Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria” (NORA, 1993, p. 13). Carlos afirma que a escola deve reconhecer em seu PPP que seus sujeitos são consequências de uma luta histórica: “Resgatar a memória é importante porque novas adversidades podem surgir e a escola precisa estar preparada” (CARLOS EHLERS). Ao ser questionado sobre o significado da trajetória de quatro anos lutando pela Friedenreich, Carlos Ehlers responde emocionado:

A data em que o Cabral soltou a nota dizendo que a escola não seria mais demolida foi um momento que não há dinheiro que compre. A sociedade tem o potencial de ação, de transformação. Eles querem que não acreditemos nisso, o poder dominante não quer que participemos. A escola mostrou a capacidade de enfrentamento de pessoas simples, de donas de casa que nunca haviam entrado em uma luta dessa maneira. Pensam que determinadas coisas são impossíveis, mas aprendemos que nada é impossível de mudar a partir do momento que a sociedade esteja incluída nesse processo, por isso é importante o debate político dentro da escola. Precisamos quebrar esses paradigmas, essas barreiras sociais inventadas. O sujeito humano precisa ser protagonista da história dele. Embora a comissão de pais tenha recebido muito apoio do Meu Rio, das mídias internacional e alternativa, foram eles os protagonistas dessa história, foram sujeitos que fizeram a história acontecer. Eu fui uma das lideranças, mas a vitória não foi minha, sim da comunidade escolar contra todo o pensamento dominante contrário, da força política que agia contra nós, as empreiteiras que agiam pelas costas com seus interesses e nós entramos nessa arquitetura de poder e conseguimos. Foi uma vitória de pessoas comuns, do cotidiano escolar. Houve um laço de solidariedade com a escola que criou vínculos. O processo foi criando as táticas que tomaram grandes dimensões e foram se encaixando em nosso propósito. Eles não nos consideram como ser humanos, eles nos veem como objetos. Não somos objetos, somos sujeitos que fazemos nossa história.

Juliana Araújo complementa que os aprendizados adquiridos na Friedenreich vão além da questão acadêmica: “Significou muito para mim em todos os âmbitos da minha vida e que eu levo com muita referência e inspiração”. Mesmo após 8 anos sem visitar a escola, ainda é

possível perceber o quanto os momentos vividos naquele lugar foram importantes: “Aprendi muito sobre a força de uma comunidade unida, sobre resistência, sobre luta e são coisas que trago para minha vida até hoje”.

Luiz Fábio reconhece que a formação que possui hoje teve início na Friedenreich e que estaria disposto a defendê-la novamente caso fosse ameaçada. “Eu passei quase metade da minha vida estudando na Friedenreich. Ou seja, a formação da pessoa que eu sou hoje teve início nesta escola. Estudar nesta escola foi uma experiência única”, pontua.

As entrevistas, além de contribuir bastante com a reconstrução deste processo, também proporcionam reflexão aos participantes, que se emocionam e se reconhecem como sujeitos que construíram vínculos com o lugar que jamais serão esquecidos.

A gente nem tem noção do que a gente fez, do quão importante foi. Olhando para trás que a gente vê isso tudo. Nem me dava conta da importância que eu tive para a escola estar lá hoje. A gente não tem a dimensão da importância que foi tudo isso, já que se passaram tantos anos. Foi tão bom, dá um sentimento bom em ver a escola ali. Às vezes a gente não tem noção de como fazemos parte disso tudo (MARCIA CRISTINA).

Faz parte da nossa sociedade atual a atração pela preservação patrimonial. Produzimos muitas informações instantaneamente, ao mesmo tempo que as perdemos de forma generalizada (VIDAL, 2005). O cuidado em “guardar” surge como mecanismo de proteção da própria identidade, possibilitando sua continuidade. Vemos o uso do arquivo como um ótimo aliado para a prática pedagógica, oferecendo amplas possibilidades de reflexão e (re)conhecimento entre a comunidade e sua instituição de ensino. Entretanto, iniciativas que almejam a correta preparação da massa documental ainda são insuficientes, principalmente nas escolas.

Integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere) (VIDAL, 2005, p. 23/24).

O ambiente escolar é amplo, formado por muitos profissionais, todavia, não há arquivistas ou bibliotecários para destinarem corretamente o uso dos documentos. Os gestores e educadores, apesar de possuírem boa vontade, não são treinados tecnicamente para exercerem funções que não foram formados, causando perda de informações de suma importância para a construção histórica das práticas pedagógicas naquele ambiente.

A produção de registros faz parte do ser humano em praticamente todas as suas trajetórias. Guardá-los, ou não, está condicionado sempre a uma escolha. No caso dos acervos escolares, grande parte é composta por históricos escolares, boletins, relatório de desempenho,

ficha do aluno etc., nos quais possuem sua guarda já garantida em lei. Dessa maneira, as informações relativas à vida escolar podem ser requisitadas pelo próprio estudante ou por seus responsáveis a fim de regularizar sua vida acadêmica, por exemplo. O acúmulo destes documentos faz parte da rotina administrativa, porém, como ficam outras produções que podem colaborar com a própria história da instituição? Considerando a necessidade de o arquivo ser compreendido como instrumento pedagógico potencializador de aprendizagens (RODRIGUES; GOMES, 2021), não percebemos políticas públicas que estejam efetivamente preocupadas com a memória. Muitas fotografias, vídeos e publicações em jornais, revistas ou redes sociais relacionadas à unidade de ensino, por exemplo, são acumulados a partir de iniciativas dos próprios funcionários que se preocupam com o compartilhamento destes dados tão importantes para a preservação da identidade institucional.

Devemos desconstruir a imagem do arquivo como o “celeiro de documentos” (VIDAL, 2005), já que ele possui amplas possibilidades, caso a documentação seja tratada com os mínimos parâmetros arquivísticos. “Os arquivos, assim, ao mesmo tempo que devem conservar documentos, precisam ser investidos de uma aura simbólica, gerando um vínculo afetivo entre presente e passado” (VIDAL, 2005, p. 19). No caso da cidade do Rio de Janeiro, há diversas escolas com grande importância na formação do espaço urbano, mas não possuem estruturas mínimas que garantam um bom tratamento de seus ricos acervos. É comum percebermos o enriquecimento do arquivo das instituições de ensino a partir de propostas isoladas de algumas escolas, fruto de um trabalho de educadores que buscam entrelaçar arquivos e educação. A partir dessa construção, há o reconhecimento de que as documentações são produções orgânicas que fazem diretamente parte do lugar.

Ao expandir suas funções e se projetar enquanto espaço que não apenas serve a demandas de administradores, juristas e historiadores, o arquivo passa a funcionar como espaço de cultura, educação, memória, história, enfim, de pertencimento para toda sociedade (RODRIGUES; GOMES, 2021, p.65).

A ação educativa surge com a construção de um vínculo entre o educando e o arquivo, tornando-o parte do cotidiano. A experiência a partir da difusão dos acervos deixa o PPP mais amplo, proporcionando ao docente maiores recursos. Entretanto, é importante salientar que a “ação educativa surge como uma proposta que ‘nasce’ com objetivo voltado para aprendizagem, no sentido de potencializar a experiência do sujeito. A experiência ganha um significado para o sujeito e faz com que ele retorne” (RODRIGUES; GOMES, 2021, p.66). Afinal, este trabalho buscou juntar todos estes tipos de fontes, construindo um arquivo vivo sobre este processo de luta da escola, que pode ser revisto e realimentado constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos o caráter dialético da história nos envolve e, por isso, os apontamentos colocados neste trabalho não são considerados como definitivos. Buscamos percorrer detalhes que teceram a formação da Escola Municipal Friedenreich enquanto uma instituição de ensino marcada por uma comunidade escolar que, diante da ameaça de demolição, articulou-se politicamente e construiu diversas formas de resistências.

Nosso processo de investigação considerou o contexto na formação da escola, inclusive com uma pequena análise da trajetória de seu patrono, Arthur Friedenreich e do Complexo do Maracanã, iniciado pela construção próprio estádio e as demais instituições de seu entorno. No entanto, analisamos com maior profundidade os anos de 2009 a 2013, período de tentativa de demolição no prédio escolar e sua transferência para um bairro próximo. O lugar ocupado pela escola era um dos alvos do conjunto de interesses e pressões que giravam em torno da cidade do Rio de Janeiro, no contexto dos megaeventos esportivos.

O caminho traçado com o leitor apresentou uma escola reconhecida pela qualidade de seu ensino, em pleno funcionamento, com bons equipamentos, alunos e professores, localizada em uma região de fácil acesso, com várias opções de transporte e serviços. Entretanto, características como essas não foram suficientes para interromper, por pelo menos quatro anos, a intenção do Governo do Estado – chefiado então pelo governador Sérgio Cabral – em substituir as instalações da E. M. Friedenreich por um empreendimento lucrativo.

As narrativas e os documentos estudados durante dois anos deixaram claro o tamanho do desafio da comunidade escolar em sustentar um contradiscurso que pudesse convencer, principalmente a população, em geral, que a maioria daquelas obras faraônicas estavam relacionadas à corrupção e à especulação imobiliária e que não havia justificativa plausível para demolir a escola. Após muita batalha a escola que atende crianças até o primeiro segmento do Ensino Fundamental buscou parcerias e conseguiu ser vista, ouvida e apoiada por milhares de pessoas, criando vínculos que permanecem sólidos até os dias atuais.

A pesquisa analisou vários atos e manifestações em que a comunidade escolar da E. M. Friedenreich esteve presente, identificando parcerias com ONGs, movimentos que colaboraram com a divulgação da causa da unidade de ensino e representantes da sociedade civil. Além disso, realizamos entrevistas com responsáveis, alunos e educadores que vivenciaram de forma mais intensa a resistência da escola, possibilitando o compartilhamento de detalhes que busquei explorar nesta dissertação.

Além de fornecer aos atuais e futuros membros escolares mais um mecanismo de busca e consulta sobre sua unidade ensino, a sistematização e análise deste caso permitiu revelar a dimensão educativa da mobilização coletiva e o processo de socialização política até então inédito para diversos atores da comunidade escolar engajados na luta pela permanência da instituição. Além disso, este trabalho é uma contribuição que pretendo deixar como homenagem aos sujeitos escolares que viveram intensamente esta luta.

Com sua vitória, a E. M. Friedenreich se tornou referência para muitas outras instituições de ensino, mostrando a necessidade em ter uma comunidade escolar engajada politicamente nas decisões que afetam o futuro dos sujeitos escolares. A não aceitação de determinações governamentais pela escola foi um fator primordial, já que seus membros foram responsáveis por tornarem viáveis as articulações e revelar para a sociedade os interesses obscuros e injustificáveis para sua remoção. A formação e o fortalecimento político dos sujeitos que habitam a escola e que não se submeteram às determinações injustas do governo, foi uma das principais causas para a resistência da E. M. Friedenreich no Maracanã.

Este foi um movimento que questionou as ações de políticos que agiam sob influência de capitalistas e que demandou por uma cidade mais transparente, participativa e democrática. Entendemos que a permanência da unidade escolar naquele espaço ainda é uma forma de resistência e disputa política, na qual poderá ser fortalecida a partir da construção de um projeto pedagógico que leva em consideração o papel da instituição naquele lugar.

Paula e Paula (2011) colocam que a periferia não necessariamente é considerada um espaço geográfico à margem da cidade, mas sim invisível à sociedade, inclusive sofrendo com tentativas de desprezo em suas produções. Por isso, entendemos que a escola é uma instituição periférica, mesmo em situações que ocupa um lugar geograficamente valorizado, como é o caso da E. M. Friedenreich, já que sua presença foi desvalorizada ao ponto de buscarem removê-la de sua origem.

A E. M. Friedenreich foi criada em conexão ao Complexo Esportivo do Maracanã e é ali que deve continuar para atender a sua comunidade. Como cidadãos, nos resta seguir cobrando do Estado escolas “padrão-FIFA” e que nossas crianças tenham garantido o direito de exercitarem sua cidadania.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BIANCHI, Paula. Paes chama de demagogia protestos contra demolição de escola. Terra, Rio de Janeiro, 28 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/paes-chama-de-demagogia-protestos-contrademolicao-de-escola,1b18af97a555b310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>. Acesso em 28 ago. 2021.

CARDOSO, Cristiane. Grupo faz ato contra a entrega do Maracanã para a iniciativa privada. G1, Rio de Janeiro, 16 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/03/manifestantes-fazem-ato-no-rio-contraprivatizacao-do-maracana.html>>. Acesso em: 06 set. 2021.

CASTRO, Demian Garcia. "*O Maraca é Nosso!*": da "monumentalidade das massas" ao padrão-FIFA" - neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã. 2016. 258 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CASTRO, Demian Garcia; GAFFNEY, C. T. ; NOVAES, P. R. ; RODRIGUES, J. ; SANTOS, C. P. ; SANTOS JUNIOR, O. A. . O projeto olímpico da cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre os impactos dos megaeventos esportivos na perspectiva do direito à cidade. In: Demian Garcia Castro; et al. (Org.). Rio de Janeiro: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. 1ed. Rio de Janeiro: *Letra Capital / Observatório das Metrôpoles*, 2015, p. 11-40.

COSTA, Alexandre da. *O tigre do futebol: Uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich*. São Paulo: DBA, 1999.

DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DODEBEI, Vera; WERNECK, Marcela. Movimentos Sociais e a demolição do Complexo do Maracanã. CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. *Anais...* Salvador: UCSal, 8 a 10 de outubro de 2014, n3, v. 21, p. 47-60.

DUARTE, Luiz Carlos. *Friedenreich: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiro*. São Caetano do SUL, SP: Casa Maior Editora, 2012.

FILARDI, Andrea. Perfil no Facebook. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://web.facebook.com/andrea.filardi2>>. Acesso em 22 dez. 2021.

FREIRE, Leticia de Luna. Qual o lugar das favelas no Rio dos megaeventos? In: Rafael Soares Gonçalves; Mario Brum; Mauro Amoroso. (Org.). *Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas*. 1ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Pallas, 2021, v. 1, p. 233-257.

FREIRE, Leticia de Luna. 'A Olimpíada traz mais do que só a Olimpíada': megaeventos esportivos e direito à cidade no Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio De Janeiro*, v. 17, p. 71-95, 2019a.

FREIRE, Leticia de Luna. Uma aldeia na 'cidade maravilhosa': conflito e resistência indígena no Rio de Janeiro. *LATITUDE*, v. 13, p. 97-120, 2019b.

FREIRE, Leticia de Luna. Quando a cidade olímpica não é para todos: o caso da Vila Autódromo, RJ. *Advir (ASDUERJ)*, v. 35, p. 74-83, 2016.

FREIRE, Leticia de Luna. Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. *O Social em Questão*, ano 16, n. 29, p. 101-128, 2013.

FRIEDENREICH comparece a reunião de escola. *Jornal do Brasil*, [Rio de Janeiro], 1 caderno, p. 17, 29 set. 1965. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=&pagfis=74558>. Acesso em: 5 jun. 2021.

FUNDOU-SE, em São Paulo, uma associação de defesa dos jogadores de football. *A Noite*, [Rio de Janeiro], 3 ed., p. 2, 28 jan. 1933. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1933_07608.pdf>. Acesso em 09 abr. 2020.

GARES, Débora. Manifestantes protestam contra derrubadas no Complexo do Maracanã e no entorno. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 01 dez. 2012. Disponível em:

<<https://extra.globo.com/noticias/rio/manifestantes-protestam-contraderrubadas-no-complexo-do-maracana-no-entorno-6901248.html>>. Acesso em: 29 de ago. 2021.

GOMES, Guilherme Santos. *A importância dos registros documentais para a (re)construção da identidade dos sujeitos da Escola Municipal Friedenreich*. 56 p. Monografia (graduação em Arquivologia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GOMES, Guilherme Santos; GOMES, Priscila Ribeiro. E. M. Friedenreich no Maracanã: a importância dos registros documentais para a (re)construção dos sujeitos escolares. In: KOYAMA, Adriana Carvalho; PARRELA, Ivana; PRADO, Guilherme do Val Toledo; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. (Org.). *Memórias, narrativas e suas linguagens: arquivos, mídias e educação para outros devires*. 1ed. Campinas: Editora FE UNICAMP, 2021, v. 1, p. 297-310.

GOMES, Victor Arouca. Maracanã sustentável: um estudo sobre a questão ambiental nos megaeventos esportivos. *Espaço e Economia*, v. IV, p. 1-14, 2015.

GOMIDE, Raphael. Projeto do Maracanã para a Copa prevê destruição de escola-modelo. *Folha de São Paulo* [São Paulo], online, 04 nov. 2009. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0411200928.htm>>. Acesso em 19 jun. 2021.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

JASPER, James Macdonald. *Protesto: uma introdução aos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 7ª ed. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Concessão do Maracanã devolverá ao estado menos de 30% do que foi investido na reforma. *EXTRA DIGITAL*, 22 out. 2012. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/concessao-do-maracana-devolvera-ao-estado-menos-de30-do-que-foi-investido-na-reforma-6474949.html>>. Acesso em 11 maio 2020.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. *Estudos Avançados*, vol.13, n.37, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141999000300009>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

MELLO, Igor. Prefeitura mantém alunos na Escola Friedenreich, apenas em 2013. *Jornal do Brasil* [Rio de Janeiro], online, 29 dez. 2012. Disponível em: <https://www.jb.com.br/index.php?id=/acervo/materia.php&cd_matia=651061&dinamico=1&preview=1>. Acesso em 29 ago. 2021.

MENEZES, Palloma. Teorias dos rumores: comparações entre definições e perspectivas. Dossiê Sociologia e Antropologia dos Rumores. *Sociabilidades Urbanas* – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 4, n. 12, pp. 21-42, novembro de 2020. ISSN 2526-4702.

MEROLA, Ediane. Pais e alunos protestam contra a demolição de colégio no Maracanã. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 06 nov. 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/paisalunos-protestam-contrademolicao-de-colegio-no-maracana-194282.html>>. Acesso em 15 jan. 2021.

MEU RIO. *Campanha - Vamos manter a escola de pé!*. Rio de Janeiro, 30 out. 2012. Facebook: meurio. Disponível em: <<https://web.facebook.com/media/set/?set=a.494051650627412&type=3>>. Acesso em 05 jan. 2021.

MEU RIO. Essa escola somos nós!. Youtube, 14 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BDrSYKC-8IA>>. Acesso em 01 set. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993, n. 10.

PAULA, Luciane de; PAULA, Sandra Leila de. No centro da periferia, a periferia no centro. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, p. 107-121, 2011.

PINHA, Daniel. Junho de 2013: crítica e abertura da crise da democracia representativa brasileira. *Revista Maracanan*, v. 18, p. 83-110, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROJETO para salvar a Escola Friedenreich, no Rio, confia no poder da internet. *Revista Galileu*, [São Paulo], 21 dez. 2012, online. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI327322-17770,00-PROJETO+PARA+SALVAR+A+ESCOLA+FRIEDENREICH+NO+RIO+CONFIA+NO+PODER+NA+INTERNE.html>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PROTESTO contra demolição de escola municipal por causa da copa de 2014. *SRZD*, [Rio de Janeiro], online, 07 out. 2009. Disponível em: <<https://www.srzd.com/brasil/protesto-contrademolicao-de-escola-municipal-por-causa-da-copa-de-2014/>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

QUAINO, Lilian. Câmara aprova campo de golfe na reserva de Marapendi, no Rio. G1, Rio de Janeiro, 20 dez. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/12/camara-aprova-campo-de-golfe-na-reserva-de-marapendi-no-rio.html>>. Acesso em: 06 set. 2021.

RESENDE, José Manuel; CAETANO, Pedro Jorge. Socialização Política na Escola Secundária Portuguesa. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, v. 20, p. 317-330, 2010.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Unicamp, 2013.

RIO DE JANEIRO (RJ). Decreto Municipal nº 37530, de 9 de agosto de 2013a. *Determina o tombamento provisório do imóvel sito à Avenida Maracanã, 350, no bairro Maracanã, atualmente ocupado pela Escola Municipal Friedenreich*. Disponível em: <https://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/44787Dec%2037530_2013.pdf>. Acesso em 21 jan. 2021.

RIO DE JANEIRO (RJ). Lei Municipal nº 5638 de 6 de dezembro de 2013. *Tomba, por interesse educacional e social, a Escola Municipal Friedenreich, no Complexo do Maracanã*. Disponível em: <<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/b24a2da5a077847c032564f4005d4bf2/56f33ed8993f45ba03257c390054ad4c?OpenDocument>>. Acesso em 19 maio 2021.

RIO DE JANEIRO (RJ). Lei nº 5.638, de 6 de dezembro de 2013b. *Tomba, por interesse educacional e social, a Escola Municipal Friedenreich, no Complexo do Maracanã*. Disponível em: <<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/7cb7d306c2b748cb0325796000610ad8/56f33ed8993f45ba03257c390054ad4c?OpenDocument&Highlight=0,5638>>. Acesso em 21 jan. 2021.

RIO DE JANEIRO (Estado). MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. 1ª Promotoria de Justiça e Tutela Coletiva de Proteção à Educação da Capital. *ATA da reunião realizada no dia 08 de novembro de 2012*.

RIO DE JANEIRO (Estado). MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. 1ª Promotoria de Justiça e Tutela Coletiva de Proteção à Educação da Capital. *ATA da reunião realizada no dia 13 de novembro de 2012*.

RODRIGUES, Fernanda da Silva; GOMES, Priscila Ribeiro. Arquivologia e educação. *P2P & INOVAÇÃO*, v. 7, p. 63-87, 2021. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/p2p/article/view/5628>> Acesso em 22 maio 2021.

SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos; NOVAES, Patricia. Ramos. O Projeto Olímpico da Cidade do Rio de Janeiro: investimentos públicos e participação do setor privado. In: CASTRO, Demian Garcia; GAFFNEY, Christopher; NOVAES, Patricia Ramos; RODRIGUES, Juciano Martins; SANTOS, Carolina Pereira dos; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. (Org.). *Rio de Janeiro os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, p. 41-62.

SANTOS, Edmilson. A representação dos campos de várzea: um espaço de memória. *História: Questões e Debates*, v. 47, p. 203-215, 2007.

SERGIO, Renato. *Maracanã, 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SIMAS, Luiz Antonio. Memória Demolida. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 dez. 2012. Opinião. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em 30 dez. 2021.

SOARES, Renata. Paes diz que escola do Maracanã ficará em um lugar melhor. *GI*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/11/paes-diz-que-escola-do-maracana-ficara-em-um-lugar-melhor.html>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: Rosa Fátima de Souza; Vera Teresa Valdemarin. (Org.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-30.

APÊNDICE – Roteiro das entrevistas.

Nome:

Idade:

Bairro de residência:

Formação:

Profissão:

Quando/como iniciou seu vínculo com a Friedenreich?

Você já havia participado anteriormente de algum movimento social?

Sobre o movimento de resistência da escola, como iniciou sua participação nele?

Havia, de fato, abertura para a comunidade discutir, planejar e se organizar dentro da própria escola?

Política se aprende na escola?

Quais são suas lembranças sobre a ameaça de demolição da escola?

Houve mudanças em suas concepções políticas após esse processo?

E se novamente a escola fosse ameaçada, você estaria disposta a colaborar com o movimento de resistência?

Contribuiria, futuramente para a formação de um Centro de Documentação e Memória na Friedenreich?

Por fim, o que significa a E. M. Friedenreich em sua vida?